



**POLITÉCNICO
DE LEIRIA**

ESCOLA SUPERIOR
DE EDUCAÇÃO
E CIÊNCIAS SOCIAIS

DO LAPEDO A SANTA EUFÉMIA
A EXPRESSÃO ARTÍSTICA COMO VEÍCULO DE CONHECIMENTO E
APROXIMAÇÃO DA COMUNIDADE

Relatório de Projeto

Sofia Aranda Duarte Teixeira

Trabalho realizado sob a orientação de

Sandrina Milhano, ESECS

Clara Leão, ESECS

Leiria, 2022

Mestrado em Intervenção e Animação Artísticas

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS

POLITÉCNICO DE LEIRIA

AGRADECIMENTOS

Endereço votos de agradecimento a todas as pessoas que me acompanharam ao longo deste percurso académico.

Agradeço à minha família por me apoiar nos momentos desafiantes deste caminho. Aos meus amigos, sempre presentes com uma palavra de força, lembrando-me das minhas capacidades, agradeço profundamente.

Aos meus colegas de curso, agradeço a oportunidade de ter aprendido com todos eles ao longo destes dois anos de mestrado. Á Lara, colega de curso e amiga, obrigada pela criatividade partilhada e pela ajuda na preparação da exposição final deste projeto.

Aos meus professores, a minha gratidão pelas aprendizagens em vários domínios que tanto contribuíram para o meu enriquecimento profissional.

Um agradecimento querido às crianças participantes neste projeto, fonte de tantas aprendizagens e ensinamentos, que me ajudaram a progredir enquanto pessoa e profissional. Guardo recordações belíssimas dos dias vividos com elas. Às suas famílias, à animadora e aos idosos do Lar Eira da Torre, a minha gratidão pela participação neste projeto. Outro agradecimento importante é dirigido às educadoras e auxiliares do jardim-de-infância de Santa Eufémia que apoiaram incondicionalmente todo o desenvolvimento do projeto, apresentando-se, sempre, extremamente prestáveis, disponíveis e amáveis.

Agradeço aos profissionais da Junta de Freguesia de Santa Eufémia pela cedência do espaço para a exposição dos trabalhos resultantes deste projeto.

Ao António Palmeira, agradeço os ensinamentos, a partilha de ideias e a ajuda na preparação do “Boneco do Lapedo” - uma das atividades muito importantes deste projeto.

Um agradecimento especial às minhas Orientadoras. Professora Sandrina Milhano, muito obrigada por todo o apoio e conhecimento transmitidos de forma tão serena e confiante. Professora Clara Leão, sou grata por ter a oportunidade de ser ouvinte de toda a sua sabedoria, por tê-la como mentora neste e noutros percursos da minha vida. Agradeço a constante orientação, motivação e apoio neste projeto. Obrigada por acreditar em mim.

RESUMO

O presente relatório aborda o projeto do “Lapedo a Santa Eufémia” que aconteceu com as crianças do Jardim de Infância de Santa Eufémia, em Leiria. A necessidade de entrosamento entre os membros da comunidade e de reconhecimento do seu próprio património levou a ter como principal objetivo a promoção de uma aproximação da comunidade (as crianças, as suas famílias e os idosos do Lar Eira da Torre) através de um trabalho criativo que valorizasse o património cultural local. A partir das crianças foram desenvolvidas atividades criativas e lúdicas, recorrendo a diferentes linguagens artísticas, que tiveram como mote o livro infanto-juvenil “O Menino do Lapedo”, escrito para fazer compreender a descoberta arqueológica de ossadas de uma criança de cinco anos, no Vale do Lapedo, em Santa Eufémia. As atividades refletiram temáticas tais como: Como vivia o Menino do Lapedo e como é que nós vivemos? Como é que ele brincava? Como brincam as crianças de hoje? A família na pré-história e as famílias do "hoje", como são? E quais são as diferenças nas roupas? Como se faz, e se fazia, música? As crianças e seus familiares participaram em oficinas, no Museu de Leiria, em torno da história da descoberta arqueológica, foi organizada uma visita familiar ao Vale do Lapedo, e ocorreram três encontros com os idosos, também sob esta temática. O projeto teve uma repercussão positiva nos participantes, tendo em conta que o envolvimento foi constante do início ao fim, com manifestações de muito interesse e contentamento. Os participantes valorizaram o facto de o projeto enaltecer o património cultural local.

Palavras-chave

Crianças, Famílias, Idosos, Comunidade, Linguagens Artísticas,
Património Cultural

ABSTRACT

This report deals with the "Lapedo a Santa Eufémia" project which took place with the children of the Santa Eufémia kindergarten in Leiria. The need to bring together the members of the community and to recognise their own heritage led to the main objective of promoting an approximation of the community (the children, their families and the elderly from the Eira da Torre nursery school) through creative work that would value the local cultural heritage. Creative and playful activities were developed with the children, using different artistic languages, which were based on the children's book "O Menino do Lapedo", written to make the archaeological discovery of the bones of a five-year-old child in the Lapedo Valley, in Santa Eufémia, understood.

The activities reflected themes such as: How did the boy from Lapedo live and how do we live? How did he play? How do today's children play? The family in prehistory and the families of "today", what are they like? And what are the differences in clothes? How is, and was, music made? The children and their families participated in workshops, in the Museum of Leiria, around the history of the archaeological discovery, a family visit to the Lapedo Valley was organised, and there were three meetings with the elderly, also under this theme.

The project had a positive repercussion in the participants, taking into account that the involvement was constant from the beginning to the end, with manifestations of great interest and contentment. The participants valued the fact that the project praised the local cultural heritage.

Keywords

Children, Family, Elderly people, Community, Artistic Languages,
Local Heritage

ÍNDICE

Do Lapedo a Santa Eufémia

Agradecimentos	II
Resumo	IV
Abstract	V
Índice	VI
Abreviaturas	XI
Introdução	1
I Enquadramento teórico	3
1.1 Educação Artística	3
1.2 A Educação Artística no âmbito da Infância	8
1.3 Práticas Artísticas e Cultura Local em Comunidade	14
1.4 A Educação Artística na Relação Triangular entre Escola, Família e Comunidade	20
II Metodologia de Investigação	26
2.1 A Investigação Ação-Participativa	26
2.2 Tipo de Estudo	28
2.3 Técnicas e Instrumentos de recolha de dados	28
2.4 A Investigação no Projeto “do Lapedo a Santa Eufémia”	31
2.4.1 Diagnóstico de Necessidades e Problemática	31
2.4.2 Pergunta de Partida	34
2.4.3 Objetivo Geral	34
2.4.4 Objetivos Específicos de Investigação	34
2.5 Conceito de Avaliação	35
III Metodologia de Intervenção	36
	VI

3.1 Objetivos de Intervenção – Geral e Específicos	40
IV Caracterização do Contexto	40
4.1 Caracterização da Freguesia	40
4.2 Participantes e Envolvidos no Projeto	42
V Desenvolvimento do Projeto “Do Lapedo a Santa Eufémia”	45
5.1 Descrição do Jardim-De-Infância de Santa Eufémia – Contexto e Dinâmicas	45
5.2 Ponto de Partida – Conhecer os Participantes	47
5.3 Atividades Exploratórias – Aproximação às Crianças e Descoberta de um Mote	51
5.4 Desenvolvimento do Projeto “Do Lapedo a Santa Eufémia”	55
VI Apresentação, Discussão e Análise dos Resultados	116
Conclusões	129
Referências bibliográficas	133
Anexos	137
Anexo 1 “Consentimento e Autorização”	137
Figura 1 – Brincadeiras Favoritas – Exemplos	138
	143
Figura 2 – Brincadeira com o giz	144
Figura 3 – Processo da Atividade “O que eu Mais Gosto na Minha Escola é...”	144
Figura 4 – Processo “o Meu Brinquedo favorito é...”	145
Figura 5 – Resultado da “Pintura maluca”	145
Figura 6 – “Pintar Livremente”	146
Figura 7 – “Livre Pintura!”	147
Figura 8 – O Livro “O Menino do Lapedo”	148
Figura 9 – Partes dos Livro	148
figura 10 – A Primeira Gruta	149

figura 11 – “Construir e Viver na Gruta” (Imagens de um vídeo)	150
figura 12 – “Gruta, Fogueiras e...Teatro de Sombras!”	151
Figura 13 – “Fogueiras Criativas!”	152
	153
	153
Figura 14 – “Atividade Final da Semana – Grutas, Fogueiras, Teatro de Sombras”	154
	154
Figura 15 – Pinturas Rupestres Individuais	155
Figura 16 - Pinturas Rupestre Coletiva	156
	157
Figura 17 – “Marca da Mão no Mundo”	158
Figura 18 – “Desafio em Família – Palavras Engraçadas em Bebê” – Alguns Exemplos	159
Figura 19 – Montagem do Boneco do Lapedo	160
	160
	160
Figura 20 –Teatro de Martionetas e Oficina Chapéus de Esponja no Museu de Leiria	161
Figura 21 – Pintar o Boneco do Lapedo e Fazer Desenho da Montagem	162
	163
	163
Figura 23 – Pôr o Cabelo ao Boneco do Lapedo	164
Figura 24 – Preparação do Encontro com o Lar	165
	165
	166

Figura 25 – Conversa com o Boneco do Lapedo antes do Primeiro Encontro com o Lar	167
Figura 26 – Primeiro Encontro com o Lar	168
	168
	169
	169
	169
Figura 27 – Visualização do Vídeo com Fotos do Projeto	170
	170
Figura 28 – Celebração do Dia Mundial da Dança com o Lar	171
	171
	171
	172
Figura 29 – Decoração dos Portfólios – Desenho, Pintura e Estampagem de FOLHAS	173
	173
Figura 30 – A Família do Menino do Lapedo – Atividade com caixas de ovo	176
Figura 31 – Visita das Famílias ao CIALV	180
Figura 32 – Brincadeiras Típicas de Infância	181
Figura 33 – “Fotografias das famílias” - Exemplos	186
Figura 34 – Visita do avó Hernâni – Brincar ao peão	187
Figura 35 – Último Encontro com o Lar – Pinturas Rupestres	188
Figura 36 – Visita familiar ao Vale do Lapedo	188
Figura 37 – Atividade Favorita do Projeto	191
Figura 38 – Preparação e Montagem da Exposição	193
	198

Figura 39 – Montagem d Exposição -Ida ao Auditório	199
Figura 40 “A Exposição do Lapedo a Santa Eufémia”	200
Figura 41 – Visita das crianças do JI, Restantes Famílias e Lar Eira da Torre à exposição	216

ABREVIATURAS

AAAF - Atividades de Animação e Apoio à Família

CEML 2030 - Carta Educativa do Município de Leiria 2030

CIALV - Centro de Interpretação Ambiental do Lagar Velho

CMLei - Câmara Municipal de Leiria

IAP - Investigação-Ação Participativa

IPSS - Instituição Particular de Solidariedade Social

JF - Junta de Freguesia

JI- Jardim de Infância

JISE - Jardim de Infância de Santa Eufémia

ML - Museu de Leiria

MTP - Método de Trabalho de Projeto

RPEMCCL - Relatório Plano Estratégico Municipal da Cultura para o Concelho de Leiria

SE - Santa Eufémia

UF - União de Freguesia

INTRODUÇÃO

O presente projeto enquadra-se na Unidade Curricular de Projeto do 2º ano do Mestrado em Intervenção e Animação Artísticas da Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Politécnico de Leiria, realizada no ano letivo de 2021/2022. O projeto decorreu de fevereiro a junho de 2022, no Jardim de Infância de Santa Eufémia (JISE), envolvendo 27 crianças dos 3 aos 6 anos. Ademais, o projeto teve a participação das famílias das crianças e de idosos do Lar Quinta Eira da Torre. O presente relatório designa-se “Do Lapedo a Santa Eufémia - A expressão artística como veículo de conhecimento e aproximação da comunidade”, dado que o projeto promoveu interações entre elementos da comunidade através de diferentes linguagens artísticas, utilizando como mote a história infanto-juvenil “O Menino do Lapedo”, de autoria de Rui Pedro Lourenço e Mafalda Brito, que aborda uma descoberta arqueológica na freguesia de Santa Eufémia (SE).

Ao longo do projeto pretendeu-se seguir uma linha cronológica que, através da imaginação e recriação de circunstâncias e momentos da vida do Menino do Lapedo, partiu da pré-história e caminhou até ao momento presente na freguesia de Santa Eufémia. As atividades desenvolvidas recorreram a diferentes linguagens artísticas, tais como, artes plásticas (“pinturas rupestres”), expressão dramática (“construir e viver na gruta”), corporal e musical (“cantar e dançar como o Menino do Lapedo”), utilizando, sempre, como inspiração, a história do Menino do Lapedo, como acima referido.

As principais motivações para a realização deste projeto prenderam-se com a identificação pessoal com o público pré-escolar e com o desejo de contribuir de forma criativa para o fortalecimento das relações interpessoais da comunidade de SE. Ao conhecer melhor a realidade da freguesia descobri a existência do sítio arqueológico onde foi descoberto o Menino do Lapedo, o que acabou por se tornar um muito interessante ponto de partida, precisamente por contar a história de uma criança.

Deste modo a realização do projeto teve, também, como inspiração, um património cultural peculiar, e de grande importância, que se tornou fonte de criações artísticas diversas.

Quanto à metodologia de intervenção, a metodologia de trabalho por projeto foi a adotada, já que é conhecida por ser aplicada em qualquer nível educativo, especialmente na idade pré-escolar (3-6 anos) e assume como principal objetivo o foco no desenvolvimento e análise de uma determinada necessidade, sendo as crianças os principais sujeitos participativos (Katz e Chats, 1989 referenciado por Vasconcelos et.al, 2012). O objetivo geral da intervenção foi o desenvolvimento de um trabalho criativo que promovesse uma maior descoberta de si e melhorasse o conhecimento da comunidade e do território em que estão inseridas, tanto em relação aos dias de hoje como de outrora, implicando, em simultâneo, o envolvimento da comunidade. Deste modo, pela sua adequação às características, a investigação ação-participativa e o paradigma sócio-crítico incluem-se nas opções metodológicas selecionadas, sendo que o principal objetivo da investigação é conhecer o impacto do projeto nas crianças, famílias e restante comunidade da freguesia de Santa Eufémia, mais especificamente: avaliar a repercussão do projeto na valorização da cultura local; compreender o contributo do projeto na promoção da expressão artística das crianças do jardim-de-infância, avaliar de que modo o projeto contribuiu para aumentar o conhecimento das crianças do jardim de infância de Santa Eufémia sobre a sua própria freguesia e analisar os efeitos do projeto nas dinâmicas relacionais e culturais nas pessoas participantes da comunidade de Santa Eufémia

No que diz respeito à organização deste relatório, primeiramente contextualizam-se os temas da Educação Artística (EA), da EA na infância, e da EA como motor de fortalecimento dos laços comunitários e da valorização da cultura local. Enquadram-se também os conceitos de investigação-ação participativa, o paradigma sócio-crítico e a metodologia de trabalho por projeto, dando conta, em seguida, da execução, desenvolvimento do projeto e divulgação do mesmo. O relatório aborda, ainda, o método e técnicas de recolha de dados, recorrendo a Oliveira, Rodrigues & Milhano (2021) e, posteriormente, é feita a apresentação, a discussão, a análise e o tratamento

dos resultados obtidos. Na conclusão será feita a revisão dos aspetos basilares de todas as fases de desenvolvimento do projeto.

I ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1.1 EDUCAÇÃO ARTÍSTICA

Neste capítulo será abordado o conceito de EA e serão enaltecidas as suas vantagens, benefícios e função na vida dos sujeitos, em várias fases da educação e do ensino. Para melhor compreensão do tema, serão também abordados os conceitos de educação e de arte. A EA “[...] integra as faculdades físicas, intelectuais e criativas e possibilita relações mais dinâmicas e frutíferas entre educação, cultura e arte. Estas capacidades são particularmente importantes para enfrentar os desafios que se levantam à sociedade do século XXI” (Agarez, 2006, p.6-7). A EA é o lugar de confluência do direito à educação e do direito à cultura e às artes). A educação é a base da evolução humana e a arte assume uma função relevante nessa evolução e, por isso, a arte tem tanta importância na educação. A relação entre arte e educação entende-se como uma “[...] formação humana integral em cujo processo a arte desempenha um papel primordial sob todas as suas formas expressivas para a adequada formação da personalidade [...]” (Sousa, 2003, p. 24), num âmbito abrangente de competências que se relacionam com a maneira como cada indivíduo vivencia e significa as suas próprias experiências de vida (Sousa, 2003).

Na perspetiva do Plano Nacional das Artes (2019, p. 17) a educação é entendida como “[...] um processo de aprendizagem ao longo da vida, onde se constroem, de forma participada e conjunta, conhecimentos, capacidades e atitudes fundamentais para o desenvolvimento integral da pessoa”, assumindo inevitavelmente a responsabilidade de capacitar os sujeitos em contexto escolar “[...] para tomar decisões informadas e adotar ações responsáveis que assegurem a integridade ambiental, a viabilidade económica e uma sociedade justa para as gerações presentes e futuras.” (PNA, 2019, p.11).

O PNA (2019, p. 17) refere que a educação:

“[...] não promove suficientemente a formação dos afetos, a relação com o corpo, a valorização da autonomia, a capacitação para assumir os desafios e os falhanços, o prazer de aprender, de interpretar e intervir no mundo, [sendo, por isso] preciso educar e formar para as diversas linguagens, inteligências e modos de comunicar, [dado que] nem todos se enquadram na educação predominante e imposta habitualmente” (PNA, 2019, p.17).

Tal como refere Ferreira (2010) a arte “[...]representa a humanidade ao longo dos séculos, sendo a expressão natural de todos os povos. Como fenómeno, como comportamento e resultado da experiência humana, a arte se mantém constante com o passar do tempo, e está sempre presente no quotidiano” (Ferreira, 2010, p.12). Tudo o que é sabido sobre a humanidade deve-se à arte, nomeadamente através das pinturas rupestres, por exemplo, já que fundamentais neste projeto. Ferreira menciona Feist que (2010, p.12-13) define a arte como “um produto da criatividade humana, que, utilizando conhecimentos e técnicas e um estilo ou jeito todo pessoal, transmite uma experiência de vida ou uma visão de mundo, despertando emoção em quem a usufrui” (Feist, 1996, p.9 referenciado por Ferreira, 2010, p.12-13). Bilbao, outro autor referenciado por Ferreira, afirma que, para si, “a arte, tal como vivenciada, é um fenómeno positivo, que traz alegria e plenitude às pessoas que a abraçam de forma intensa, além de facilitar um equilíbrio entre mundo externo e interno” (Bilbao, 2004, p.89 referenciado por Ferreira, 2010, p.14). É notória a utilidade da arte no conhecimento do homem sobre a própria humanidade. A arte provoca mudanças nos fenómenos da sociedade, transforma as interações sociais entre instituições e sujeitos, e eleva cada pessoa, enquanto ser individual, a um estado de autoestima, recriação e autoconhecimento, que poderão promover o alcance de uma enorme satisfação e bem-estar. A arte é uma linguagem. A arte é vida.

Feitas as considerações sobre arte, colocam-se, agora, as seguintes questões: Como surge a relação entre arte e educação? Qual é a importância da interação entre a arte e a educação? De que forma é que esta fusão se aplica nos contextos escolares e no quotidiano dos lugares-comuns? Sendo a arte “[...] uma linguagem universal, que transmite significados impossíveis a qualquer outro tipo de linguagem, seja esta linguagem semântica, dialógica ou científica” (PNA, 2019, p. 11) em relação com a educação, ambas se complementam e se completam, visto que, “[...] educar para a

cidadania, para a transformação social, para o bem-estar coletivo, é impossível se a educação não abarcar a dimensão artística e patrimonial” (PNA,2019, p.11). Na perspectiva da UNESCO (2020) a EA assume um papel imprescindível em competências como “criatividade, colaboração e resolução criativa de problemas – [os sujeitos em contacto com a EA] desenvolvem resiliência, alimentam a apreciação da diversidade cultural e da liberdade de expressão, além de cultivarem a inovação e as habilidades de pensamento crítico” (UNESCO, 2020, p.2). No recente e difícil contexto sanitário mundial, a arte surge como um “apoio psicossocial [...] e tem o potencial de preparar os estudantes não apenas para sobreviver, mas para prosperar na realidade pós-COVID” (UNESCO, 2020, p.2). A UNESCO (2020) enfatiza que “[...] na sua essência, a EA faz a ponte entre quatro dimensões da aprendizagem – a cognitiva, a social, emocional e a comportamental –, conectando-as a formas artísticas do saber” (UNESCO, 2020, p.2). A aliança entre Arte e Educação enfatiza uma série de competências de expressão pessoal, social e cultural, de desenvolvimento da percepção, imaginação e criatividade, da fomentação da análise e do pensamento crítico e da educação das emoções (PNA,2019). Ademais, na ótica do PNA “[a inserção] das artes, das atividades culturais, do acesso ao património material e imaterial, [no currículo escolar desde a creche até ao ensino secundário, permitirá aumentar] a quantidade e qualidade de vivências e de competências, reforçando a abertura à comunidade” (PNA, 2019, p.17). O papel da EA é também enaltecer a utilidade das coisas sem preço, isto é, “as artes podem ensinar-nos a inestimável lição da gratuidade. A do tempo liberto, sem porquê nem para quê, a do prazer desinteressado diante da beleza” (PNA, 2019, p.17). A diversão, o lúdico, o ócio e o prazer fazem parte da educação, essencialmente, da EA. É fundamental que a educação na escola não seja centrada, apenas, nos conhecimentos lógicos, científicos e profissionais, mas também nas capacidades de contemplação, de fruição, de descoberta, do lúdico, da curiosidade e da liberdade. (PNA, 2019) A pessoa em contacto e, «em ação com», «a partir de» e «perante» a EA, tem acesso a múltiplas oportunidades de expressão livre, de estabelecimento de relações afetivas com os sujeitos do seu meio (familiares, educadores, colegas e restante comunidade), e de desenvolvimento de capacidades imaginativas e criativas de uma forma desinibida e sem constrangimentos (Sousa, 2003, pp. 45).

Na visão da UNESCO existem ainda duas distinções, a fazer sobre a educação artística, a saber, a aprendizagem da arte e a arte como veículo de aprendizagem:

- a) “Aprender as artes”, refere-se ao ensino e à aprendizagem das artes visuais e cênicas, incluindo, entre outras, dança, música, escultura, teatro, tecelagem, pintura, fotografia, design digital etc. O principal objetivo desta forma de instrução consiste em desenvolver o crescimento dos estudantes nas artes como disciplina e aprimorar suas sensibilidades artísticas, por exemplo, por meio da apreciação pela arte ou pela história da arte” (UNESCO, 2020);
- b) “Aprender por meio das artes”, visa a utilizar e a integrar as artes em vários domínios, para melhorar e ampliar a aprendizagem. Aqui, o objetivo não é o domínio em um dos campos artísticos, mas a utilização das artes como ferramenta pedagógica” (UNESCO, 2020).

Esta visão da UNESCO vai ao encontro dos conceitos da Educação pela Arte e Artes na Educação.

A propósito do apresentado acima, Agarez (2006) expõe a sua perspetiva no que diz respeito ao domínio da EA, estruturando-a segundo três eixos pedagógicos complementares:

- “a) Estudo de trabalhos artísticos;
- b) Contacto directo com trabalhos artísticos (como concertos, exposições, livros e filmes);
- c) Participação em práticas artísticas” (Agarez, 2006, p.11).

Ou seja, na sua visão existem três dimensões:

- “a) o estudante adquire conhecimentos pela investigação e pelo estudo (de uma forma de arte, e da relação entre arte e história);
- b) o estudante adquire conhecimentos interagindo com o objecto ou a representação de arte, com o artista e com o seu (a sua) professor(a);

c) o estudante adquire conhecimentos através da sua própria prática artística (Agarez, 2006, p.11)".

A EA assume um papel primordial nas escolas dado que tem o dever de educar os educandos para lidar com um futuro desconhecido, aprendendo a gerir a "[...] incerteza como parte da vida, a não ter medo de errar, a ser resiliente" (PNA, 2019, p.17); numa sociedade tecnológica, globalizada e acelerada, as "[...] artes são um instrumento essencial de adaptação ao mundo e de aprendizagem de competências emocionais, sociais, criativas e críticas" (PNA, 2019, p.18) que emancipam os sujeitos para lidar com a constante mutação da sociedade. Ainda, a EA estimula e valoriza uma série de características que são muitas vezes excluídas na educação de crianças e jovens, como é o caso da criatividade - "A imaginação é a característica distintiva da inteligência humana, a criatividade é a aplicação da imaginação e a inovação fecha o processo fazendo uso do juízo crítico na aplicação de uma ideia" (Robinson, em Agarez, 2006, p.10). É de enaltecer a ideia sobre o poder maior da criatividade, pois a criatividade "[...] muda o nosso olhar sobre o mundo e sobre nós mesmos—e transforma a nossa vida e a de outros. O processo criativo é promotor de transformações não só exteriores, mas interiores. A criatividade desequilibra para reequilibrar" (PNA, 2019, p.18).

Robinson (2010, p.85) referenciado por Sousa, Kowalski e Lopes (2020, p.10) afirma, ainda, que:

"A criatividade é fundamental para o funcionamento das sociedades em que nos inserimos: A criatividade humana é evidente: está nas tecnologias que usamos, nas casas que habitamos, nas roupas que vestimos e nos filmes que vemos. Mas o seu alcance é muito mais profundo. A criatividade afeta não só o que trazemos ao mundo, mas também o que fazemos com ele – e o modo como o pensamos e sentimos" (Robinson, 2010, p.85 referenciado por Sousa, Kowalski & Lopes, 2020, p.10).

O precioso contributo das artes está relacionado com:

"[...] a formação e construção da personalidade, pois o carácter criativo e socializante da experiência artística determina a sua influência no desenvolvimento de cada indivíduo, em

situações onde os vários elementos de um grupo unem as suas diferenças num projeto de vivência e ou de criação comum” (Johnson & O’Neil, 1984 referenciado por Sousa, Kowalski & Lopes, 2020, p.11).

Em resumo, apresentam-se outras evidências relativamente à EA provenientes da UNESCO (2020) que entende que esta forma de educação:

“[...] promove o alcance de resultados académicos satisfatórios e motiva para o aproveitamento escolar; fomenta capacidades de pensamento criativo, crítico e construtivo; reforça o sentido de cooperação e conexão; propicia que os estudantes assimilem diferentes olhares sobre os acontecimentos do mundo e criem os seus significados pessoais; oferece apoio psicossocial; facilita a descoberta de diversos estilos e necessidades de aprendizagem; incrementa a apreciação pelas artes, pela cultura e pelo património para além de fomentar a diversidade cultural; cria sinergias entre distintas comunidades; renova a criatividade, proporciona o encontro e o desenvolvimento de talentos e alarga novos públicos” (UNESCO, 2020, p. 3-5).

1.2 A EDUCAÇÃO ARTÍSTICA NO ÂMBITO DA INFÂNCIA

Após abordar uma revisão da literatura no que diz respeito ao conceito de EA, pretendo neste subcapítulo, responder às provocações iniciais e explorar a questão da EA no âmbito da infância. Contudo, só faz sentido falar de arte na vida da criança após apresentar, em primeiro lugar, algumas considerações gerais relativamente ao conceito de infância.

A Lei Quadro da Educação Pré-Escolar (Ministério de Educação Lei n.º 5/97, de 10 de fevereiro) estabelece que a educação pré-escolar destina-se a crianças entre os 3 anos e a entrada na escolaridade obrigatória, sendo considerada como “a primeira etapa da educação básica no processo de educação ao longo da vida” e a primeira fase do percurso educativo que complementa a ação educativa da família.

O documento “Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar” (Silva et.al, 2016) defende que o desenvolvimento e a aprendizagem são vertentes indissociáveis, isto é:

“o desenvolvimento motor, social, emocional, cognitivo e linguístico da criança é um processo que decorre da interação entre a maturação biológica e as experiências proporcionadas pelo meio físico e social. As relações e as interações que a criança estabelece com adultos e com outras crianças, assim como as experiências que lhe são proporcionadas pelos contextos sociais e físicos em que vive constituem oportunidades de aprendizagem, que vão contribuir para o seu desenvolvimento” (Silva, et. al, 2016).

Em "Diálogos sobre Infância" é discutido de forma vinculada a importância de desenvolver a identidade e individualidade de cada criança desde cedo, "[...] valorizando as suas necessidades, interesses e vivências" (Oliveira, Rodrigues & Milhano, 2021, p.48). É fundamental, na educação de infância, orientar e motivar a criança para que seja um ser "[...] participativo ativo e capaz de co-construir um caminho individual preenchido de aprendizagens e partilha de conhecimentos" (Oliveira, et. al, p.48). A criança deve ser reconhecida como sujeito e agente do seu próprio processo educativo com direito a ser escutada e a sentir que as suas opiniões são consideradas. Ela detém uma curiosidade inata para interpretar e significar os acontecimentos do mundo ao seu redor, apresentando competência em estabelecer interações nas suas relações (Silva, et. al 2016; Mena, 2015). As etapas de desenvolvimento correspondem a idades específicas e são uma referência útil nos marcos de crescimento da criança. Contudo, não se pode esquecer que cada uma tem uma identidade própria e um determinado contexto de vida que ditará a forma como

irá progredir em cada etapa. É fundamental que o educador esteja atento ao progresso da criança, respeitando os seus ritmos e indo ao encontro das suas necessidades, tendo, sempre, em linha de conta a unicidade de cada criança (Mena, 2015).

E qual é a melhor forma de a criança construir a sua identidade? A brincar! O ato de brincar:

“[...] revela-se no interior de cada um como uma ferramenta excecional de aprendizagem, em que se reconhecem as suas intenções como um modo de interagir consigo e com os outros, que lhes permite explorar o corpo e dar um sentido às suas aprendizagens e às suas tentativas” (Oliveira, et. al, 2021, p.53).

O ato de brincar é a melhor maneira de o educador conhecer a criança e criar oportunidades para que a mesma usufrua da infância, pois esta é uma fase da vida que se deseja “criadora de memórias” (Oliveira, et. al, 2021 p.48). É fundamental que os adultos ao redor da criança, quer sejam os educadores, quer sejam as famílias, saibam “assumir o brincar como uma linguagem corporal, de experiências, de sentires, de criar relações, emoções e conceções face ao que os rodeia”, reconhecendo em simultâneo que, o “brincar” é um meio de cativar a criança a fomentar os seus valores, a desenvolver diversas competências relacionais, emocionais, psicossociais, mentais, físicas e criativas e a alcançar determinadas metas que devem ser definidas em conjunto e com foco específico às necessidades e interesses de cada criança (Oliveira, et. al, 2021 p.59). Dito isto, «ser» educador é um papel que exige constante auto-análise das práticas e ações para que ocorram as devidas melhorias com vista a “criar conexões que se alicercem no conhecimento próprio e no compromisso que assumem perante as crianças e perante a sociedade (Oliveira, et. al, 2021 p.53). É também na brincadeira que o adulto consegue observar os modos de interação e negociação da criança, assim como conhecer melhor os seus interesses e necessidades e acompanhar a formação da sua personalidade, guiando-o a adotar comportamentos sociais adequados (Mena, 2015). É de salientar que “cabe aos educadores protagonizarem atitudes de atenção e compreensão dos sentimentos e necessidades das crianças

(atenção, reconhecimento, segurança, afeto, estímulos...), evidenciando sensibilidade e responsividade na relação” (Oliveira, et. al, 2021 p.74) procurando também expandir as potencialidades da criança no seu todo. O educador deve ser capaz de expandir todos os potenciais da criança e estar ciente do entendimento sobre como a criança – e todos os indivíduos – aprendem, é essencial para avançar na reflexão sobre como revelar e favorecer a aprendizagem. (Oliveira, et. al, 2021). No processo de aprendizagem é fulcral credibilizar a criança, escutá-la verdadeiramente, procurar compreendê-la, aceitá-la e orientá-la para que as suas qualidades floresçam sendo que, para que tal aconteça, o adulto não deve assumir uma figura paternalista nem uma postura de “detentor de todo o saber”, como refere Paulo Freire (1994). Bruner (2000) referido por Oliveira, Rodrigues e Milhano (2021) declara ainda que a educação de infância “[...] valoriza a ação da criança no contexto cultural, destaca que existe uma interação ativa entre a realidade e o sujeito na construção de conhecimentos, sentimentos e emoções” (Oliveira, et. al, 2021 p.114). O educador ou mediador adota práticas pedagógicas diferenciadas de modo a responder às necessidades únicas de cada criança, aproveita a diversidade do grupo como meio de enriquecimento da aprendizagem e aceita, incentiva e reconhece todos os progressos e conquistas da criança (Silva, et. al, 2016). Está presente na educação pré-escolar uma construção articulada do saber onde a aprendizagem e o desenvolvimento da criança procedem-se holisticamente (Silva et.al, 2016). Durante o ato de brincar, neste “laboratório embrionário de cidadania, de aprendizagem da cultura, de construção do conhecimento, de legitimidade da curiosidade das crianças e da promoção da cultura infantil” (Oliveira, et. al 2021, pp.154) as crianças não estão simplesmente a brincar pois, em simultâneo, também “[...]investigam, narram, exploram, inventam, criam, imaginam, sonham e divertem-se - a criatividade, a imaginação e o pensamento crítico são focos de atenção” (Oliveira, et. al, 2021, p.153). Nas OCEPE (2016) é mencionado que o educador assume como prática o estímulo do brincar através da modificação do espaço de forma a criar condições favoráveis para que a criança possa “aprender a aprender”, da colocação de materiais diversificados promovendo a tomada de decisão, alargando o leque de alternativas e descobertas da criança, e abordando diferentes áreas de forma globalizante e integrada (Silva, et. al, 2016).

Questiona-se: De que forma a arte é vista e sentida na infância? Quando pensamos no conceito de arte, é comum pensar sobre ele como sendo um relevante via de comunicação para as crianças, mas também para os adultos. Na visão de Janet-Gonzalez Mena (2015), no contexto da expressão plástica, a “arte é a expressão por meio do uso de vários meios. Esse processo criativo envolve algumas ou todas as características a seguir: cor, forma, linha, formato e textura” (Mena, 2015, p.361). A mesma autora diz, ainda que, “[...] a arte, nesse sentido, difere dos projetos planejados que as crianças completam de acordo com diretrizes ou um modelo como colar pétalas cortadas num desenho de flor” (Mena, 2015, p.361). Os educadores de infância defendem que a “[...] arte é uma forma de comunicação que transmite impressões, ideias, percepções e sentimentos” (Mena, 2015, p.362) e, por isso, o mais relevante é o processo em vez do produto. A EA deve ser uma educação que confira à criança alternativas de se exprimir e de expandir as suas capacidades criativas, de estabelecer vínculos de afeto com o educador, com os colegas e com a restante comunidade (Sousa, 2003). Outro aspeto fundamental prende-se com o aproveitamento, de forma criativa, dos espaços do jardim-de-infância, como jardim, salas polivalentes, refeitório, entrada da escola, caminho para a escola, ou espaços vizinhos, promovendo aprendizagens enriquecedoras. O educador deve ser um agente facilitador das experiências artísticas da criança através da valorização e aceitação do que elas desejam criar (por exemplo, “os rabiscos de uma criança pequena não são só rabiscos, são arte adequada à idade”) (Mena, 2015, p.365). Uma forma de valorização da criança é a exposição de trabalhos diversos de desenho e pintura e apresentações de dança, teatro e música, de todas as crianças em algum espaço da escola ou até da comunidade. É importante o educador dar tempo para a criação, demonstrar incentivo, comunicar aquilo que observa do trabalho, valorizar a liberdade de expressão artística e respeitar as ideias próprias da criança, para além de que o educador pode, também, perguntar à criança se quer falar sobre o seu trabalho, mas deve evitar distraí-la quando verifica que a mesma está muito concentrada (Mena, 2015).

Robinson (1982) expressa que as artes e a educação viabilizam contributos vitais na educação das crianças em seis áreas específicas:

“In developing the full variety of human intelligence; In developing the ability for creative thought and action; In the education of feeling and sensibility; In the exploration of values; In understanding cultural change and differences; In developing physical and perceptual skills” (Robinson, 1982, p.12).

Ademais, a abordagem à EA abarca o desenvolvimento vinculado de parâmetros que viabilizam à criança diferentes competências, saberes e habilidades, tais como o desenvolvimento da motricidade fina, coordenação corporal, visual e manual e a melhoria em identificar cores, semelhanças, tamanhos, formatos e texturas; a apropriação progressiva de diferentes técnicas e conhecimentos a partir da experimentação, exploração e observação intencional das suas produções “que são a tradução dos seus padrões e símbolos” (Mena, 2015); a criação, recriação e reinvenção de técnicas em conexão com materiais e meios de expressão; o contacto com diferentes obras de arte, quer sejam de colegas, quer sejam de artistas nacionais e internacionais. A criança deve ter tempo para apreciar a obra de arte, mas também deve ser orientada a comunicar sobre o que sente após a observação, interpretação e reflexão da mesma. O educador promove a capacidade de a criança obter múltiplas leituras sobre as produções artísticas e através do diálogo aberto e construtivo, o educador encoraja a criança a descobrir meios criativos de representar o que deseja (Silva, Marques, Mata & Rosa, 2016). A partir da arte, as crianças mais pequenas podem expressar sentimentos sem comunicar verbalmente, mas podem colocá-los no papel, espalhá-los no cavalete ou amassá-los em argila, transformá-los em movimento, em brincadeiras teatrais ou em momentos musicais (Mena, 2015).

Em conclusão deste tópico, a EA em contexto pré-escolar possibilita à criança arriscar, errar, criar, recriar, interagir, conhecer-se e conhecer o mundo através dos sentidos e do ato de brincar com a arte. Posto isto, é de salientar que a EA defende que o educador deve orientar a criança a criar uma atitude dialógica com a arte e a criatividade assumindo a capacidade de ver o mundo através da sua representação simbólica, do seu sentido estético e dos seus significados expressivos, de contactar com diversas épocas, culturas e estilos e de enriquecer com as suas interpretações e visões sobre tudo o que a rodeia através da própria experimentação (Silva, et. al, 2016).

A arte transcende a ideia vulgar de que é somente um meio de comunicação; a arte significa expressão, liberdade e criatividade.

1.3 PRÁTICAS ARTÍSTICAS E CULTURA LOCAL EM COMUNIDADE

No presente subcapítulo irei apresentar uma revisão da literatura que se prenda com a influência de práticas artísticas e com a valorização da cultura local no desenvolvimento e aproximação dos sujeitos de uma comunidade, sendo fundamental mencionar, primeiramente, o conceito de comunidade relacionando-o, posteriormente com as definições de arte, cultura e participação que ajudem a compreender o estudo em questão.

Lopes (2010) refere que quando se pensa em comunidade surge uma ideia automática que relaciona este conceito com os espaços rurais, como se todas as comunidades fossem “rurais, pequenas, estáveis, isoladas geograficamente” e, também “[...] caracterizadas pela multiplicidade de contextos, onde as pessoas interag[em] umas com as outras enquanto seres sociais “totais” informados por um amplo conhecimento de cada um, cujos relacionamentos são frequentemente formados por ligações de afinidade e consanguinidade” (Cohen, 1985, p.25 referenciado por Cruz, Bezelga & Rodrigues, 2017, p.12-13). Seria errado definir comunidade somente pela localidade, dado que, numa comunidade urbana também se encontram “pessoas [que] adquirem as suas experiências mais fundamentais e substanciais da vida social, fora dos limites do lar” (Cohen, 1985, p.15 referenciado por Cruz et.al, 2017, p.14), afastados dos seus graus de parentesco, pois vão para a comunidade procurar criar outros vínculos afetivos.

Rosa Lima (2003) aborda o conceito de comunidade e explora os seus vários sentidos:

“Uma comunidade é basicamente um grupo de pessoas [...]. Num grupo, e com base numa dimensão funcional (a sua finalidade) e numa dimensão relacional (referida à qualidade das interações), os seus membros, no seu sentimento de pertença, mantêm entre si laços de interdependência razoavelmente definidos, espontâneos ou

voluntários, e gozam, no interior do conjunto, de determinada posição ou estatuto, o que significa uma organização ou estrutura” (Lima, 2003, pp.212).

Lima (2003) defende que cada comunidade vivencia o seu "eco-sistema social humano" de forma subjetiva. A autora apresenta, ainda, outra definição de comunidade que se considera relevante:

“a comunidade é em primeiro lugar uma sociedade global do tipo de uma unidade local que encerra em si mesma uma quantidade indeterminada de esferas de funções, de grupos sociais e de outros fenómenos sociais que condicionam inúmeras formas de interação social e de relação comuns, assim como de valores” (Lima, 2003, p.213).

Outros autores referem que este conceito está “intimamente associado à mudança social”, como é o caso de Worsley (1976, p.348 referenciado por Cruz et.al, 2017). Já no século das luzes (XVIII) este termo “evocava localismo, relações próximas baseadas no conhecimento mútuo, valores e interesses partilhados, harmonia na igualdade: um sistema fechado ao exterior” (S.Santos, 1995, p.66 referenciado por Lima, 2003, p.218). Resume-se que a comunidade é uma unidade social que contém uma série de hábitos, tradições e interações próximas muito próprias que são construídas ao longo do tempo, formando, assim, uma identidade comum e reconhecida. É evidente que as comunidades interagem entre si e interagem com o meio sendo que o fazem através da participação. No que se baseia, realmente, este conceito? Muitas vezes, pensa-se que participação é semelhante a estar presente, porém, esta é uma visão muito errónea e superficial do conceito. A participação vai muito para além do ato de estar presente num espaço ou situação. Assim sendo, a participação é a possibilidade de um sujeito ou comunidade fazer parte de algo podendo contribuir nos processos de

decisão, de forma voluntária, consciente e responsável (Delgado, 2006). Este é um conceito chave na operacionalização de práticas inclusivas. A participação do sujeito ou comunidade pressupõe diferentes componentes, tais como: a motivação, envolvimento ativo na concretização de diferentes atividades a autodeterminação, a autoestima, o sentido de pertença, o “tempo despendido na interação, desenvolvimental e contextualmente apropriada, com o ambiente” (Mahler-Ridley, McWilliam, & Oates 2001, p.134) e o comportamento focado na concretização de objetivos específicos. Deste modo, a participação é um processo complexo a nível societal, desempenhado de forma coletiva, onde a voz do indivíduo é verdadeiramente ouvida e tida em consideração, os laços criados entre os sujeitos de uma dada comunidade são fortes e/ou as trocas de experiências e visões são mútuas. Existe ainda, a “[...] premissa de que participação gera participação, ou seja, a predisposição para participar parece estar conectada com experiências anteriores, desta natureza, nos percursos de vida dos cidadãos” (Cruz et.al, 2017, p.34). Feitas as considerações acerca dos conceitos de comunidade e participação, é importante questionar de que modo a arte e a cultura se integram nestes termos. Começa-se por ostentar as definições de arte e cultura apresentadas por François Matarasso (2019) que serão muito úteis na compreensão do que está exposto adiante. Este autor (2019) considera a cultura como “[...] a expressão de crenças e valores na conduta da vida quotidiana” enquanto a arte “[...] é o conjunto de ferramentas que permite às pessoas interferir com a sua própria cultura” (Matarasso, 2019, p.43). Antes de avançar para outras fundamentações, não se deve deixar em esquecimento que o trabalho em arte participativa pode acontecer entre artistas profissionais e não-profissionais que se cruzam entre distintos locais, matérias disciplinares, confins e

concepções enriquecendo a mediação e o processo de criação com a comunidade (Matarasso, 2019). Cruz, Bezelga e Rodrigues (2017) declaram que as práticas artísticas comunitárias “[...] inclu[em] elementos idiossincráticos como, por exemplo, o facto das pessoas de uma comunidade serem capacitadas no próprio processo criativo, reunindo-se com o propósito de criar objetos artísticos” (Cruz et.al, 2017, p.35).

As práticas artísticas em comunidade partem do coletivo, das histórias das pessoas, do princípio identitário e da cultura local, sendo que, por cultura, entende-se como sendo a:

“[...] construção de sentido e a expressão de valores. É tudo o que o ser humano faz por escolha, e não por necessidade”. O sentido cultural, as condutas, as tradições, os hábitos e as questões de identidade advém de umas séries de referências, que ganham um cunho especial, tais como a familiaridade, a alimentação, o vestuário, o clima ambiental, as memórias passadas - “as pessoas expressam a sua cultura através de tudo o que fazem, em geral sem se questionarem e refletirem sobre a questão. A arte requer autoconsciência. A arte é intencional. A sua criação requer toda a concentração, habilidade e experiência que o artista consegue reunir, bem como outras capacidades menos controláveis como imaginação, coragem, sensibilidade e integridade” (Matarasso, 2019, p. 42-43).

O autor entende que “a arte participativa é uma prática criativa fascinante por um motivo em particular – desafia os nossos pressupostos sobre o que é a arte, porque a fazemos, como nos afeta e outras noções críticas que damos como garantidas” (Matarasso, 2019, p.35). É nesta consciência, interiorização e entendimento das práticas culturais de cada comunidade e dos contornos da arte que as identidades e valores pessoais e coletivos fortalecem, e auxiliam na garantia e potenciação da

diversidade cultural transmitindo este saber artístico e a sensibilidade e o respeito cultural de geração em geração (Agarez, 2006, p.8). É nesta “familiaridade [das] práticas comuns [...] investidas de significado, que se tornam em tradição e definem comunidade” (Matarasso, 2019, p.43). É de salientar que a arte participativa não deixa de ser um trabalho social, cívico, político e de emancipação dos sujeitos envolvidos. Os eixos das artes que podem ir desde “[...] a sofisticada arte contemporânea a políticas de ação cultural [...] e à partilha do ato criativo” (Matarasso, 2019, p. 20) trabalham de mãos dadas com a área social já que partilham o propósito da transformação da comunidade. Qualquer trabalhador social/educador/mediador cultural/professor ao refletir sobre o processo que vai desenvolver com as pessoas, deve ter em conta as formas de «ter», «ser», «fazer» e «fruir», que Rosa Lima (2003) menciona, como sendo bases importantes de um modelo de intervenção sócio-artístico para educar e motivar os indivíduos a ter uma participação ativa e crítica nas práticas quotidianas, uma consciencialização reflexiva sobre os seus direitos e deveres, de forma a potenciar processos de desenvolvimento pessoal e social (Lima, 2003). É desta forma que as práticas artísticas emancipam os indivíduos, os grupos, as comunidades. Face ao exposto, entende-se que a arte desempenha, como responsabilidade, a aproximação, a manifestação e o conhecimento “das” e “entre” as imensas culturas do mundo. A expressão artística encarrega-se de se transformar num meio de comunicação entre diferentes culturas em comunidades que, por si só, acarreta uma fonte de variadas histórias, tradições e práticas culturais - “cada cultura, na sua diversidade, nos seus produtos artísticos e criativos, representa” formas contemporâneas e tradicionais de criatividade humana que contribuem de forma incomparável para a nobreza, o património, a beleza e a integridade das civilizações humanas” (Agarez, 2006, p.8). Considerando que o projeto em referência neste relatório teve como um dos objetivos de intervenção a promoção e valorização do património cultural local, torna-se imprescindível recorrer ao conceito de património cultural para melhor se entender o seu significado.

No parecer de Mendes (2012),

“[...]em linguagem corrente, património é noção de teor económico e jurídico que designa um conjunto de bens e de direitos e obrigações avaliáveis em dinheiro. Esta apreciação pecuniária não é adequada para o âmbito cultural, porém importa reter daquela noção dois aspectos: primeiro, o de valor, de riqueza, quase de tesouro; segundo, o de conjunto, um complexo cuja relevância vai para além das coisas que, uma por umas consideradas, o integram. Património, em qualquer acepção, é um todo, um continente que sobreleva o variado e variável conteúdo concreto que o preenche, uma universalidade posta ao serviço de um mesmo fim” (Mendes, 2012, p.11).

Esta designação de Património remete a tudo o que faz parte de uma dada região. Mendes (2012, p.17) afirma que o “património cultural gera e fomenta uma solidariedade orgânica entre os membros do corpo social, uma coesão ou convergência mental traduzida no sentimento de pertença a uma mesma comunidade – comunidade de origem, comunidade de destino” (Mendes, 2012, p.17) Algo que é tido como património cultural possui uma personalidade própria e autónoma, concretiza um sentido de passado, mas manifesta como propósito para as gerações futuras que obtenham conhecimento do passado do local onde vivem ou de onde são naturais, mais concretamente a aquisição de um saber sobre a sua cultura, as suas tradições, os seus costumes, a sua história, e a identidade do seu povo (Mendes, 2012). A arte e a cultura desenvolvem-se de mãos dadas, resultam separadamente, mas são muito mais vantajosas em colaboração. Exercer o direito e acesso à cultura através das linguagens artísticas é o verdadeiro incentivo para que as comunidades participem, valorizem e conheçam diferentes culturas e costumes e se tornem coletivos mais capazes de exercer o direito à liberdade de expressão, à tomada de consciência e decisão e de emanciparem as suas vozes que se pretendem ativas e críticas nas lutas políticas e sociais. O poder da arte é extraordinário porque é “[...] essencial ao florescimento humano, todos têm capacidade de criá-la e defini-la” (Matarasso, 2019, p.20) e ainda fomenta a “participação plena, livre e igualitária na vida cultural [já que

é] simultaneamente um direito e uma via de acesso a uma sociedade mais justa e democrática” (Matarasso, 2019, p.20).

1.4 A EDUCAÇÃO ARTÍSTICA NA RELAÇÃO TRIANGULAR ENTRE ESCOLA, FAMÍLIA E COMUNIDADE

A relação triangular entre escola - integra a criança, o/a educador/a e os/as auxiliares – família e comunidade, é uma relação valiosa para todos os envolvidos, mas complexa. Antes de debruçar sobre esta triangulação relacional, apresentar-se-á uma possível definição de “família”.

Miranda (2002, p.11) declara que a família deixou de ser uma mera instituição de direito privado onde direitos básicos são assegurados, visto que, ao longo do tempo, a família veio a revelar as suas múltiplas capacidades que alcançam a “função moral e espiritual”. Ao longo das gerações, foram acontecendo mudanças na sociedade que consequentemente levaram a transformações nas formas familiares. Por isso surge a grande interrogação: que mudanças ocorreram nas sociedades, após a modernidade, que levaram a transformações na estrutura, funções e modos de funcionamento da família? Antes de tudo, é fundamental definir “modernidade” que, segundo Giddens (1996, p.1), relaciona-se com os “modos de vida e de organização social que emergiram na Europa cerca do século XVII e que adquiriram, subsequentemente, uma influência mais ou menos universal”. A 1ª modernidade - fim do séc. XIX aos anos 60, é caracterizada pela urbanização e industrialização, amor no casamento, divisão diferenciada do trabalho entre homens e mulheres e atenção dada à criança, à sua saúde e educação (sentimento de infância). Contudo, a 2ª modernidade, carrega contornos diferentes que se aproximam de valores como a força da escolarização, a luta feminista - “as mulheres não querem continuar a ser definidas como enquanto esposas e mães. Mesmo depois do casamento querem conservar um grau de independência e de autonomia” (Singly, 2011, p.22). Há uns 50 anos atrás, as famílias eram tendencialmente numerosas, e os filhos mais velhos tinham responsabilidade de trabalhar para ajudar a família, mas, nos tempos de hoje, as preocupações já são mais centradas nos direitos das criança e há uma verdadeira preocupação em educar os

filhos transmitindo valores e ferramentas que possibilitem a vivência de uma infância tranquila, rica em memórias, e a preparação para uma vida adulta autónoma e independente. A família assume uma função primordial na orientação do desenvolvimento da personalidade da criança, bem como no desenvolvimento das funções cognitivas, sociais e emocionais, através da realização de atividades do quotidiano e do fortalecimento dos vínculos afetivos (Miranda, 2002; OCEPE, 1997). Autores como Hohmann e Weikart, (1997, p.100) partilham a seguinte ideia: “a cultura familiar inclui tudo - comida, dança, música, vestuário e arte, estilo de vida, tempos livres, hábitos sociais, saúde, história, férias e linguagem”, e valores como o amor, o respeito por si e pelo outro e o cumprimento de regras básicas de «saber-estar» e «saber-ser». Tanto a família como os educadores devem aceitar o caos pois é algo natural e saudável no quotidiano das crianças, essencialmente no momento da brincadeira, no entanto, se a criança viver permanentemente nesse estado caótico, sem regras, deixará de ser promissor para o seu desenvolvimento. As crianças que são educadas com regras “têm melhor convivência social quando as restrições são apresentadas, elas entendem quais atitudes podem ter para que sejam menos tendenciosas e desenvolvam um pensamento crítico-social mais consistente e positivo”, e também “facilitam a vida de todos”, tal como mencionam Moraes, Souza, Siqueira, Ferreira e Costa (2022). Como já foi referido, a partir do século XX, os pais começaram a preocupar-se mais com os “anseios, aspirações, dificuldades e angústias” (Miranda, 2002, p.12) da criança, no entanto, verificam-se atualmente, alguns problemas que impedem esse acompanhamento mais aproximado, como é o caso das horas excessivas de trabalho dos pais, salários precários que obrigam a fazer horas extras ou a arranjar um segundo emprego, a conciliação de horários entre todos os membros da família, a colocação da criança em imensas atividades extra-curricular etc. Além disto, “[...] há famílias socialmente mais desprotegidas ou desenquadradas, como as imigrantes e as pertencentes a minorias étnicas. Facilmente as instituições educativas lançam sobre elas um olhar carregado de preconceitos, ou elas se auto marginalizam” (Nunes, 2004, p.73). Em resumo, sobre o conceito de família, esta é:

“[...] uma das mais antigas e importantes instituições sociais, tem um papel fundamental na formação plena do cidadão, pois, respeitadas as exceções, é o primeiro grupo do qual o indivíduo faz parte e de onde são recebidas as orientações e princípios básicos de sobrevivência, de desenvolvimento pessoal e de convívio harmônico entre seus pares e com o mundo a sua volta sendo que para o filósofo ‘o homem se torna Eu na relação com o Tu’. É na construção de elos, na interação com os seus semelhantes que elabora a si mesmo” (Buber, 2009, p.60 referenciado por Sol, Sá & Ferreira, 2021, p.5).

Gispert (1998) acrescenta que o trabalho da família é complementado mais tarde pela escola que, como é sabido, é o espaço onde a criança, cada vez mais, passa a maior parte do seu tempo. Foram necessidades e interesses de ordem social, política, económica e cultural que determinaram a sua emergência e desenvolvimento, continuando a ser o seu sustentáculo e a sua pauta de referência e de exigência” (Sousa & Sarmiento, 2010, p. 142). Posto isto, é fundamental refletir sobre esta temática tão importante que é a relação entre estes sistemas sociais. Nunes (2004) refere que “[...] a Família e a Escola ocupam um lugar privilegiado e insubstituível” (Nunes, 2004, p.32), ao longo do percurso de vida do educando. Oliveira-Formosinho (1998) dá-nos uma perspetiva muito certa sobre a criança em relação à comunidade: “A criança é um ser essencialmente social que pertence à família e à comunidade. A escola que frequenta deve ser o local onde se produz uma unidade de interesses entre a família, comunidade e a instituição escolar” (Oliveira-Formosinho, 1998, p.100). Desde o nascimento, a criança faz parte de um coletivo local e de uma sociedade ativa, pelo que a relação entre escola, família e comunidade é tão valiosa, mas tão densa e complexa.

Enquanto sociedade, desejamos que as crianças se desenvolvam enquanto indivíduos, mas também enquanto futuros cidadãos, com valores que não lhes permitam esquecer a sociedade. Já a escola pretende acrescentar aprendizagens de «saber-ser» e «saber-estar», mas também de «saber-fazer», transmitindo-lhes múltiplas competências que os preparem para o futuro. Às instituições sociais - Família e Escola assistem-lhes

“responsabilidades específicas de que não podem alhear-se, mas para que a educação conduza ao progresso harmonioso dos educandos, [ambas] devem assumir os seus papéis numa linha de cooperação mútua, integrando positivamente as normais diferenças culturais nas relações de diálogo e na acção educativa, como condição indispensável para o conhecimento dos educandos, a compreensão da sua mundividência e a consecução do seu sucesso escolar” (Nunes, 2004, p.32).

A família educa de forma mais próxima, desejando que os seus filhos sejam felizes e que encontrem um propósito de vida. Tal como declara Silva (1993) quanto mais as famílias se integrarem na educação escolar das suas crianças, maior sucesso académico estas vão obter. A própria criança, apesar de ainda inocente perante a realidade do mundo, pretende ser feliz enquanto descobre, explora, sente e aprende sobre tudo o que a rodeia. Posto isto, é possível verificar que estes sistemas sociais partilham objetivos comuns. Contudo, é difícil mediar estes sistemas de forma a cooperarem entre si e a afastarem-se do confronto de culpabilização e do “despachar” de tarefas e funções para o outro sistema. Porque será que isto acontece? Quanto à família, segundo Afonso e Natércio (1993) “justificam a sua não participação por incompatibilidade de horários e falta de tempo” (Homem, 2002, p. 62; Silva, 1993, p.23), bem como, na ótica de Neiva (2010), os pais confrontam-se com dificuldades em educar e criar os filhos. Além disto, Silva (1993) refere que, comumente, as famílias que se envolvem mais no quotidiano da escola, são aquelas que se encontram num estado social, económico e cultural mais desenvolvido. Dado que, socialmente, a escola tende a valorizar as famílias que possuem um estatuto de classe dominante, as famílias que vivem em situações desfavoráveis ou são provenientes de culturas diferentes acabam por ficar à margem da participação. Ainda neste núcleo acrescentaria uma reflexão no que diz respeito aos avós – sujeitos que se encontram reformados e que a sociedade considera inúteis visto que já não produzem. Os avós assumem o acompanhamento aos seus netos em substituição dos pais que não têm tempo, quer por falta de gestão de tempo, quer por exigência de uma sociedade capitalista e consumista. Os avós são fundamentais no crescimento de uma criança e ambos devem estabelecer uma relação afetiva com base em trocas mútuas de conhecimento e afeto, contudo, o que acontece muitas vezes é que os avós são tratados como “taxistas, distribuidores, cozinheiros, donos de casa etc”, pois eles

levam e vão buscar os netos à escola, cozinham, dão banho, ajudam nos trabalhos de casa, e brincam, deixando as crianças prontas para os pais que já só terão que as adormecer. No dia seguinte, o ciclo repete-se. É fundamental que as instituições (família, escola e comunidade) cooperem entre si, no sentido de contribuírem para uma educação favorável à criança, mas também facilitadora das rotinas das famílias e da própria comunidade - “Há que acreditar no interesse e no empenho destas famílias na educação dos filhos, desenvolver esforços conjuntos de diálogo e de cooperação, e valorizar os pequenos gestos de participação” (Nunes, 2004, p.73). A lojista da mercearia, a animadora do Lar, ou o vizinho do JI podem contribuir com ações de cuidado, com fim a um objetivo comum, o da educação positiva da criança que por consequência trará outras vantagens à própria comunidade, como o aumento e aproximação das relações entre estas entidades e um sentido de entreajuda atento e constante (Silva, 1993). Tendo estes últimos pensamentos em linha de conta, acrescenta-se Neiva (2010) que considera que os momentos para que os pais e os filhos possam estabelecer interações saudáveis e enriquecedoras são escassos. A EA pode interferir como um motivo de aproximação entre pais e filhos, através do desenvolvimento de oficinas e projetos artísticos e criativos. O processo criativo exige diálogo, discussão, troca de experiências e ideias, escuta ativa e interessada, pelo que cada encontro e definição de objetivo propicie um maior hétero conhecimento e ligação entre a comunidade escolar e as famílias. Contudo, e apresentando uma visão mais positiva, verifica-se que esta situação tem melhorado ao longo dos anos, com o aumento de projetos escolares que procuram promover a inclusão social e a diversidade cultural. Todavia, a cooperação entre as três entidades em debate (escola, famílias, comunidade) ainda não acontece tal e qual como seria desejável, devido aos desafios diários, laborais, relacionais e emocionais enfrentados por estas entidades sociais, tal como se tem vindo a relatar (Silva, 1993). A associação de pais é um ótimo exemplo de “inter-relação entre escola e sociedade”. Neste grupo “não basta responderem às solicitações dos professores. Compete-lhes, de preferência em colaboração com a escola, assumirem um papel protagonista na tentativa de envolverem na escola todos os pais, em particular o dos alunos que mais precisam de apoio” (Silva, 1993, p.26). A educação assume como seu desígnio o incremento da relação escola-família e deve fazê-lo sem atribuir a este processo complexo rótulos e

distinções separatistas de “vítimas e culpados”, tal como avisa Marques (1999) ao argumentar que existem coincidentemente “pais difíceis de alcançar” e “escolas difíceis de alcançar” (Marques, 1999 referenciado por Amorim, 2011, p.25). Na ação educativa, o educador ou mediador tem o dever de ter em conta a família e a cultura da criança - o conceito de “criança inteira” é uma abordagem holística que se foca no funcionamento da criança como um todo - a sua mente, corpo e sentimentos e, jamais, se pode ignorar a criança como parte integrante de um contexto, e proveniente de “uma família com passado e um futuro - uma família que faz parte de um grupo racial, étnico, cultural, linguístico e socioeconómico” (Mena, 2015, p.7).

Em resumo, a EA poderá ser um ponto de partida vantajoso na união entre pais, filhos e restante comunidade, em projetos que os incluam num convívio com qualidade e empenho conjunto, no contexto concreto que é o ambiente educativo (Amorim, 2011). A EA tem um papel importante, quer na interação do educador com a criança, como na interação entre educador-criança-família-comunidade, como da criança consigo mesma, com o meio ao seu redor e com a própria arte e cultura, ou seja, o educador deve ser criativo para ir ao encontro das necessidades da criança e da sua família, e, deve, também, promover momentos de desenvolvimento de criatividade de cada criança e do grupo, em contextos “da” e “com” a comunidade (Sousa, 2003). É importante que o/a educador/a, a criança e as famílias estejam em permanente diálogo de modo a adotar estratégias criativas para as especificidades de cada criança e família, pois a arte resulta como um meio de resolução de problemas e de descontração e conexão entre os pares (Sousa, 2003).

II METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO

2.1 A INVESTIGAÇÃO AÇÃO-PARTICIPATIVA

A metodologia investigação-ação participativa (IAP), rege-se por uma lógica de trabalho participado e consciente com vista ao desenvolvimento de ações “com” as pessoas e não “para” as pessoas com o objetivo de conhecer e interagir com o contexto numa relação horizontal que proporcione diálogo e que crie condições para a participação ativa dos “atores locais” (Lima, 2003) e que, através de um trabalho conjunto, se tornem em autores sociais de transformação das próprias vidas. Aguillar (2011) defende a mesma visão, de que os indivíduos de determinado contexto social devem ser os protagonistas nos processos e projetos de intervenção que se criam em conjunto. A IAP possui valores fundamentais na sua base que, segundo Lima (2003), leva a pelo menos três orientações *“compromisso moral e político com a democracia participativa; (...) a necessidade de empowerment, de desenvolvimento de todos os cidadãos; (...) o enfraquecimento da separação entre a conceção e a execução”* (Lima, 2003, p.310). Segundo Lima (2003), para que esta metodologia seja considerada participativa é imprescindível a participação ativa dos sujeitos na comunidade e nos problemas sociais da mesma, sendo, portanto, necessário desencadear um processo educativo, que passa pela consciencialização dos problemas que a sua realidade enfrenta (Lima, 2003). Considerando esta vertente centrada nos sujeitos e no local, refiro Aguillar (2011), pois o mesmo caracteriza a IAP como uma corrente popular que tem como prioridade *“[...] promover, fomentar, o generar la participación activa de la población involucrada.”* (Aguillar, 2011, p. 345). A IAP é muitas vezes aplicada em práticas educativas que se “regem pela necessidade de resolver problemas reais” e onde o professor ou educador é também o investigador (Coutinho, Sousa, Dias, Bessa, Ferreira & Vieira, 2009, p.362). O investigador deve assumir uma escuta ativa preocupada e interessada de modo a potenciar a participação ativa dos sujeitos. Este deve também procurar criar circunstâncias para que os sujeitos se sintam confortáveis em partilhar as suas visões sociais. Na IAP a relação dialógica entre reflexão e prática é altamente valorizada (Coutinho et.al, 2009). É fundamental refletir sobre a própria

prática e, por isso, Coutinho et.al (2009, pp.358) apresenta designações como «reflexão na ação», «reflexão sobre a ação» e «reflexão sobre a reflexão na ação». Desta forma, tornar-se-á possível contribuir para o desenvolvimento, melhoria ou transformação das práticas em causa. Posto isto, o conhecimento de uma realidade é co-construído, pois não é hierarquizado, entre a perceção individual do investigador e a perceção social – as perceções dos sujeitos da realidade em questão. Esta metodologia passa sempre por um processo educativo, pois ao longo do mesmo privilegia-se o conhecer para agir e o agir conhecendo ou, por outras palavras, o “aprender fazendo”. Podemos distinguir a IAP de outras metodologias por apresentar “uma preocupação com a justiça social e com o desenvolvimento” (Lima, 2003, p. 308), a caminho de uma finalidade que é a transformação e a mudança dos contextos. Enfatiza-se como objetivo ultrapassar os problemas da realidade, considerando as potencialidades e melhorando o próprio contexto. Para esta mudança ocorrer importa refletir sobre as situações problemáticas, enquadrando-as devidamente no tempo e no espaço. A IAP prima por aliar a ação à reflexão e a teoria à prática, de forma participada na resolução das problemáticas existentes nos contextos, de modo que os atores sociais se tornem agentes de mudança da sua própria realidade, tanto a nível pessoal como no seio da sua comunidade (Lima, 2003; Coutinho, et. al, 2009). Coutinho, Sousa, Dias, Bessa, Ferreira e Vieira (2009) refere-se a esta metodologia como se de uma espiral se tratasse, dado que, acontece um processo cíclico permanente entre reflexão e prática que tem como finalidade emancipar os envolvidos na permanente alteração da sua realidade e, deste modo, emancipá-las. O investigador ao assumir uma mediação cuidada, equilibrada e priorizada das vontades e das necessidades dos intervenientes, dando-lhes voz para se emanciparem e participarem ativamente e conscientemente leva a que o processo de mudança que cada participante precisa aconteça de forma verdadeiramente sentida e impactante (Coutinho et.al, 2009).

2.2 TIPO DE ESTUDO

Na ciência "clássica", seja ela de paradigma quantitativo ou qualitativo, existe uma inquietação da pessoa investigadora em assumir uma postura e um pensamento neutro ao investigar a realidade e em garantir que a suas ideologias e crenças não interfiram com a investigação. Porém, no paradigma sócio-crítico os princípios funcionam ao contrário, dado que, o investigador parte das suas crenças, visões e ideologias, considerando que, para ele é esta a "realidade que vê". Portanto, o que o investigador pretende é intervir, modificar, transformar a realidade de fora para dentro e de dentro para fora, de maneira que esta se aproxime da realidade em que ele "acredita" (Coutinho et.al, pp. 357). Assim, o método de IAP pretende "investigar e agir" e, isso, pode acontecer através das premissas sócio-críticas. O paradigma sócio crítico é caracterizado como sendo a combinação dos métodos quantitativo e qualitativo que se afasta do paradigma interpretativo e positivista. Este paradigma "[...] traz para a ribalta das práticas investigatórias a conceção ideológica e valorativa que está presente na investigação e que acaba por determinar o conhecimento que daí possa advir" (Coutinho et.al, pp. 357). A IAP e o paradigma sócio-crítico fazem uma boa colaboração porque ambos se centram numa ação profícua dominada pela práxis e pelo conhecimento emancipatório, dinamizador e transformador da realidade (Coutinho et.al, 2009, pp.356-357).

2.3 TÉCNICAS E INSTRUMENTOS DE RECOLHA DE DADOS

As técnicas e instrumentos de recolha de dados são cruciais para analisar e compreender todas as etapas que ocorrem ao longo de um projeto - "a recolha dos dados constitui a execução do instrumento de observação que consiste em recolher ou reunir concretamente as informações determinadas junto das pessoas..." (Quivy & Campenhoudt, 1998). A recolha de dados tanto serve para obter informação acerca da realidade que ajude a descobrir as potencialidades e dificuldades como também assume uma função avaliativa. Neste capítulo irei apresentar as técnicas e instrumentos que foram utilizadas, caracterizando cada uma delas e explicando o

objetivo com que cada técnica ou instrumento foi usada. Por fim, será feita uma breve abordagem ao conceito de avaliação demonstrando a sua relevância na IAP.

Técnicas de recolha de dados utilizadas: Observação participante; Registos Audiovisuais; Questionário; Conversas intencionais.

Instrumentos de recolha de dados utilizadas: Diário de Bordo; Fotografias, vídeo, gravações por áudio; Análise documental; Portfólio.

Enquanto investigadora em ação, a observação participante é uma técnica de recolha de dados muito valiosa, dado que permite observar comportamentos, atitudes, reações, acontecimentos e interações. Numa realidade podem-se observar situações inesperadas que são muito relevantes para a investigação, mas também promover determinadas situações para analisar hipóteses e possíveis reações específicas. Os momentos observados não devem só permanecer na memória, é fundamental recolher os dados registrando-os de forma factual num diário de bordo. De relevar que no diário de bordo também pode surgir o cunho interpretativo, crítico e reflexivo dos factos, pois é assim que a riqueza de análise dos dados aumenta. A observação participante é uma técnica imprescindível, principalmente, no que diz respeito à avaliação do projeto e ao impacto do mesmo nas pessoas, pois permite que se façam as alterações e os ajustes necessários ao longo de todo o processo. Ora, como documentar a aprendizagem da criança, mas também dos familiares e restante comunidade? Primeiramente fazer uma observação atenta das palavras, gestos, sons, silêncios, movimentos e interações e “[...] questionarmos de forma mais profunda sobre o que elas estão nos dizendo ou, mais do que isso, sobre o que estão se perguntando” (Oliveira, et. al, 2021, p.117). Assim sendo, a observação participante fará parte da investigação durante o projeto. Diariamente, em relação com as pessoas terei que observar como se sentem, como interagem entre si, como reagem às propostas e aos desafios que vão encontrando durante o processo criativo, quer individual, quer coletivo de forma a compreender como é que o projeto está a ser vivido pelos participantes. De modo a complementar, corroborar e enriquecer este olhar, é fundamental acrescentar as conversas informais, discussões em grupo, brainstorming ou os debates. Para apresentar a definição de outro método de recolha de dados – o portfólio -, será citado Silva e Craveiro (2014): “O portfólio é uma

metodologia de avaliação das aprendizagens, tem como especificidade possibilitar conceder voz às crianças sobre as suas aprendizagens, permitindo-lhes participar na avaliação do seu próprio desempenho” (Silva & Craveiro, 2014, p.36 referenciado por Oliveira et.al, 2021 pp.146). O próprio portfólio é por si só uma representação das capacidades artísticas da criança, mas também da exteriorização das suas emoções e pensamentos dado que representa uma “[...] forma única, pessoal e intransmissível de documentar fielmente o processo educativo de cada criança, (...). Abre as janelas do JI a todos os interessados na educação da criança, de uma forma colaborativa e participada” (Parente, 1996, referenciado por Oliveira, et.al, 2021, pp.146). Por outras palavras, as crianças poderão documentar o próprio processo criativo através da criação de portfólios já que este é um instrumento interessante pois “contam uma história, uma história da criança, uma criança que vive, age e interage no mundo que a rodeia. Cada portfólio reflete o percurso, o desenvolvimento e as aprendizagens do seu autor. Tal como não há duas crianças iguais, não deverá haver dois portfólios iguais. O portfólio, além de reforçar a unicidade da criança, dá-lhe agência consciencializando-a das suas escolhas, aprendizagens, dificuldades e superações” (Oliveira, et.al, 2021, p.139). Outra vantagem do portfólio é a possibilidade de participação de outras pessoas com que a criança se relacione, o que aumenta a riqueza dos registos tornando-o numa “peça única”. O portefólio é, ainda, reconhecido como um “objeto de fronteira, que integra vários contributos e relatos de diferentes vozes, da criança, do educador e da família” (Oliveira, et.al, 2021, p.139). Tal como defendem Gomes e Oliveira (2020b, p.490) referenciado por Oliveira, et.al (2021, p.143) “o portefólio é muito mais que um depósito de desenhos e trabalhos, o portfólio tem uma identidade, uma história de vida, um percurso de aprendizagem, avaliação e reflexão” (Gomes e Oliveira 2020b, p.490 referenciado por Oliveira, et.al 2021, p.143,). Ao analisar o portfólio de uma criança é possível que o educador consiga ver traços que o façam refletir sobre a sua própria ação e compreender junto da criança como é que a mesma interpretou as aprendizagens e sentiu o seu processo criativo. Dado que este é um projeto que ativa sinergias e aproxima a comunidade não será errado dizer que este método faz todo o sentido ser aplicado pois “constitui um elo de ligação, um objeto de fronteira, uma ponte que liga contextos, que aproxima pessoas e gerações” e, assim verifica-se que o portfólio integra validade e relevância

na avaliação de impacto do projeto nas atitudes, perspetivas e interações dos participantes. As técnicas conversacionais anteriormente referidas são muito úteis em várias etapas do processo: no desenho do projeto, durante o projeto e no final do mesmo. A partir de uma conversa informal ou de uma discussão em grupo é possível ouvir testemunhos dos sujeitos pertencentes a determinada realidade e conhecer as suas vontades e dificuldades sentidas. Nesta perspetiva o desenho de projeto pode ser pensado à luz das partilhas dos sujeitos do contexto. Com isto, ao iniciar o dia pretendo perceber o clima do grupo e ouvir novas ideias que possam surgir, pois só assim saberei como devo orientar os participantes ou as atividades consoante aquilo de que necessitam. No final do dia, o momento de partilha conversacional surge novamente, de modo a obter perceção sobre como viveram as atividades (dificuldades sentidas, esforços feitos, necessidades prioritárias e desejos futuros). No final do projeto a dinamização de uma partilha em grupo será imprescindível para conhecer o impacto que o projeto teve nas atitudes, pensamentos e relações dos participantes. A análise documental é outra técnica de recolha de dados. Através da leitura de documentos oficiais a compreensão da realidade ganha outra perspetiva que é útil, essencialmente, para descobrir a problemática e para que o desenho de projeto seja centrado nas necessidades das pessoas e na cultura do próprio contexto.

2.4 A INVESTIGAÇÃO NO PROJETO “DO LAPEDO A SANTA EUFÉMIA”

Neste capítulo está presente o diagnóstico e levantamento de necessidades que deram forma à problemática de investigação e, conseqüentemente, à pergunta de partida e objetivos de investigação.

2.4.1 DIAGNÓSTICO DE NECESSIDADES E PROBLEMÁTICA

A intervenção em IAP deve ser centrada na identidade, cultura e necessidades concretas dos indivíduos. De forma a descobrir as principais necessidades deste grupo, desenvolvi uma série de estratégias de modo a conseguir obter uma triangulação de perceções que apoiassem a fundamentação de uma problemática específica. Devo salientar que, inicialmente, entrei em contacto com o Presidente da JF de SE com o

intuito de obter uma melhor perceção sobre as principais características e necessidades da freguesia, de modo a encontrar uma problemática específica e a desenvolver um projeto que cativasse a comunidade, mas não recebi qualquer resposta.

Comecei por fazer uma leitura de alguns documentos oficiais, como foi o caso do Plano Estratégico do Sistema Cultural e Criativo associado à Rede Cultura 2027. Neste documento foram identificadas as seguintes necessidades:

Valorizar a cultura a nível local, principalmente dos espaços rurais e periféricos do Município de Leiria (Relatório Plano Estratégico Municipal da Cultura para o Concelho de Leiria, 2020); Valorizar o património cultural e arqueológico do Vale do Lapedo (RPEM CCL, 2020); Aumentar a articulação e cooperação entre diferentes agentes culturais do concelho - neste caso, fará sentido ativar sinergias entre entidades quer culturais quer sociais e educativas da freguesia de SE (RPEM CCL, 2020); Aumentar a oferta cultural em conjunto com o associativismo; Requalificar o jardim de infância de SE; Continuar a assegurar os programas de AAAF E CAF; Garantir o funcionamento da Ludoteca em SE; Garantir apoio às famílias de maior vulnerabilidade; Colmatar a falta de pessoal no horário de prolongamento do jardim de infância.

Dado que sou professora de dança criativa no JISE, tive a oportunidade de proporcionar facilmente conversas muito concretamente dirigidas à obtenção de informações acerca da Freguesia - a intencionalidade é um ponto fulcral na investigação. As educadoras não são naturais de Santa Eufémia, nem vivem perto, para além de que este foi o primeiro ano a trabalhar neste JI. Inclusive as educadoras encontravam-se, ainda, no conhecimento e reconhecimento do espaço, da comunidade e das dinâmicas familiares. As educadoras refletiram comigo sobre o impacto da pandemia nas crianças, já que muitas passaram muito do seu tempo, desde que nasceram, em casa, com avós, sem contacto com outras crianças. Consideram também que muitas das crianças ainda estão num processo muito denso de desvinculação dos hábitos de cuidado pessoal (tirar a fralda e a chupeta, por exemplo) e de aprendizagem de regras de socialização como saber esperar, fazer a fila corretamente, ter responsabilidade pelos materiais da escola e partilhá-los, ter

autonomia na organização e cuidado dos objetos escolares e pessoais, compreender as regras de sala de aula entre outros. Já seria esperado um determinado tipo de progresso que ainda não aconteceu, pelo que, para além de que cada criança ter o seu ritmo de aprendizagem que está a ser respeitado, é evidente a repercussão do isolamento social nestas crianças. Ademais, a Diretora Técnica e a Animadora Sócio-Cultural do Lar Eira da Torre numa conversa informal partilharam que o isolamento social foi muito difícil para os idosos e para a equipa. Foram tempos de uma readaptação radical muito dura que teve repercussões no bem-estar emocional de todos, essencialmente dos idosos que viram a sua saúde deteriorar-se e, apesar de toda a equipa técnica ter apoiado diariamente o grupo durante a quarentena, a questão dos afetos foi reduzida significativamente o que foi drasticamente sentido pelos idosos que desejavam e necessitavam muito desse contacto.

Importa referenciar que segundo os 3º e 4º artigos da Secção II do Diário da República, 2ª série, nº 164 (2015), as “Atividades de Animação e Apoio à Família” (AAAF) são uma resposta social que concede a garantia do acompanhamento das crianças na educação pré-escolar antes e ou depois do período diário de atividades letivas (15h30m - 19h00m) e durante os períodos de interrupção destas atividades. Uma das necessidades diagnosticadas relaciona-se com a garantia e animação do tempo durante as AAAF, vontade que foi partilhada pelas auxiliares, educadoras e famílias. Em resumo, as questões priorizadas que deram forma à problemática são as seguintes: o decréscimo de atividades educativas e culturais, agudizado pelo isolamento social. Ao desenvolver o projeto durante o tempo das AAAF, tornou-se possível responder a duas necessidades em simultâneo: à necessidade de colmatar a falta de profissionais durante as AAAF; e ao desejo evidenciado pelas profissionais e pelos familiares em desenvolver atividades diferenciadas após o tempo letivo. As relações interpessoais da comunidade, assim como o seu bem-estar emocional e as ligações afetivas foi afetada, principalmente a dos idosos institucionalizados, tendo piorado a sua qualidade de vida. O facto de as auxiliares partilharem, inicialmente, que as famílias demonstram vontade em retomar as atividades escolares, podendo participar nas mesmas. O potencial relaciona-se, também, com a existência do espaço natural “Vale do Lapedo” que é classificado como Monumento Nacional, desde 2013, potenciando, em simultâneo, a

necessidade de conectar os fregueses com a sua própria história comunitária, promovendo a valorização do património cultural local tal como é, também, evidenciado no RPEM CCL (2020).

Tendo em linha de conta todos os aspetos anteriormente mencionados obteve-se a seguinte **problemática**:

- A necessidade de valorização da cultura a nível local, principalmente dos espaços rurais e periféricos do Município de Leiria, tal como preconizado no Relatório Plano Estratégico Municipal da Cultura para o Concelho de Leiria (2020), como veículo da aproximação e entrosamento dos membros da comunidade.

2.4.2 PERGUNTA DE PARTIDA

- De que modo é que as crianças do jardim de infância de Santa Eufémia poderão contribuir para ativar sinergias na sua comunidade através da expressão artística?

2.4.3 OBJETIVO GERAL

- Conhecer o contributo do projeto “Do Lapedo a Santa Eufémia” para o fomento de uma maior consciência comunitária nas crianças, famílias e restantes membros da freguesia de Santa Eufémia.

2.4.4 OBJETIVOS ESPECÍFICOS DE INVESTIGAÇÃO

- Avaliar a repercussão do projeto na valorização da cultura local;
- Compreender o contributo do projeto na promoção da expressão artística das crianças do jardim-de-infância;
- Avaliar de que modo o projeto contribuiu para aumentar o conhecimento das crianças do jardim de infância de Santa Eufémia sobre a sua própria freguesia;

- Analisar os efeitos do projeto nas dinâmicas relacionais e culturais nas pessoas participantes da comunidade de Santa Eufémia.

2.5 CONCEITO DE AVALIAÇÃO

No que diz respeito ao conceito de avaliação este pressupõe o ato de apreciar aptidões, processos, programas, projetos e/ou sujeitos, tendo previamente delineado um objetivo concreto perante essa avaliação, ou seja, um motivo pelo qual se avalia determinada dimensão. A avaliação deve dizer respeito a um processo contextualizado e organizado que recolhe informações através dos vários instrumentos como a observação direta participante, o questionário, a entrevista, etc. – analisando os vários resultados: os expectáveis, os inesperados e os não alcançados. Ademais, serve como um apoio à tomada de decisões, com o intuito da melhoria das práticas, potenciando formação e, sobretudo, a participação dos sujeitos envolvidos (Fernandes, et. al, 2010). A avaliação de projetos é orientada para a valorização da qualidade do mesmo para posterior tomada de decisões com vista à melhoria (Juste, 1995). Por outras palavras, a avaliação é fundamental e quase indispensável, pois permite verificar o impacto do projeto nos sujeitos, melhorá-lo e adaptá-lo adequadamente, o que exige permanente flexibilidade, visto que a realidade é inesperada e está em constante mudança, podendo surgir novos desafios que requerem a adaptação do projeto. Ressalve-se que se não existisse processo avaliativo, perdia-se a noção de como é que o desenvolvimento do projeto estaria a ocorrer, diminuindo a qualidade do mesmo e podendo até ser prejudicial, pois os objetivos não conseguiriam ser atingidos afetando a vida dos sujeitos da comunidade - “O processo de avaliação surge assim como um agente de comunicação eficiente dos resultados, que passam a se revestir de significado objetivo para os técnicos e os sujeitos com quem trabalham” (Cabral, 2011).

Relativamente às questões éticas, deve ser dito que a “ética no seu sentido mais amplo, é a ciência da moral e a arte de dirigir a conduta” (Fortin, 1999, p.114). Qualquer investigação que é realizada com pessoas tem de ter em conta os seus direitos fundamentais, mais concretamente, o direito à intimidade, à autodeterminação, ao anonimato e à confidencialidade, ao tratamento justo e

equitativo, e contra o desconforto e prejuízo. A qualquer momento cada pessoa envolvida tem o direito de aceder aos seus dados, exigindo que os mesmos sejam renunciados (Fortin, 1999).

Contactei a coordenadora do Agrupamento, Susana Franco, para pedir autorização no que diz respeito ao desenvolvimento do projeto neste jardim de infância, tendo sido imediatamente aceite. Por último, redigi um pedido de autorização para ser entregue às famílias das crianças que integram as AAAF, onde expliquei o objetivo geral e o enquadramento do projeto a desenvolver, e pedi autorização para a captação de vídeos e fotografias (anexo 1). Todas as famílias autorizaram a participação dos seus educandos, bem como a captação de registos audiovisuais. No início do projeto questionei também as crianças sobre se permitiam que eu fizesse registos audiovisuais, o que todas aceitaram. Tinham conhecimento de que poderiam mudar a decisão e que tal seria respeitado. Ficaram também informadas de que quando iniciasse o registo fotográfico, mais adiante, já não voltaria a questioná-las novamente. Todos os nomes apresentados neste relatório são fictícios. Nas fotografias, os rostos das crianças não são identificáveis.

III METODOLOGIA DE INTERVENÇÃO

Ao longo do projeto adotei como metodologia de intervenção, a metodologia de trabalho por projeto. A metodologia de trabalho por projeto é conhecida por ser utilizada em qualquer nível educativo, mas tendo um foco dirigido essencialmente à idade pré-escolar (3-6 anos) e ao 1º ciclo do ensino básico. Está é uma metodologia comum de trabalho que acontece nas salas de atividades (Katz & Chats, 1997, 2009 referenciado por Vasconcelos, Rocha, de Castro, Menau, Sousa, Hortas, Ramos, Ferreira, Melo, Rodrigues, Mil-Homens, Fernandes & Alves, 2012) que tem como intuito "[...] desenvolver e estimular os processos de aprendizagem e de co-construção do conhecimento" (Vasconcelos et. al, 2012). A MTP rege-se pelo conceito de aprendizagem em espiral defendido por Bruner (1960) -"qualquer ciência pode ser apreendida pela criança em qualquer idade, pelo menos nas suas formas mais simples,

desde que seja relevante culturalmente e se utilizem procedimentos adaptados aos estilos cognitivos e às necessidades das crianças" (Bruner, 1960 referenciado por Vasconcelos et.al, 2012). As crianças constroem-se e são "autoras de si próprias" enquanto estão em projeto, ou seja, através deste tipo de trabalho coletivo a criança cresce adiantada do seu próprio desenvolvimento (Vasconcelos et.al, 2012). O trabalho de projeto fomenta a intelectualidade, o desenvolvimento de competências pessoais e sociais e, também, a "sensibilidade emocional, moral e estética das crianças" dado que elas são questionadoras, curiosas, têm uma vontade de aprender que é intrínseca e buscam encontrar significado para os acontecimentos e ações do meio ao seu redor. O trabalho de projeto irá enfatizar a predisposição inata da criança para afirmar a sua existência; colocar hipóteses, fazer análises e elaborar soluções; prever e verificar essas suposições; aprender pelo empirismo; tomar iniciativas de forma responsável; compreender o outro antecipando possíveis reações (Vasconcelos, et.al, 2012). Os estudiosos desta metodologia mencionam que o "[...] trabalho de projeto contribui para este desabrochar da mente da criança, sobretudo daquela para quem a experiência pré-escolar se pode constituir factor de diminuição das desigualdades socio-educativas" (Vasconcelos, et.al, p.19). Assim sendo, o trabalho de projeto irá promover todas estas competências a partir da orientação das seguintes 4 etapas:

I FASE - Definição do Problema

Nesta etapa são formuladas as questões a investigar, descobrem-se as dificuldades e define-se a problemática coletivamente. Através de discussões em roda e conversas informais, partilha-se o conhecimento existente por cada pessoa do grupo sobre o assunto discutido e através de esquemas, desenhos e pequenos registos por escrito com o apoio de um adulto, a criança irá obter noção sobre aquilo que sabe num determinado momento, as curiosidades que tem e o que tem de fazer para atingir o conhecimento desejado, ainda desconhecido (Vasconcelos, et.al, 2012). Posto isto, unem-se condições para avançar para a planificação - Em conversas de roda percebi que muitas crianças tinham conhecimento do que era a história do Menino do Lapido (pois já tinham recebido o livro), mas as crianças mais novas desconheciam por completo esta história. Apenas algumas crianças se recordavam da história.

II FASE - Planificação e Desenvolvimento

Nesta fase, as ideias discutidas, os registos feitos quer em desenho, quer por escrito, ganham forma e um caminho mais pensado na delineação do projeto. Contudo, defende-se que a planificação não deva ser linear para que seja possível formular hipóteses “[...] amplas “do que pode ser” e inferi[r] os objectivos atingidos à medida que os projectos se desenrolam” (Vasconcelos et.al, 2012, p. 15). As crianças em conjunto com a família, com os colegas e o educador vão formulando e decidindo as vias a seguir para alcançar os conhecimentos e as experiências previamente discutidas, sempre cientes da imprevisibilidade e da inconstância de vontades. É fundamental ter ciente que a planificação é “[...] como uma forma de trabalho na qual os educadores estabelecem objectivos ou grandes intenções gerais, mas não formulam objectivos específicos para cada projecto ou para cada actividade antecipadamente” (Vasconcelos et.al, 2012, pp. 15).

III FASE - Execução

Finalizada a planificação, não esquecendo que esta nunca será uma planificação rígida e demasiadamente estruturada, segue-se para a concretização do projeto ou atividade propriamente dita. Durante todo o processo é fundamental permitir que todos os participantes, as crianças - num trabalho conjunto com os seus familiares, colegas, auxiliares e educadores - se sintam livres, mas orientados para propor novas ideias, tomar decisões, viver o processo de pesquisa, preparar aquilo que tencionam saber. Devem ser orientados a compor, escolher e anotar a informação através de desenhos, fotografias, textos, construções, recortes e colagens, elaboração de gráficos e de sínteses (Vasconcelos, et.al,2012). Trabalhar nesta vertente implica que a sala de atividades seja um espaço livre sem cantinhos “estáticos” e previamente definidos para concretizar ações específicas. Caso contrário, o ideal seria improvisar, adaptar, reformar e reorganizar o espaço, reaproveitar materiais pouco comuns no JI, fazer uso de um espaço estático dando-lhe uma intenção diferente da habitual. Desta forma, a criatividade, “a pesquisa de laboratório”, e a exploração serão mais enriquecedoras, pois, a partir do próprio espaço poder-se-á descobrir novos significados (Vasconcelos, et.al, 2012). Após a concretização do projeto em si, é fundamental promover

momentos em que se compare o conhecimento que se sabia inicialmente com aquilo que se sabe no momento final do projeto (Vasconcelos, et.al, 2012).

IV - Divulgação/Avaliação

A fase final da metodologia de trabalho por projeto é a divulgação e avaliação do mesmo, contudo, esta metodologia defende que a avaliação do projeto não aconteça somente no seio dos participantes, mas que seja divulgada à restante comunidade, tornando o projeto útil. Esta é a etapa da socialização - é “uma experiência culminante [onde] ocorre uma espécie de celebração, um meio simbólico de reconhecer o que foi conquistado e apreendido pelo grupo durante o projeto, como dizem os educadores de Reggio Emilia (Edwards et al. 1999 referenciado por Vasconcelos et.al, 2012, p.17). É importante apresentar todo o processo criativo e aprendizagens obtidas através da elaboração de portfólios, da exposição de um projeto fotográfico, da apresentação de uma dança, da promoção de um debate conversa/brainstorming/teia em roda com o objetivo de provocar reflexões, tanto nos participantes como na comunidade envolvente. Concluída o esclarecimento das 4 etapas processuais da metodologia de trabalho por projeto é de salientar que estas “[...] fases anteriormente referidas não são apenas sequenciais no tempo, num desenvolvimento linear. Entrecruzam-se, re-elaboram-se de forma sistémica, numa espécie de espiral geradora de conhecimento, dinamismo e descoberta.” (Vasconcelos, et.al, 2012, p.17). E é crucial o educador/mediador interrogar-se permanentemente: será que “[...] as crianças estão mesmo a investigar, a criar teorias sobre as coisas, a experimentar essas teorias, comprovando-as ou reelaborando-as?” (Vasconcelos, et.al, 2012, p.17). Esta aprendizagem da criança também só poderá acontecer se o educador estiver atento a todo o processo e se revele um “provocador” com sentido crítico ao questionar as assunções feitas pelas crianças e convidá-las à experimentação e descoberta dos seus próprios significados.

3.1 OBJETIVOS DE INTERVENÇÃO – GERAL E ESPECÍFICOS

Objetivo Geral

- Desenvolver um trabalho criativo com as crianças que as leve a conhecerem-se melhor, a conhecerem melhor a comunidade em que estão inseridas e o território tanto de hoje como de outrora, implicando em simultâneo, o envolvimento da comunidade

Objetivos Específicos

- Sensibilizar as crianças para o património material e imaterial da freguesia de Santa Eufémia;
- Contribuir para o desenvolvimento de competências pessoais e sociais das crianças do jardim de infância de Santa Eufémia através de processos criativos;
- Ativar sinergias entre as crianças, as suas famílias e a restante comunidade a partir de linguagens artísticas e da cultura local.

IV CARACTERIZAÇÃO DO CONTEXTO

4.1 CARACTERIZAÇÃO DA FREGUESIA

A União das Freguesias (UF) de Santa Eufémia e Boa Vista nasceu na sequência da reforma administrativa de 2013. As freguesias da Boa Vista e de Santa Eufémia reúnem lugares pertencentes às freguesias vizinhas de Marrazes, Colmeias e Pousos, e a freguesia de Santa Eufémia, que integra as freguesias de Caranguejeira e Pousos. Enquadrando demograficamente esta União de Freguesias (UF) ela possui cerca de 4072 habitantes considerando os Censos de 2011 e consta com um território de 19,55 km² e cuja densidade populacional é de 208,39 (Carta Educativa 2030, 2020). Concretamente em SE, em 2013, residiam no total cerca de 2327 habitantes. Deste último número 14,8% são pessoas dos 0-14 anos, 13% são pessoas da faixa etária dos 15-24 anos, 54,10% corresponde a pessoas com idades compreendidas entre os 24-64

anos e, por fim, 18,1% é a percentagem das pessoas com mais de 65 anos (CE 2030, 2020). No *site* da UF de Santa Eufémia e Boa Vista pude verificar a existência de algumas associações e coletividades do foro cultural e recreativo. A nível cultural, existe a Associação Cultural, Recreativa e Desportiva de Santa Eufémia que foi fundada no ano de 1977 e tem como objetivo o desenvolvimento de atividades de convívio e lazer, e ainda as celebrações religiosas realizadas ao longo do ano, como as Tradicionais Festas da Páscoa em honra de N. Sra da Conceição e de Cristo Ressuscitado, a festa em honra de Nossa Senhora das Dores, e a festa de Nossa Senhora das Graças, entre outros. De carácter social, a freguesia possui a AMBESSE - Associação de Melhoramentos e Bem Estar de SE, que é uma instituição particular de solidariedade social (IPSS) que nasceu em 1996 com o principal foco de apoiar a comunidade em geral, mas principalmente os idosos da freguesia. Ademais, a IPSS assume as respostas sociais de centro de dia que acolhe 30 pessoas e o apoio domiciliário dá resposta a 40 pessoas. Ainda nesta vertente, e ao lado do JISE existe, desde o ano 2000, o Lar Quinta Eira da Torre, uma casa de repouso para idosos com e sem alojamento. Aqui desenvolvem-se uma série de atividades de apoio social - transporte de idosos de e para equipamentos sociais, e outras deslocações organizadas para a prática de atividades diversas exteriores ao Lar, sendo também dinamizadas atividades artísticas e de animação, com os idosos. Quanto à área educativa, o *site* da freguesia refere a existência de uma associação de pais da freguesia de Santa Eufémia e Caranguejeira que dá apoio às escolas de pré-escolar e às escolas básicas. A associação com carácter eminentemente artístico é o TASE – Teatro de Animação de Santa Eufémia. Esta é uma associação de teatro amador nascida em 1931 que tem a participação de dezenas de atores de diversas idades e que estão distribuídos por diferentes grupos teatrais. Tem adicionado à sua atividade as visitas a exposições temporárias de pintura, escultura, fotografia, os concertos musicais, e a participação em concursos e oficinas de artes decorativas. Nesta UF, mais concretamente na freguesia vizinha de Boa-Vista, existe a Escola de Música SextaLinha com 15 anos de história. Nesta escola são lecionadas “aulas de música personalizadas e adaptadas a cada pessoa, cheias de diversão, para todas as idades, de todos os instrumentos individuais e/ou coletivas com aulas práticas e teóricas” (Santos,2021), tal como está mencionado na página de facebook desta Escola de Música. Do ponto de vista de património natural e cultural tem como locais

de interesse visitar o Centro de Interpretação do Abrigo do Lagar Velho, o Parque Verde do Vale do Lapedo e as Igrejas de Santa Eufémia e Boa Vista.

4.2 PARTICIPANTES E ENVOLVIDOS NO PROJETO

- **As Crianças**

Considerando o exposto relativamente à freguesia de SE o projeto foi realizado com um grupo muito heterogéneo de 27 crianças, das quais 8 crianças com 3 anos, 12 crianças com 4 anos, 5 crianças com 5 anos e 2 crianças com 6 anos que frequentam as AAAF do JISE. Estas crianças foram a génese, o fio condutor, e o fulcro do projeto de aproximação da comunidade.

- **As Famílias**

Os familiares têm idades compreendidas entre os 30 e os 45 anos. A maioria das famílias das crianças vive na freguesia de Santa Eufémia ou vive em freguesias vizinhas. Há casos de famílias que vivem em Leiria, mas possuem um emprego que as aproxima desta freguesia. Em conversa com elementos das mesmas descobri que algumas pessoas têm profissões na área empresarial, outras trabalham na área da saúde, na área da indústria e algumas famílias têm comércio próprio. A maioria das famílias vive numa situação sócioeconómica média, e média-alta. Segundo as auxiliares e educadoras, na generalidade as famílias são interessadas e participantes nas atividades letivas do JI, colaborando sempre que solicitadas. Apreciam o trabalho desenvolvido com o seu educando entendendo-o como uma mais-valia para o seu desenvolvimento e consideram que, de uma forma lúdica, promove a valorização de conceitos e do património local. Representação disso é o facto de algumas famílias já terem ajudado a pintar a casinha do JI, a decorar a entrada e a arranjar as plantas para harmonizar o jardim. Ainda é dito pelas mesmas auxiliares que trabalham naquela escola há muitos anos, que estas famílias estão preocupadas com o dia-a-dia das suas crianças e com as condições da escola, mostrando, simultaneamente, disposição para contribuir para a melhoria das infraestruturas e para a organização da mesma. Na festa final de ano, que já foi possível realizar na escola devido ao levantamento de restrições da covid-19,

verifiquei que foram inúmeras as famílias que deram apoio na organização da festa. Neste JI, existem ligações familiares, isto é, há cerca de 4 crianças que são primas umas das outras e existem seis pares de crianças que são irmãos. Não disponho de mais informação acerca das famílias dado que o projeto ocorreu dentro do JI e, durante a maior parte do ano, existiram regras concretas que impediam a entrada, fruto das restrições impostas pela situação pandémica. Além disso, o horário de trabalho das famílias ocorria ao mesmo tempo que o do projeto, o que impossibilitava terem uma maior disponibilidade para participarem presencialmente. Como forma de colmatar essa distância, e com a concordância e apoio da coordenadora do JI, foi criado um grupo no *Whatsapp*. Deste modo, foi possível aproximar as famílias ao projeto, pois fui partilhando frequentemente fotografias e vídeos das atividades que os seus filhos realizavam diariamente.

- **Educadoras e Auxiliares**

No que diz respeito às educadoras, ambas se encontram na faixa etária entre os 43 e os 48 anos e possuem entre 15 a 20 anos de experiência neste trabalho. Nenhuma é natural de Leiria e este foi o primeiro ano em que trabalharam neste JI. Foram duas pessoas extremamente prestáveis e disponíveis para apoiar o projeto, ouvir as minhas questões e conversar sobre estratégias pedagógicas. No que concerne às três auxiliares, duas delas trabalham no estabelecimento há mais de 20 anos, pelo que têm um conhecimento muito profundo sobre a dinâmica da escola ao longo do tempo. A outra auxiliar trabalha há três anos neste JI e é muito proativa. Todas elas apresentaram uma postura muito positiva e interessada na interação com as crianças e ajudaram-me imenso durante o desenvolvimento do projeto.

- **Lar Quinta Eira da Torre - Diretora, Animadora e Idosos**

A Diretora Técnica do Lar é assistente social e trabalha neste cargo desde 2018. O contacto que tive com ela durante o projeto foi escasso, mas inicialmente aceitou as propostas que lhe fiz com enorme facilidade e apoio. No que diz respeito à colaboradora que acompanhou de perto o projeto, ela é Animadora Sociocultural neste Lar desde 2016. A animadora foi uma pessoa extremamente prestável em apoiar as minhas ideias assim como em levar adiante as minhas propostas, sendo muito

disponível para conversar sobre as várias possibilidades de encontro entre as crianças e os idosos e assumindo sempre uma postura bastante animada e proativa durante os encontros. Mediou as atividades que se desenvolveram diretamente com os idosos, aplicando ideias muito criativas que deram azo a resultados muito interessantes, como será possível constatar no capítulo 5.3. O Lar tem cerca de 60 pessoas, sendo que algumas estão acamadas e por isso não foi possível participarem no projeto. Foram mais de 25 idosos que participaram no projeto, com idades compreendidas entre os 64 e os 103 anos, correspondendo a uma média de 80 anos. A maioria destas pessoas encontra-se no Lar há mais de 4 anos. Foi-me dito pela animadora que existem dois principais motivos para alguns idosos não acamados não terem participado: vontade própria de não participar e limitações físicas e mentais. Nas visitas ao Lar verifiquei que todos os utentes estavam sentados em cadeiras individuais numa sala muito ampla e espaçosa e, portanto, mesmo que todos não tenham participado diretamente nos diferentes encontros, acabaram por estar presentes e assistir às atividades desenvolvidas e mais adiante explicadas. Relativamente ao conhecimento dos idosos sobre a história do Menino do Lapedo, a animadora sociocultural referiu que as pessoas que desde sempre residiram em Santa Eufémia e arredores sabiam da existência da história, tinham conhecimento da descoberta que lhe deu origem, e também já tinham visitado o Vale do Lapedo. Cerca de metade dos idosos nunca tinham ouvido falar na história, nem no Vale do Lapedo.

V DESENVOLVIMENTO DO PROJETO “DO LAPEDO A SANTA EUFÉMIA”

Neste capítulo é relatado o desenvolvimento do projeto “Do Lapedo a Santa Eufémia”, apresentando todo o seu processo de diagnóstico, desenho, desenvolvimento e divulgação, tal como é salientado na Metodologia de Trabalho por Projeto. Este capítulo está dividido em três sub-capítulos, dos quais: o primeiro apresenta a realidade e o grupo tal e qual como o encontrei; no segundo estão apresentadas as atividades exploratórias que serviram como estratégia de aproximação e conexão entre mim, enquanto orientadora do projeto, e as crianças, e como via para a descoberta de um mote para o projeto; no terceiro, pode ler-se o desenvolvimento do projeto propriamente dito, mais concretamente das atividades centradas no mote da história infanto-juvenil “O Menino do Lapedo” e a divulgação do mesmo junto da comunidade.

5.1 DESCRIÇÃO DO JARDIM-DE-INFÂNCIA DE SANTA EUFÉMIA – CONTEXTO E DINÂMICAS

Salienta-se neste capítulo a apresentação e descrição do espaço e da dinâmica do JISE para melhor compreender o dia-a-dia das crianças. Este JI pertence ao Agrupamento de Escolas Caranguejeira – Santa Catarina da Serra, em Leiria.

No que diz respeito aos recursos humanos e materiais do JISE, segundo a carta educativa 2030 do Município de Leiria (2020), verifica-se que foi construído em 1997 e o seu grau de conservação foi avaliado como “Bom”. Tem cerca de 2 assistentes operacionais, 2 salas e 2 educadoras. Há ainda o apoio de três auxiliares nos momentos de almoço, recreio e AAAF. Duas destas três auxiliares, revezam as semanas de trabalho entre si. Possui, ainda, 1 refeitório e 1 telheiro. No documento acima referido consta a existência de uma sala polivalente, no entanto, o único espaço interno existente para além das salas é a zona de entrada onde estão os cacifos, dois sofás,

armários com material lúdico e uma televisão. Encontro no diário de bordo a seguinte pergunta realizada às educadoras e auxiliares: *"Existe algum aspecto a nível físico ou algum tipo de material que falta e sintam necessidade de ter no JI?"* Uma das auxiliares refere que os brinquedos poderiam ser mais atualizados, mas que a nível de material não falta nada de muito relevante. O espaço exterior possui um recreio com parque infantil, diversos brinquedos (como bicicletas, triciclos, bolas, pás e baldes) e tem também uma parte coberta. Este JI não tem espaço de biblioteca. Foi explicado que ao lado do JI está a ser criada uma ludoteca, num espaço anteriormente pensado para ATL pela anterior presidência, mal ao qual não deu seguimento, tendo a atual presidência alterado para ludoteca. No entanto, as auxiliares garantem que o espaço para o ATL ou a criação de uma sala polivalente é mais urgente e necessário do que a ludoteca. Quanto à dinâmica, regras e quotidiano das crianças no JISE, o dia na escola inicia para muitas crianças às 07h30. São recebidos por uma auxiliar que os entretém ligando a televisão. Esta auxiliar também dá apoio no momento de almoço e durante as AAAF. A atividade letiva com as educadoras começa às 09h00 e prolonga-se até às 10h00 com pausa para o lanche da manhã, retomando meia hora depois até às 12h00. Às terças e quintas-feiras de manhã, durante 45 minutos, as crianças participam na aula de música e dança criativa, respetivamente, orientados por professores externos ao JI. Estas aulas são realizadas no refeitório, com as mesas afastadas, dado que não existe uma sala polivalente com condições para a realização deste tipo de atividades. Existem duas salas, tal como já foi mencionado. A sala 1 é constituída pelas crianças mais velhas de 4 e 5 anos e a sala 2 pertence às crianças de 3 anos recentemente chegadas ao JI. Cada sala tem aproximadamente 20 crianças, uma educadora e uma auxiliar. No total, o JI possui cerca de 40 crianças. Enquanto as crianças aguardam pela entrada no refeitório, às 12h a televisão é novamente fator de entretenimento. Nesta hora as crianças têm o apoio de duas auxiliares e o almoço fica a cargo da AMBESSE. Terminado o almoço, as crianças brincam livremente no recreio, ao ar livre, sempre que está sol. Em dias de chuva ficam remetidas às mesmas paredes da entrada ou das salas. Por volta das 14h a atividade é retomada pelas educadoras até às 15h30 onde se finaliza o tempo letivo e se dá início às AAAF, com o lanche. Neste tempo, as auxiliares arrumam e limpam uma casa de banho e a sala que não vai ser utilizada durante a tarde, sendo que alternam as salas ao longo das semanas. Normalmente, o lanche

termina às 16h e de seguida a tarde inteira é vivida para a brincadeira livre. Às sextas-feiras à tarde as crianças inscritas frequentam aulas de judo. Os encarregados de educação vão buscar os seus filhos em horários diferentes uns dos outros, existindo crianças a ir embora bastante cedo e outras bastante tarde. É relativamente consistente a rotina de cada criança entre a chegada e saída da escola. Durante as tarefas diárias, quer as educadoras quer as auxiliares procuram potenciar a autonomia e autossuficiência das crianças, como as idas à casa de banho, a arrumação do material que utilizam, despejo da areia dos sapatos antes de entrar no interior do JI, assim como, calçarem-se sozinhos. A partir do momento em que integrei o quotidiano das crianças, senti que tinha como obrigação ajudar neste processo de aquisição de competências. Ao desenvolver este projeto no horário das AAAF (16h às 19h) a vivência da tarde tornou-se diferente. O projeto aconteceu de segunda-feira a quinta-feira, com exceção de algumas semanas em que apenas ocorreu de segunda-feira a quarta-feira, consoante a necessidade das atividades a desenvolver na semana, e a disposição para elas que sentia por parte das crianças. A logística da tarde passou a ser a seguinte: após o lanche, as crianças brincavam no recreio por cerca de 15-30 minutos. Dado que esse tempo diminuiu com o início do projeto, considerei fulcral manterem algum tempo no recreio como valorização da brincadeira espontânea ao ar livre na educação e bem-estar das crianças. Por volta das 16h30, com o apoio das educadoras, organizava o grupo para entrarem na sala e propor-lhes a atividade daquela tarde. As atividades que realizei em torno do projeto prolongavam-se até às 17h30/18h. A duração da atividade variava diariamente, dependendo do ritmo e da disposição do grupo e do tipo de atividade em prática. A partir dessa hora, as crianças iam para a entrada ver televisão, aguardando pela chegada dos familiares para ir embora, e era-lhes dado fruta por uma auxiliar enquanto a outra auxiliar arrumava a casa de banho e a sala que fora utilizada.

5.2 PONTO DE PARTIDA – CONHECER OS PARTICIPANTES

Neste subcapítulo pretende-se apresentar o grupo tal como o conheci no início do projeto: Como são estas pessoas? Que grupo de crianças encontrei? Quais eram as suas interações antes de iniciar o projeto? Como ocorriam as relações entre os grupos inter-geracionais? E qual era o contacto das crianças com as expressões artísticas?

Para escrever este capítulo foi importante recorrer ao diário de bordo, aos portfólios e aos registos audiovisuais para melhor descrever que modos de ser e de estar encontrei na fase inicial do projeto, assim como descrever todas as atividades realizadas e a resposta a elas dada pelos participantes, ao longo das várias fases do desenvolvimento do projeto. Durante as primeiras semanas procurei envolver-me no quotidiano do JISE, promover conversas orientadas para o conhecimento da dinâmica do JI com todas as profissionais, interagir com as crianças e integrar-me com naturalidade nas suas brincadeiras. Uma conclusão evidente a declarar sobre este grupo de crianças é que a heterogeneidade está presente e é uma mais-valia uma vez que possibilita que as crianças pertençam a uma comunidade diversificada e incrementem o seu desenvolvimento social, físico e intelectual, mesmo sendo, por vezes, um desafio para o educador a mediação de um grupo tão numeroso e diverso. Em jeito de reflexão um possível apoio ao educador passaria pela redução do número de crianças pertencentes a um grupo - facilitaria a intervenção do educador no encontro das necessidades e interesses das crianças e do grupo como um coletivo em pertença. Verifica-se, através dos registos fotográficos e da observação participante, que as crianças das duas salas se conheciam bem e brincavam muito em conjunto, existindo já alguns relacionamentos interpessoais positivos. Contudo, a partilha dos materiais da escola era algo que provocava conflitos entre algumas crianças e exigia uma constante mediação por parte dos adultos, sendo, todavia, algo que, no final, se revelou uma competência com melhorias significativas de aquisição, visto que já partilhavam sem muitas discussões, compreendendo a diferença entre poderem optar por emprestar, ou não, os seus objetos pessoais, e entendendo não terem essa opção em relação aos objetos da escola, já que pertencem a todos. Quanto às crianças mais pequenas (3 anos) tinham como brincadeiras preferidas, o estar na caixa de areia, andar no baloiço e andar de bicicleta. A maioria das crianças com 4/5 anos também gostavam de brincar na areia, fazer construções com terra e areia, subir às árvores, correr no parque, jogar à bola e andar no escorrega. De referir que, de um modo geral, todas as crianças eram muito curiosas acerca dos elementos da natureza, e gostavam muito de estar no pequeno jardim da escola, pois pediam frequentemente para estar nesse espaço. A interação que tinham com a natureza demonstra que adoravam observá-la e foram recorrentes as vezes em que apanharam minhocas, caracóis e

centopeias e, muito contentes, quiseram mostrarmos. Era notório o quanto se divertiam a apanhar paus, folhas e pedras. No espaço interior, as brincadeiras mais repetidas estavam relacionadas com pintar desenhos, brincar com os carros, fazer jogos e montar puzzles. Nas brincadeiras entende-se que existem meninos muito criativos, outros mais tímidos, outros mais carismáticos, ainda outros que se destacam por serem muito carinhosos, e outros que necessitam de maiores estímulos e orientação por parte dos adultos para se envolverem em novas experiências e para melhor desenvolverem a relação interpessoal. Por orientação entenda-se como sendo a adoção por parte do adulto de “métodos não punitivos de levar os comportamentos das crianças a direções positivas para que elas aprendam a se controlar, a desenvolver uma consciência saudável e a preservar a sua autoestima” (Mena, 2015). Existiam duas crianças que, frequentemente, demonstravam uma enorme criatividade ao brincarem sozinhas. Além dessas, cerca de quatro crianças mais velhas - dois rapazes e duas raparigas assumiam um papel de maior destaque relativamente ao modo como cativavam o restante grupo a participar. Eram crianças que tinham muita vontade em participar, eram as mais atentas, interessadas e aquelas que rapidamente absorviam as aprendizagens. No decorrer das atividades entendi que este grupo de crianças “quebrava o gelo” o que fez com que algumas das restantes crianças naturalmente deixavam-se seguir pelo exemplo e começavam a participar cada vez mais, a intervir com ideias e a dar resposta às minhas questões. Por outro lado, havia quatro crianças mais novas que tinham continuamente um comportamento desafiante, batendo muito nos colegas, e provocando e desobedecendo muito aos adultos. Neste sentido, estas crianças acabavam por, recorrentemente, exigir muita atenção, controlo e orientação dos adultos. A partir da observação participante que se transformou em registo no diário de bordo, encontrei repetidamente escrito o facto de chegar à escola e ver as crianças frequentemente agitadas, barulhentas e desordenadas. Foram inúmeros os momentos em que as próprias auxiliares e educadoras me avisaram: *“que hoje foi desafiante, estão muito agitados”*. Ao pedir para as crianças se colocarem em fila, deparei-me com muita dificuldade para que tal acontecesse rapidamente, sem ter de permanentemente gerir conflitos, barulho e desordem. Imediatamente entendi que algumas crianças se dispersavam com facilidade na realização de atividades e tinham dificuldade em

acalmar, fazer silêncio e ouvir a explicação das propostas até ao fim, bem como em concluir uma tarefa. Inicialmente foi difícil cativar as crianças para a atenção necessária para o desenrolar da atividade. Contudo, as crianças mais velhas que estavam já com capacidades mais desenvolvidas nesta área, e algumas mais novas que apresentavam um comportamento calmo, quando incentivadas pelos adultos, ajudavam de um modo muito interessado os colegas mais irrequietos. Por vezes, ouvia pedidos e orientações como: *“André, fica quieto, agora não é para brincar, ouve a Sofia”*, *“Façam silêncio amigos, ouçam a atividade de hoje!”* ou *“Façam a fila, estamos há muito tempo à espera”* tornando-se claro que estas crianças entendiam que existem comportamentos específicos para momentos diferenciados. Verifiquei que as crianças utilizavam muito a palavra “amigos” para chamar atenção, de forma carinhosa, sobre algo que lhes aborrecia.

No que diz respeito à interação das crianças com outras pessoas da comunidade, tomei conhecimento, através das educadoras e auxiliares, que no ano letivo anterior a educadora que trabalhou com as crianças mais velhas proporcionou experiências entre as crianças e os idosos do Lar Eira da Torre - celebraram o Dia Mundial da Criança. Foi-me dito que os idosos prepararam uma atividade de expressão musical e a oferta de ursinhos em massa de modelar, folhas e flores, tal como é possível ler na publicação na página de Facebook do Lar. Mais tarde, aquando da preparação para a visita ao Lar, durante este projeto, duas crianças mais velhas manifestaram a sua lembrança sobre esta data.

Relativamente ao contacto das crianças com as expressões artísticas que este contacto foi acontecendo naturalmente na sua educação, durante as atividades letivas, proporcionadas pelas educadoras - cantar músicas para compreender conceitos; experimentar diferentes técnicas plásticas (a educadora partilhou que algumas das técnicas que eu utilizava ela também já o tinha feito ou pensava fazer, como é exemplo o uso de especiarias para criação plástica); leitura de histórias infanto-juvenis e a expressão dramática das mesmas etc. Os trabalhos expostos nas paredes e os próprios portfólios que vieram a desenvolver em projeto demonstraram que de um modo geral, principalmente as crianças mais velhas, estão habituadas a desafios de criatividade, mas no que diz respeito às crianças de 3 anos, este processo de experimentar a

criatividade estava, ainda, numa fase incipiente. No que concerne à cultura propriamente dita, esta está inerente nos assuntos abordados no quotidiano das crianças, mas devido às restrições pandémicas, a maioria das crianças ainda não tinha visitado espaços culturais, informação conhecida através das educadoras e auxiliares.

5.3 ATIVIDADES EXPLORATÓRIAS – APROXIMAÇÃO ÀS CRIANÇAS E

DESCOBERTA DE UM MOTE

O projeto central não teve início imediatamente após a minha integração no JI. No presente subcapítulo estão apresentadas as atividades desenvolvidas que assumiram um carácter de encontro, conhecimento, compreensão e aproximação aos participantes, principalmente das crianças. Consequentemente, as respostas das crianças às atividades, sem nenhuma temática específica, permitiram-me descobrir diversas competências e interesses pessoais, bem como dar origem a um ponto de partida, um mote, uma fonte de inspiração para o desenvolvimento do projeto, indo ao encontro das necessidades diagnosticadas, sendo esse mote a história infanto-juvenil “O Menino do Lapedo”. É indispensável mencionar que ao longo de todo o projeto tive o apoio constante de duas auxiliares. Todos os dias, ao chegar à escola, às 15h, conversávamos sobre como as crianças tinham estado durante a manhã. Diariamente, explicava-lhes também, que atividade iria fazer com as crianças e o tipo de ajuda que iria precisar da parte delas. Foram sempre imensamente prestáveis e disponíveis e, também se mostraram sempre muito preocupadas com as crianças e com o modo como poderiam interagir melhor com elas. Ao final de cada dia, trocávamos impressões relativamente à maneira como o dia tinha corrido e refletimos em conjunto sobre os prováveis motivos dos comportamentos e sobre as possíveis mudanças e estratégias a adotar. Sempre que possível, estas reflexões eram também feitas na presença das educadoras, o que permitiu conhecer as suas perspetivas que contribuíram para a melhoria da minha intervenção e análise pedagógica.

As atividades exploratórias realizadas entre 3 de fevereiro e 2 de Março foram as seguintes: **“Brincadeiras com o giz”** (figura 2) - desenhar percursos para andar com a bicicleta, jogo do galo e fizeram silhuetas uns aos outros como estímulo à criatividade;

“Percurso Animado” - percurso com diferentes desafios - saltar dentro dos arcos, andar de bicicleta até uma certa zona, acertar com uma bola num cesto, andar em cima de baldes com ajuda de cordas e por fim fazer a mímica do animal preferido, que todos tentariam adivinhar. Os objetivos foram a promoção da ludicidade, do auto e do hétero conhecimento das crianças entre si, e de mim sobre eles, assim como fazê-los compreender aos poucos que a partir daquele momento começariam a estar envolvidos num trabalho orientado por mim; **“O que eu mais gosto na minha escola é...”** (figura 3) - **elaboração** de um desenho sobre o espaço ou as coisas preferidas da escola. Esta atividade possibilitou-me chegar à ideia de realizar um projeto centrado nas raízes de uma comunidade, nos seus costumes, e na ideia de “família” - pensar sobre os avós, tios, irmãos, vizinhos, senhores das lojas, nas pessoas do posto médico etc. Propor às crianças perguntas para fazer aos adultos sobre a infância que viveram e utilizar essas partilhas para a criação de um projeto que reflita sobre isso; **“Brinquedo favorito em casa”** (figura 4)- Partindo da ideia, anteriormente mencionada, sobre um projeto próximo da ideia de “comunidade” e “família”, nesta data desenvolvemos mais uma atividade de artes plásticas cuja proposta incitou à lembrança do brinquedo favorito que cada um tinha em sua casa. Começaram por desenhar a lápis de carvão e, de seguida, tinham como recursos diferentes tipos de papel, tecidos e lãs, que teriam de utilizar para decorar o brinquedo que escolheram desenhar. Esta atividade teve vários objetivos: o principal relacionou-se com o fomento da memória e autoconhecimento da criança - a capacidade de reconhecer o brinquedo com que brincam mais (desenharam carros e pistas de corrida, peluches, bonecas, jogos de tabuleiro, diferentes bolas e até um telemóvel); o estímulo da criatividade e a exploração dos materiais - das suas texturas, cores e formas esteve implícito na finalidade desta atividade; outro objetivo prendeu-se com o “saber-estar” e o “saber-ser” - partilhar os materiais e aguardar por eles de forma respeitadora do trabalho dos outros; **“Pintura Maluca”** (figura 5) - atividade de exploração livre da criatividade, puderam atirar tintas para um papel kraft colocado no chão do recreio; **“Pintar livremente”** (figura 6)- realização de uma pintura usando diretamente as mãos ou uma esponja, e a experimentação da relação da tinta com a água. A maioria das criações foram abstratas, outras assemelham-se a carros e percursos. Sugeri que soprassem. É importante referir que todas as atividades com tinta realizadas neste projeto tiveram

sempre como base as cores primárias - azul, amarelo e magenta. Deste modo, as crianças foram aprendendo a misturar estas cores para formar outras; **“Este é meu! E este é o teu! Vamos encontrar figuras!”** - No dia anterior, apercebi-me de que houve esquecimento em escrever os nomes de cada criança nos seus trabalhos. Tornamos este imprevisto num jogo de memória, pedindo a cada criança que conseguisse identificar o seu trabalho. Voltando depois à pintura coletiva abstrata que tinham feito há uns dias, as crianças foram convidadas a lá encontrar figuras e formas diferentes que lhes recordassem objetos, elementos da natureza, ou figuras geométricas, por exemplo. Foram muito criativos nas figuras que visualizaram - nuvens, círculos, girafas, dinossauros, barcos, jardim, flores, relva, fogo, lareira, entre outros; **“Colorir a Respiração”** - Com um marcador, ao inspirar teriam de fazer uma linha para cima e ao expirar teriam de desenhar uma linha para baixo - respeitando o ritmo da sua respiração. O objetivo da atividade foi promover uma maior concentração e serenidade durante as atividades; **“Livre pintura!”** (figura 7)- Realizaram mais uma pintura totalmente livre, com recurso a tintas e pincéis. O resultado foi positivo, considerando que foram criativos, estimularam a imaginação e divertiram-se. Este é um tipo de atividade muito sensorial e potenciadora de uma enorme sensação de liberdade que os entusiasma.

Descoberta do mote do projeto

Após algumas conversas muito intencionais, as auxiliares falaram-me um pouco sobre a sua freguesia. Tendo em conta que não sou desta zona do país, deram-me a conhecer a existência do Vale do Lapedo na freguesia de SE - um parque natural muito bonito e muito prezado pelos habitantes. Durante a brincadeira livre no recreio, numa das conversas, percebi que apenas algumas crianças possuíam uma vaga ideia sobre a existência do Vale do Lapedo, tal como já referi anteriormente. Questionei as auxiliares, de modo a perceber melhor esta informação, e acrescentaram: *“Existe a história do Menino Lapedo. Há uns anos descobriram as ossadas de uma criança no Vale do Lapedo, que fica aqui perto, e criaram uma história sobre isso. Eu posso emprestar-lhe o livro”* (anexo 2). Depois questionei as crianças sobre quem conhecia a história, ao que as crianças mais velhas responderam que o livro lhes foi oferecido pela

JF no ano anterior sendo que, no entanto, muitas já não se recordavam muito bem da história. As crianças mais novas desconheciam por completo. Naquele momento, percebi que esta seria uma interessante fonte de inspiração para a realização do projeto já que, simultaneamente, correspondia com os objetivos de investigação e de intervenção.

A Descoberta do Esqueleto do Menino do Lapedo

Para que a leitura do projeto seja facilitada e bem compreendida é fundamental apresentar um breve resumo sobre a situação que deu origem a esta história para a infância. Segundo a página de internet da Câmara Municipal de Leiria (CMLei), Menino do Lapedo, é a designação do esqueleto de uma criança com aproximadamente 5 anos de idade (*Site CMLei*). É possível ler-se que: “a maior parte do esqueleto foi encontrado na posição original, tal como foi sepultado. Encontravam-se junto ossos de animais”, que mais tarde veio-se a perceber-se que seriam de um coelho - na história é abordado como sendo o seu animal de estimação. Os ossos desta criança foram datados com cerca de 24 500 anos, remetendo à era do Paleolítico Superior, em 1998, no Abrigo do Lagar Velho em Leiria. É necessário referir que, numa das visitas ao Museu de Leiria (ML), as crianças descobriram que o género da criança era desconhecido pelo que umas escolheram pronunciar “A Criança do Lapedo” e outras continuaram a dizer o nome tal e qual como foi publicado no livro. Enquanto responsável do projeto adotei a designação do livro - “O Menino do Lapedo” (figura 8).

5.4 DESENVOLVIMENTO DO PROJETO “DO LAPEDO A SANTA EUFÉMIA”

REGISTOS DO DIÁRIO DE BORDO

- ***“A nossa primeira gruta” - 10 Março 2022***

É nesta data que se dá início à linha temática do projeto, conduzindo ao resultado. Expliquei às crianças que a partir daquele dia iríamos fazer muitas atividades relacionadas com a história que me tinha sido apresentada por eles - “O Menino do Lapedo”. Li duas páginas da história para começar a atividade (figura9). É importante relembrar que várias crianças já tinham a história em casa, mas outras desconheciam por completo. De modo a cativar a atenção e entusiasmo, procurei contar a história de uma forma expressiva, entoando a voz e pedindo que repetissem comigo, claramente, algumas das partes, como: *“passaram anos e anos e anos e anos e anos”*. Após ter terminado de contar as duas primeiras páginas, questionei-os sobre o que ouviram, ao que duas crianças responderam: *“eles faziam lanças para caçar, mas às vezes era só para brincar”*; outras crianças responderam que os cogumelos eram venenosos (aspeto que não foi mencionado na história, mas que foi interessante pela associação feita e aplicação da informação anteriormente recebida). Algumas crianças, disseram também que na pré-história o: *“Inverno era muito, muito, muito longo, e o Verão era pequenino. Era curto”*. Questionei também onde é que o Menino do Lapedo e a sua família viviam, ao que uma criança respondeu: *“Em cavernas e rochas!”*. E outro acrescentou: *“Também se pode dizer grutas!”* Propus que fossem “Meninos e Meninas do Lapedo” e que construíssem uma gruta. Para esse efeito, deixei ao dispor mantas, lençóis e cartão e poderiam utilizar as mesas e as cadeiras, alterando-as de lugar. Não dei muitas indicações porque quis analisar que tipo de interações espontâneas iriam acontecer. Seriam criativos em grupo? Alguém se destacaria por assumir um papel de líder? Existiriam cooperações entre as crianças para construir a gruta? Coloquei um áudio de som de floresta (com lobos, vento e riacho) como forma de estimular o ambiente e fazê-los interpretar a personagem. Assim que começaram a construir a gruta, imediatamente ouviu-se gritos de entusiasmo e houve uma correria na busca dos materiais. Inicialmente, deixei desenrolar o caos. Aos poucos, por sentir que estava

demasiada confusão, dei simples indicações: *“A gruta tem de ser grande para todos caberem lá dentro”*; *“Se os lobos ouvirem muito barulho, vão atacar a vossa gruta. Shiuu!”*; *“Está frio, juntem-se na gruta!”*. O resultado da atividade, no final, foi apenas confusão. O entusiasmo foi tanto que apenas cada um pegou nos materiais do jeito que quis, deixando-os completamente espalhados pela sala, e rasgaram o cartão sem qualquer propósito (poderia ter sido utilizado para criar o teto da gruta, por exemplo). Logo após, orientei-os a utilizar os cartões que rasgaram para criar uma fogueira. E perceberam logo que seria para se aquecerem, tal como os meninos faziam na pré-história. Em simultâneo, duas crianças tornaram-se nos "chefes" da família de Meninos do Lapedo, para protegerem a gruta e orientarem a sua família na construção e vivência dentro dela. Fez-se noite e teriam de dormir. Eles ficavam de vigília. Posteriormente a isto, transformei-me na personagem do lobo e destruí a gruta. Mais tarde expliquei-lhes que tinha avisado que isto poderia acontecer: *“Não souberam proteger bem a vossa gruta. Os lobos ficaram curiosos com o barulho”*. Concluída a atividade, e após todos contribuírem com a arrumação da sala, senti que a mesma não tinha corrido como esperava, mas as crianças divertiram-se e foram imaginativas (figura 10). Ao refletir sobre este dia, suscitaram-se pensamentos sobre estratégias e formas de “ser” a adotar/melhorar, tais como: orientar a atividade de mente aberta, sem expectativas, aceitando as várias possibilidades de reação à atividade; mediar as ideias das crianças utilizando menos indicações específicas que lhes digam o que fazer e em vez disso, adequar mais as perguntas, de modo a não limitar a criatividade; aceitar o caos até certa medida, de forma tranquila, para potenciar a descoberta livre de si, do Outro e do espaço ao redor. No final do dia, pedi ajuda a uma auxiliar para que, em meu nome, solicitasse às famílias quando as mesmas vão buscar os seus filhos, que trouxessem na semana seguinte uma cartolina A2 bege. Esta cartolina transformar-se-ia no portfólio que cada criança iria decorar para guardar os seus trabalhos do projeto. Comuniquei às crianças que cada uma teria uma cartolina que seria o seu portfólio onde iria colocar todos os trabalhos resultantes das atividades.

- ***“Construir e viver na gruta” - 14 Março 2022***

Ao verificar que na semana anterior a atividade de construção da gruta foi muito entusiasmante para as crianças pela maneira tão enérgica como se envolveram e por verificar que é uma proposta com um forte potencial criativo, voltei a pedir que fizessem outra gruta (figura 11). Desta vez, optei por utilizar a estratégia de fornecer algumas indicações em jeito de questionamento, antes de avançarem para a atividade propriamente dita: *“O que acharam da gruta que fizeram na semana passada?”* - *“Foi confusa!”*; *“Poderíamos ter feito a gruta de forma diferente?”* - *“Sim”* - respondem a maioria das crianças; *“Como poderíamos ter feito a gruta?”* - *“Colocando cadeiras noutro sítio, mais cadeiras em cima uma das outras, e em cima das mesas”* - dizem-me três crianças. Respostas que demonstraram uma visão atenta do que aconteceu e um pensamento criativo sobre o que pode ser feito. Transmiti-lhes a ideia de que as pessoas de uma família se ajudam umas às outras, tal como acontece nas suas famílias e, ao sermos uma família inteira de *“Meninos do Lapedo”*, era muito importante que a gruta fosse construída *“por”* e *“para”* todos, de maneira que todas as pessoas conseguissem estar debaixo da gruta ao mesmo tempo. Segui com as últimas orientações de pensamento: *“O que têm de fazer para proteger a gruta?”* - *“A fogueira”* - disseram algumas crianças; *“A fogueira deve ser feita dentro da gruta ou fora dela?”* - *“Fora”* - disse o grupo de crianças mais entusiasmadas (cerca de 7 crianças); *“A fogueira tem de estar perto ou longe da gruta?”* - Uns disseram *“longe, para não queimar a gruta”*, mas outros afirmaram: *“perto para proteger muito bem”*. Foram respondendo de forma participativa, mas tentei que as crianças mais distraídas também participassem. Além disso, procurei manter um diálogo justo, incentivando-as a aprender a aguardar pela sua vez de falar, colocando o dedo no ar, por exemplo, como forma de garantir alguma ordem e entendimento sobre tudo o que é dito. Ademais, as crianças souberam dizer os vários usos da fogueira: *“serve para aquecer a família”*; *“também serve para cozinhar ou assar a carne”*; *“ah! eles matavam os animais e usavam as peles dos animais como roupa para ficarem quentinhos.”* Acrescentei, ainda: *“Muito bem! Estiveram atentos ao que li e ao que conversamos na semana passada. Acham que a fogueira serve para mais alguma coisa?”* - *“Para afugentar os animais”*; *“Os lobos do outro dia que nos podiam atacar!”* - Duas outras

crianças completaram. Estavam prontos para se divertirem a criar a gruta. Construí uma narrativa em torno do ambiente da caverna: *“Família do Lapedo”, por onde começam a construir a gruta? Por cima ou por baixo?”* - Juntaram cadeiras e mesas interpretando o espaço; *“O que podem fazer a seguir?”* - colocaram os panos por cima das mesas e cadeiras; *“Está a ficar de noite! O que têm de fazer?”* - *“Silêncio para os lobos não virem”* respondem os mais envolvidos, enquanto os restantes fazem silêncio; *“Já é noite, têm de dormir. Quem fica a proteger a gruta?”* - Imediatamente surgem voluntários para o “cargo”. Algumas crianças foram os Meninos e Meninas do Lapedo, outras quiseram fazer a fogueira, outras foram os líderes protetores da família, outras ainda se transformaram em lobos (trocaram de personagens durante a brincadeira). Menciono que constatei evolução no que diz respeito ao envolvimento e concentração da maioria das crianças na atividade. É possível que a forma como, inicialmente orientei a proposta tenha facilitado esta melhoria, mas também a própria proposta foi divertida e entusiasmante como apelo à imaginação, o que cativou o envolvimento. Considerando as faixas etárias em questão, julgo que a atividade foi bem-sucedida, pois compreenderam o imaginário da vivência do Menino do Lapedo, numa gruta, durante a época da pré-história. Concluída a atividade observei as expressões de felicidade nos seus rostos: *“Gostaram de fazer a gruta?”* - *“Temos de repetir, Sofia! Adoramos!”* - exclamaram várias crianças. Antes de darmos início à rotina do final do dia, pedi às crianças para procurarem pequenos ramos de árvores no chão do jardim de casa ou no jardim da escola, durante o recreio. Teriam de os levar no dia seguinte. Fiz este pedido, explicando-o de diferentes formas, utilizando um vocabulário simples, de maneira a alcançar os vários tipos de compreensão. No final, questionei-os sobre a proposta feita e as respostas demonstraram entendimento do pedido.

- ***“Gruta e...sombas!”*** - 15 Março 2022

Ao chegar à escola, a coordenadora do JI partilhou que uma criança chegou de manhã a chorar porque a mãe se tinha esquecido do ramo que lhes tinha pedido no dia anterior. O facto de a criança ter chorado por a mãe não lhe ter arranjado o ramo, é entendido como querer cumprir bem a missão que lhe foi transmitida. Esta situação criou uma certa confusão entre a educadora e a mãe daquela criança. Informei a educadora de que iria falar com as crianças sobre o pedido que lhes fiz, dado que,

afinal, a mensagem não foi entendida como pretendia, ao contrário do que tinha pensado no dia anterior. Ademais, a coordenadora do JI, educadora e mãe de umas das crianças mais novas (criança esta que não participou ativamente no projeto, pois ainda estava numa fase de fazer muitas sesta, acabando por perder a maioria das atividades) referiu que as crianças têm partilhado consigo, no dia seguinte de manhã, aquilo que têm feito no projeto. Além disso, contou que o seu filho, no dia anterior, em casa, depois da escola, começou a construir uma gruta com almofadas e mantas do sofá. Este acontecimento fez-nos perceber que esta criança gravou o imaginário da gruta que foi trabalhado no dia anterior, estando apenas presente e a ouvir. Esta mesma criança, que dorme muitas sesta, foi ouvindo e vendo o que estava a ser feito e demonstrou o seu conhecimento quando repete por vontade própria a construção da gruta. Este é um dos impressionantes sinais de que o projeto já está a ser sentido pelas crianças. Neste dia, recuperei a ideia da gruta que tínhamos estado a trabalhar, mas, desta vez, fui eu quem a construí. Tentei fazê-lo de modo que conseguíssemos estar mais pessoas debaixo da mesma. Ficaram muito entusiasmados quando, ao entrarem na sala, viram uma gruta construída, mas, especialmente nesse dia, tinham muitas novidades para partilhar e foi preciso primeiro sentarmo-nos em roda e conversar. Visto que todos tinham muitas coisas para contar, mas, estando todos ao falar ao mesmo tempo, impossibilitavam a compreensão das partilhas, procurei organizar a conversa, potenciando a paciência e ordem. Sentados em roda, nas cadeiras, cada um tinha de escolher a informação mais importante para contar ao grupo. Esta partilha demorou bastante tempo, razão pela qual o final da atividade não pode contar com a presença de todos. Feitas as partilhas, questionei o grupo sobre quem tinha trazido os ramos que pedi no dia anterior, ao que a maioria me respondeu que se esqueceu. Apenas duas crianças trouxeram os ramos que apanharam. Foi neste momento que quis entender a confusão que tinha existido com a criança que chegou a chorar - *“a minha mãe esqueceu-se de ir à floresta buscar os paus!”*. Expliquei que os ramos das árvores teriam de ser apanhados do chão por eles e não pelos pais. Reforcei que deviam ser capazes de fazer a atividade sozinhos, autonomamente e que, durante a manhã, no recreio, poderiam ter procurado. Foi perceptível que esta criança estava a viver intensamente o imaginário da vida do Menino do Lapedo - *“O António passou a noite inteira a dizer para irmos ver os lobos*

à floresta. Estava muito contente. Eu disse-lhe que não havia lobos. Ao chegarmos à escola é que se lembrou do ramo!” - disse-me a mãe ao final do dia. Na mesma tarde, fui prevenida com ramos de árvore, calculando que muitos se pudessem esquecer. A ideia era fazer uma fogueira muito grande para a família de Meninos do Lapedo. Só depois iríamos para dentro da gruta. Cada um pegou num ramo e foram-nos colocando num monte para fazer a fogueira, que teria de ser grande (figura 12). Sem ter acrescentado mais nada, cada um foi partindo o ramo em duas partes, de modo a aumentar o tamanho da fogueira. Esta foi uma atividade simples, mas bastante entusiasmante para o grupo. Adoraram partir os ramos com as mãos, apoiando no joelho, com o pé, saltando em cima, entre outras possibilidades. A autopercepção do corpo e das suas possibilidades na resolução deste problema foi desenvolvida nesta tarefa. Ao longo da atividade, fomos conversando, novamente, sobre os eventos que podem acontecer à volta da fogueira: *“Primeiro temos de juntar as pedras uma na outra para fazer fogo, podíamos fazer a sério, Sofia!”*; *“Depois os Meninos do Lapedo podiam dançar, cantar, pintar, conversar, aquecer, comer, assar comida, pôr flores... à volta da fogueira”* - estas foram algumas das ideias proferidas por várias crianças e estivemos a representá-las: Cantámos canções conhecidas das crianças, dançamos à volta da fogueira, fizemos de conta que aquecemos as mãos e os pés, conversámos, e também cozinhamos com uns paus compridos (ramos das árvores que sobraram) e usaram um ramo para imaginar que havia carne na ponta (figura 12). Apesar de algumas crianças já se terem ido embora, de seguida entrámos na gruta e brincámos ao “teatro de sombras” (figura 12). Expliquei que os Meninos do Lapedo antes de dormirem faziam esta brincadeira e que precisavam da luz do fogo. Utilizámos a lanterna do meu telemóvel para provocar as sombras nas paredes da gruta (panos brancos). As crianças souberam dizer que, como naquele caso não tínhamos fogo, a luz da lanterna representava o fogo. Assimilaram que quanto mais próxima a luz estiver da mão, maior será a sombra e quanto mais longe estiver, mais pequena se tornará. Brincaram livremente, experimentaram diferentes movimentos e formas com as mãos, e fizeram de conta que dormiam e que se tinham de proteger dos lobos - uma narrativa improvisada com naturalidade pelas crianças.

- ***“Fogueiras criativas” - 16 Março 2022***

Assim que cheguei à escola, neste dia, muitas crianças correram até mim para me mostrar os ramos que eu tinha pedido há dois dias. Esta ocorrência alegrou-me na medida em que verifiquei progresso na atenção e envolvimento das crianças nas atividades, visto que não se esqueceram e entenderam a minha explicação sobre a necessidade e importância de serem responsáveis por concretizar uma tarefa que lhes foi pedida diretamente a elas, e não às suas famílias. Propus que fizessem fogueiras criativas e originais utilizando materiais diferentes que forneci como opção: os ramos que trouxeram e outros ramos que já tinham sido utilizados e partidos por eles em atividades anteriores, o cartão que também já tinham usado para imitar fogueira, e as revistas e legos da sala. Considerei facilitador e adequado às faixas etárias restringir um pouco as opções para orientar a criatividade e evitar a extrema desorganização. Dividi o grupo em 3 subgrupos. Procurei que cada grupo tivesse crianças com diferentes personalidades de modo a equilibrar e contribuir no trabalho, já que uns assumem liderança, outros são mais calmos, outros mais criativos ou entusiastas. Instruí que cada criança poderia escolher três peças dos materiais expostos. Depois desta etapa, com os materiais colecionados por cada um, teriam de construir uma fogueira. No final, todas as crianças observaram as três fogueiras e cada grupo teve a oportunidade de explicar o trabalho que fez (figura 13).

- ***“Conhecer as aprendizagens da semana” - 17 Março 2022***

O principal objetivo da atividade deste dia passou por avaliar o entendimento obtido sobre as aprendizagens daquela semana. A intenção foi a de apurar quais foram as referências dominantes que as crianças retiveram das atividades realizadas. Propus que desenhassem a lápis de carvão e pintassem a lápis de cor tudo o que adquiriram sobre as atividades da semana: as grutas, as fogueiras, as várias ações em torno da fogueira, o “teatro de sombras” dentro da gruta, apanhar ramos, proteger a gruta, etc. De um modo geral, prestei atenção ao processo, fui perguntando o que estavam a desenhar de modo a compreender o pensamento deles e entender aquilo que absorveram da semana, sendo que apresentaram desenhos bastante ilustrativos das aprendizagens. Escrevi na parte de trás do desenho tudo aquilo que cada um disse

sobre o seu desenho. Eis alguns exemplos de respostas que me foram transmitidas: *“Esta é a gruta e somos nós todos lá dentro!”*; *“Aqui estão os Meninos do Lapedo à volta da fogueira”*; *“Eu desenhei os meninos a construir a caverna e os chefes, que fui eu, o Mateus e o Miguel fora da gruta a proteger”*; *“Tem uma fogueira de pedras e paus, e o fogo. E isto são os meninos a aquecerem-se; “A gruta é isto (aponta) que é muito grande.”*; *“Isto são as cadeiras e os panos para fazer a gruta!”*; *“Fiz aqui a fogueira, perto da gruta!”*; *“Este é o lobo e o Menino do Lapedo. Mas eles estão a sorrir porque são amigos!”* (figura 14).

- ***“Pinturas Rupestres” - 21 Março 2022***

Semana nova, tópico novo sobre a história do “Menino do Lapedo”. Li mais duas páginas do livro onde se abordava a questão da arte e da pintura rupestre (figura 9). Recuperando as ideias da leitura feita, primeiramente mostrei-lhes imagens de pinturas rupestres (viram animais, pessoas, símbolos) atendendo que a prática criativa passava por fazerem pinturas individuais simbolizando a pintura rupestre que as famílias da pré-história faziam dentro das grutas. A atividade foi ao ar livre, as folhas de papel reciclado de tamanho A3 estavam temporariamente colocadas nas paredes e as tintas de cores em tons de amarelo, laranja, vermelho e castanho estavam em cima de uma mesa ao dispor das crianças - a escolha das cores foi propositada para se assimilar ao ocre (terra argilosa). De forma a incentivar o grupo a transpor no papel um animal ou outro tipo de figura, evitando a tentação de fazer uma pintura abstrata, o que não era o suposto naquele momento, desafiei-os a pintar utilizando, apenas, um dedo. Durante a concretização da atividade, gravei um vídeo onde estão registadas as ideias que as crianças expuseram na sua pintura. As perguntas: *“O que estás a pintar? O que estás a fazer? “O que é isso?”* deram azo a respostas como: *“São os pássaros do Lapedo!”*; *“Isto é uma nuvem!”*; *“Estou a fazer uma borboleta”*; *“São animais!”*; *“Isto são as grutas do lobo”*; *“Estas cores são o fogo das fogueiras”*. Existiram pinturas com ideias mais expressivas: *“Ricardo, o que estás a pintar?” - “O lobo (aponta) e está a deitar sangue (pinta de vermelho em cima do lobo enquanto explica) - “Porque é que está a pintar sangue?” - questiono para compreender a sua ideia - “Este aqui (aponta para outra figura) é um guarda e atacou ali (aponta para mancha vermelha)” - “Muito bem! O que é que o guarda estava a fazer?” - “Estava a caçar. E o lobo morreu.”*

imediatamente ao diálogo com esta criança, um menino pergunta-me: *“Existiam ovelhas na pré-história?”* - *“Não sei. O que achas?”* - respondi - *“Acho que sim. Vou desenhar, na mesma!”* - concluiu o rapaz. É visível nas fotografias a expressão de contentamento. São várias as vezes que as crianças partilham que gostam de concretizar as propostas ao ar livre, todavia, percebo que o espaço exterior é também um fator de fácil distração devido à tentação de brincarem no recreio. Devo referir que calculei erradamente o tempo que a atividade precisaria para ser concluída e por isso as crianças não conseguiram finalizar a pintura (figura 15).

- ***“Continuação das pinturas rupestres “- 22 Março 2022***

A atividade deste dia, como continuação e conclusão da iniciada no dia anterior, iria acontecer no exterior, porém teve de ser alterada para a sala do JI tendo em conta a chuva e o vento frio, que apesar de terem sido uma limitação permitiram também aumentar a imaginação: visto que as paredes da sala estão todas ocupadas com outros trabalhos, a pintura teve de ser feita no chão da sala e, assim inventámos que este seria o chão da gruta. O facto de termos de dar continuidade à atividade do dia anterior, permitiu também que as crianças que nesse dia tinham faltado tivessem agora oportunidade de também participar na pintura rupestre. Foi imprescindível que todas as crianças concretizassem esta atividade para que todas estivessem em pé de igualdade no que concerne à compreensão do conceito da pintura rupestre, assunto tão característico e importante relativamente à época pré-histórica. Aproveitei a ocasião imprevista para potenciar um momento de aprendizagem mútuo entre as crianças, já que foi necessário explicar às que faltaram no que se baseia a pintura rupestre, o que foi bem-sucedido. Transcrevo, de seguida, algumas frases das crianças que ainda não me tinham explicado as suas ideias, e também das que deram início, naquela tarde, à pintura rupestre: *“Glória, o que é isso que estás a pintar?”* - *“Um lobo e a tenda dele. Um lobo, só que com cor. (Explica enquanto pinta) Só falta o resto da cauda”* - pode-se ver num vídeo. Outra criança diz: *“Ai, isto é o mundo! O Mundo do Lapedo!”* - cria uma pintura bem abstrata; *“Esta aqui (aponta) é uma onça. E isto é um lobo”* - responde o Carlos; Ainda no vídeo, outro rapaz diz: *“Eu estou a fazer a tenda do Lapedo. E isto é também um animal”* - Pergunto-lhe: *“E qual foi o animal que fizeste?”* - *“O lobo!”*. Pode-se ver uma imagem compreensível na sua pintura. Outra

resposta interessante foi-me dada por uma menina: “(Aponta logo) *esta é a fogueira e este é o animal. Esta é a casa dele* (aponta) *só que ainda não pinte esta parte, vou pintar agora com esta cor*” (mostra-me a mão para dizer qual era a cor - tom de amarelo acastanhado). A sua pintura era de fácil leitura. “*Vera, o que estás a pintar?*” - “*Casas dos meninos do Lapedo*”; “*Olha, Sofia, eu estou a fazer coisas do Lapedo!*” - interfere outra criança ao mesmo tempo. Já no caso destas duas crianças, as suas pinturas foram mais abstratas (muitas manchas e riscos). “*Patrícia, gostaria de saber o que estás a pintar*” - com alguma dificuldade em verbalizar as palavras, ela responde - “*Isto é uma árvore*” - “*É uma ave?*” - questiono com dúvida - “*É uma árvore, mas é para o menino do Lapedo. E isto* (aponta para outra parte) *é o fogo da fogueira*” - representado por uma mancha castanha e vermelha. Carlos apresenta o que desenhcou: “*Este é um animal. Isto que está amarelo são os Meninos do Lapedo*”. Aponta para umas pintas vermelhas e diz: “*Isto são as pegadas do animal*” - disse-lhe que teve uma ideia muito interessante e que a representou muito bem. Realço que as pinturas mais abstratas eram para as crianças representações de “animais”, aspeto que considero criativo e que é a demonstração de uma atividade bem-sucedida. Procuro incentivar e elogiar todos os verdadeiros esforços e ideias criativas que as crianças apresentam como meio de exercer um papel vital na sua emancipação e na melhoria do seu desempenho e confiança, tendo em mente que fazê-lo excessivamente pode ter “efeitos colaterais desastrosos” tal como é mencionado por Mena (2015) (figura 15).

- **“Pintura rupestre coletiva” - 23 Março 2022**

Nesta quarta-feira prosseguimos com o tópico relativo à pintura rupestre, no entanto, desta vez, a pintura foi feita coletivamente, como se fôssemos a Família do Lapedo a pintar o seu dia-a-dia na gruta onde vivia (figura 16). Além disso, comecei por questionar: “*Onde viveu o Menino do Lapedo? O que é que diz no livro?*” - “*Ele viveu no Vale do Lapedo. É aqui perto. É já ali* (aponta em direção ao caminho até ao Vale)”. Tendo o Vale do Lapedo em mente, imaginamos como é que seria este sítio e, por isso, pintamos grutas, fogueiras, animais, tal como foi sendo abordado nas últimas atividades. Coloquei papel kraft no chão “da gruta”. Forneci pincéis construídos com materiais da natureza: paus partidos e folhas das árvores. Imaginamos que estes

poderiam ser os pincéis que as crianças do Lapedo tinham para pintar. As crianças sentaram-se à volta do papel kraft. Expliquei que era importante não passar por cima da folha para não rasgar o trabalho bonito que todos iriam fazer. Observei que foi desafiante para as crianças manusear os pincéis inventados pois a folha da árvore não passava devidamente a tinta para o papel kraft e o próprio movimento do pincel exigia uma maior destreza e habilidade da motricidade fina. Encorajei-os a experimentar diferentes formas de usar o pincel, exemplifiquei outras possibilidades de utilização do mesmo, expliquei que aquele pincel é diferente dos pincéis a que estão habituados a usar e incentivei-os a aceitar e apreciar as formas bonitas que aquele pincel transpunha no papel. De modo a gerir alguma frustração que começara a surgir, exploramos novamente a pintura com um só dedo, técnica que fora muito apreciada pelas crianças. Nesta primeira parte, as crianças tiveram acesso somente às cores em tons amarelados, alaranjados, avermelhados e acastanhados para imitar o ocre - um tipo de argila, proveniente da natureza. Ao longo da atividade algumas crianças expressaram: *“Isto é uma tenda e um senhor que está a tentar esmagar a tenda. E também fiz uma árvore de maçãs do outro lado da folha”*; *“Vê só a fogueira que eu fiz!”*; *“Isto são os homens da gruta. Eles vão caçar!”*; *“Queres ver o meu animal? Olha aqui!”*. A pintura coletiva potenciou o relacionamento interpessoal - respeito pelo espaço do outro e pelo trabalho que cada um está a fazer, sem estragar ou esconder o que o colega pintou. A partilha de materiais de forma respeitadora e calma, assim como o uso cuidado e adequado dos mesmos (não gastar tinta excessivamente, nem partir os pincéis, apesar de se partirem facilmente era importante manusear com cuidado, por exemplo) foram outras competências reforçadas.

- ***“Pintura rupestre coletiva - continuação” - 24 Março 2022***

Observando o trabalho realizado pelas crianças no dia anterior, considerei que o mesmo poderia estar mais completo e interessante - tentar que desenhassem imagens mais representativas de tudo o que fomos falando sobre a história. Assim sendo, questionei-os sobre o que é que está à volta do Vale do Lapedo e das grutas onde os Meninos do Lapedo viviam, ao que me responderam: *“Tudo à volta era floresta”*; *“A gruta fica na natureza!”*. Tendo em conta esta ideia transmitida pelas crianças, em conjunto, preparamos tintas em diferentes tons de verde. Desta vez orientei mais o

processo ao contrário do dia anterior, em que concedi a expressão livre das pinturas. Primeiramente, todos desenharam um animal com o que restou das tintas em tons acastanhados do dia anterior. De seguida, retirei essas tintas e disponibilizei as tintas em tons de verde. A escolha de apenas estes tons de cor foi propositada. O intuito foi redirecionar a criatividade de um modo organizado, evitando o total caos, para a ideia de “natureza” que eles apresentaram. Caso existissem mais cores a tentação de pintar aleatoriamente iria aumentar e, não era o que se pretendia naquele momento. Perguntei quais elementos poderiam pintar para representar a natureza de que falavam: *“Podemos fazer árvores e flores”*; *“Também se pode pintar arbustos e muitos paus na relva”*. Indiquei que dois a dois preparassem o material - tinta e o pincel (souberam dizer que aquele material não existia na pré-história e que estávamos a juntar os dois mundos - o mundo do passado e o mundo atual) - como modo de fomentar as competências de “saber-estar” e proporcionar uma maior organização de trabalho facilitadora da criatividade, concentração e aprendizagem. Após algum tempo a pintarem com os pincéis, forneci esponjas de diferentes formas e deixei que cada um escolhesse a sua esponja para trabalhar. As esponjas permitiram fazer carimbos, técnica considerada muito rica e divertida pelas crianças. Interessou-me testemunhar o modo como algumas crianças utilizaram as esponjas de uma forma inovadora - criaram efeito de folhas de árvores. Outras crianças pediram permissão para usar as mãos todas, mas antes disseram-me qual era a sua ideia e tendo-a considerado muito criativa e intencional autorizei a que usassem as mãos para a sua expressão plástica. Durante o processo criativo, ouvi: *“estou a desenhar uma macieira”*; *“olha como ficou, misturei aqui”*. Ao observar o modo como as crianças interagem com as expressões artísticas e usam a sua criatividade é possível conhecê-los cada vez melhor. Por esta altura já sei quem são as crianças mais envolvidas e participativas ou aquelas cuja criatividade é mais dispersa, sendo também algo muito interessante (figura 16).

- ***“Marca da nossa pegada no mundo” - 29 e 30 Março 2022***

Por esta altura, as famílias já começavam a perceber qual o tipo de presença que estava a exercer no JI. Assim, enviei a primeira mensagem no grupo de Whatsapp criado para o efeito de aproximar as famílias: *“Boa tarde a todos. Espero que estejam bem. Sou Sofia Teixeira, orientadora do projeto que está a acontecer com as crianças das AAAF.*

É com muito agrado que crio o grupo de pais do projeto do "Menino do Lapedo" já que, de alguma forma, também fazem parte deste projeto! Neste grupo irei partilhar, ao longo do tempo, fotografias e vídeos das várias atividades que as crianças têm realizado em torno da história do Menino do Lapedo. São bem-vindas todas as ideias possíveis. Obrigada”.

Neste dia tomei a decisão de dividir o grupo em dois subgrupos como forma de adotar uma estratégia diferente que pudesse ter um impacto positivo na facilitação da atividade e na concentração e calma das crianças na aprendizagem. Visto que não houve tempo suficiente para concretizar a atividade com os dois grupos no mesmo dia, tive de realizá-la com o segundo grupo no dia seguinte. Em ambos os dias pedi apoio às auxiliares para que ficassem com um grupo no recreio (assim puderam gastar energia o que foi positivo para o seu bem-estar), enquanto trabalhava com o outro grupo na sala. Expliquei às crianças que iríamos fazer algo muito especial - deixar a nossa marca no Mundo através da gravação da nossa mão na parede da gruta, tal como os Meninos do Lapedo faziam nas pinturas rupestres na época pré-histórica (figura 17). Sentadas nas mesas, forneci um pedaço de cartão e um pincel a cada criança. Em cada mesa tinha cola branca e areia e noutra mesa estavam colocadas várias especiarias de diferentes cores (pimenta preta, pimentão doce, paprika, pimenta branca, noz-moscada e açafrão das índias). Comecei por exemplificar o processo - primeiramente teriam de colar cola branca em todo o cartão e acrescentar areia (e assim criamos a parede da gruta). De seguida, assim que cada criança terminava esta primeira parte (os ritmos são evidentemente diferentes), com o meu apoio teriam de escolher as especiarias que queriam utilizar, colocando-as num copo. Este foi um momento muito sensorial, pois puderam cheirar e associar o cheiro ao nome da especiaria. Em ambos os grupos, alguns souberam identificá-las, outros tinham maior dificuldade pois nunca tinham tido contacto com algumas especiarias. Além disso, foi um momento de autoconhecimento, quando expressaram espontaneamente os seus gostos: *“Eu gostei do cheiro da pimenta preta!”; “Eu conheço este, eu acho que a minha mãe usa para cozinhar!”; “A comidinha fica bem temperada, é bom!”; “Eu também tenho esta coisa vermelha (pimentão doce) em casa! Eu gosto”; “Ui, este cheiro (paprika) é muito forte (coça o nariz ao mesmo tempo)”;* *“Esta especiaria (açafrão) tem uma cor bonita...*

(espirra) mas o cheiro é estranho!"; "O cheiro da noz-moscada é esquisito!"; "Não gostei muito da especiaria amarela (açafraão das índias); "Posso cheirar outra vez?"

Após cada um ter as suas especiarias selecionadas, avançamos para a segunda parte da atividade - colocar a mão em cima do cartão já com cola e areia. Foi interessante vê-los a experimentar a sensação da textura da cola e da areia agarrada à mão. Uns divertiram-se com essa sensação, mas outros queriam lavar a mão o mais rápido possível. Calma e cuidadosamente, teriam de utilizar a mão livre para colocar as especiarias à volta dos dedos de forma a criar a forma da mão. Primeiro demonstrei como teriam de fazer, e assim que viram o resultado, ouvi rapidamente: *"Uaaaaau! Que bonito!"* e vi, ao mesmo tempo, as expressões encantadas e surpreendidas pelo que aconteceu. Parecia-lhes magia. Por isso, ficaram muito entusiasmados por experimentarem sozinhos. Salientei que era muito importante que colocassem as especiarias próximas da mão, e com muita calma, para que ficasse bem feito. Contudo, alguns, poucos, distraídos, colocaram as especiarias de forma aleatória tendo se esquecido de pousar a mão para criar a forma da mesma. A maioria fez a atividade com entusiasmo, mas ao mesmo tempo com alguma dificuldade e frustração. Esta foi uma atividade muito minuciosa que estimulou a motricidade fina, mas também desenvolveu a paciência e atenção, assim como, a capacidade de não desistirem da dificuldade. Ademais, foi uma atividade extremamente sensorial - o olfato e o tato foram os sentidos mais ativos durante a proposta. Resultaram trabalhos bem-sucedidos e interessantes, quer daqueles que conseguiram que a forma da mão aparecesse, quer daqueles em que a imagem era mais abstrata. Valorizei o modo como viveram o processo e como as competências acima referidas foram fomentadas.

- ***"Ideias criativas"***- 05 Abril 2022

A construção da gruta foi uma atividade pela qual as crianças demonstraram um grande interesse, e por isso repeti-a, de modo a retirar o maior potencial possível da atividade. Neste sentido, considerando as fases da MTP, e tendo em mente que as crianças vivem numa "inconstância de vontades" e que a planificação não deve ser linear, mas deve ter abertura para a integração de novas hipóteses de trabalho (Vasconcelos, 2012), chegamos a uma etapa do projeto em que considere

fundamental perceber melhor de que modo é que as crianças o estavam a viver e que outros tipos de experiências gostariam de concretizar em torno da história. Posto isto, comecei por lhes ler uma parte que abordava a questão da arte. Partindo desta temática, foi possível conversarmos sobre a perceção que tinham sobre arte, e resgatar conceitos, interesses, e ideias de atividades a realizar - *“Tal como ouvimos na história, na pré-história já existia arte. As pinturas rupestres eram uma forma de arte. Concordam?”* - questionei dando início à conversa. Ao que todos *responderam afirmativamente*. *“O que mais pode ser a arte? O que acham que é a arte?”* - prossegui. Algumas crianças disseram: *“A arte é tudo o que é bonito!”*; *“Há arte abstrata que é arte de cabeça para baixo”* - resposta bastante original e criativa por parte desta menina. De seguida perguntei: *“Acham que os desenhos e as pinturas que fazemos podem ser uma forma de arte?”* - ao que muitos responderam que *“sim”* muito confiantes. Uma criança diz: *“A música pode ser arte, Sofia!”* - *“Boa! Muito bem! E a dança é arte?”* - voltei a questionar ao que me acenaram afirmativamente com a cabeça. *“Será que o teatro é arte?”* - continuei. Curiosamente uns disseram que sim, mas outros disseram que não. Perguntei-lhes se poderíamos usar estas expressões artísticas para brincar com a história do Menino do Lapedo, ao que me responderam que fazia muito sentido, mas não sabiam muito bem como poderíamos fazê-lo. Algumas ideias soltas que partilharam tiveram a ver com a construção de um robô ou de uma marioneta de um lobo. A partir desta partilha surgiu-me a ideia de construir um boneco do Menino do Lapedo, em esponja, que pudesse funcionar como marioneta.

Por esta altura, a conversa estava a tornar-se muito desgastante para muitas crianças, e senti que precisavam de se movimentar. Por isso, desisti de continuar com a atividade que tinha planeado e improvisei propondo uma brincadeira de imaginação e expressão corporal com as crianças que estavam interessadas em participar. Pedi que se fossem movimentando lentamente pela sala, caminhando de um lado para o outro, alternando as direções, sem tocar em nada. Enquanto isto acontecia, narrei: *“Como sabem, no Vale do Lapedo, lá na natureza, nos montes altos, há muitos, muitos, muitos anos atrás, o Inverno era muiiiitooooo longo. Fazia imenso vento e frio e chovia muitas, muitas vezes”*. Enquanto seguia esta narrativa, em simultâneo as crianças foram expressando o frio, o vento, a chuva, o monte, a natureza através de movimentos do

corpo. Continuei: *“A chuva molhava as plantas e ao cair na terra deixava-a também completamente molhada... Quando a terra fica molhada ela transforma-se em...”* - *“Lama!”* - *“Fantástico!”* - disse-lhes entusiasmada. Neste momento peço para que se transformem em lama. Os seus corpos tinham de a imitar: *“A lama é castanha, um bocadinho brilhante e muito mole e moldável”*. Imediatamente todos deitam-se no chão, com o corpo leve, bastante mole e a tremer um pouco o corpo para representar “o mole e pegajoso” da terra molhada. Aproximo-me de cada criança e pego num braço ou numa perna soltando-os no ar para perceber se estava mole o suficiente - uma forma de aumentar a autoperceção do corpo. Após esta parte, disse que teriam de ficar completamente imóveis, em lama, continuando moles, em silêncio absoluto, porque estávamos na natureza e na natureza não existe ruído. Naquele momento, iria utilizar a lama para construir uma estátua, por isso, só eu é que podia tocar no corpo. Como sou professora de dança criativa na mesma escola, o grupo já está habituado ao meu método de trabalho relativamente à expressão corporal e a conversa sobre autorizarem que lhes toque já tinha acontecido. Cuidadosamente, arrastei-os pelo chão, pegando pelos pés e coloquei cada criança em espaços diferentes da sala e nas mais variadas posturas. Coloquei-os em cima dos sofás, mesas e cadeiras em diferentes posições - mãos na cabeça, uma perna em cima da outra, braços em cima do amigo do lado, entre outras possibilidades. Filmei o resultado muito interessante que mais tarde puderam ver. A criatividade foi fomentada e foi notório que se divertiram ao transformarem-se em lama e, principalmente, quando os coloquei em posições diversas.

- ***“Brincar com a família” - 19 Abril 2022***

Para promover uma maior participação das famílias no projeto, no início das férias da Páscoa sugeri uma atividade de expressão plástica bastante simples e curta para as crianças realizarem em conjunto com as suas famílias. O principal objetivo foi aumentar o tempo de qualidade vivido em família, através da expressão artística e do mote da história do Menino do Lapedo, tal como é contemplado nos objetivos de intervenção do projeto - *“Ativar sinergias entre as crianças, as suas famílias e a restante comunidade a partir de linguagens artísticas e da cultura local”*. Assim, Enviei a seguinte mensagem no grupo de *Whatsapp* das famílias:

“[...] Hoje trago-vos um pequeno desafio! Depois das Férias da Páscoa vou começar a falar com as crianças sobre a família do/a Menino/a do Lapedo. E melhor que eu, só mesmo os pais e as mães para darem início a esse tema! Como é que o Menino do Lapedo falava? E as nossas crianças? Que coisas caricatas eram ditas por elas quando eram bebés? Desafio: O pai e/ou a mãe escrevem, numa folha branca, uma palavra ou expressão que o/a filho/a dizia quando era bebé e que tinha muita graça, por exemplo: água e dizia algo como "aua". Depois, a criança ilustra/decora da forma que quiser essa palavra. Uma brincadeira em família! Na terça-feira depois da Páscoa levam para apresentar aos colegas [...]”

Ao retomar a atividade letiva, depois das férias, li a parte da história que abordava o modo como a família interagia (figura9). Partindo desta leitura, promovi uma breve conversa sobre o que é a família e sobre as coisas que mais gostam de fazer com as suas famílias, mas não foi possível pois percebi que o grupo não estava receptivo a isso. Assim sendo, avancei para a apresentação dos trabalhos que fizeram durante a Páscoa. Muitas crianças não fizeram a atividade mas sabiam do que se tratava, mas era notório que meia dúzia de crianças não tinham sequer conhecimento da proposta que foi feita diretamente às famílias - podendo significar que as famílias não tiveram tempo, esqueceram-se ou não se interessaram pelo desafio, - e outras crianças explicaram que as famílias se tinham esquecido de entregar o desenho para levar naquele dia, tendo-o entregue mais tarde. Com todos sentados, no chão, entreguei-lhes um novelo de lã do qual cada menino, à vez, teve de segurar a linha num ponto, para que, ao atirarem o novelo para outro colega, se conseguisse criar o efeito de teia (não resultou muito bem, pois deixavam cair a linha que cada um tinha de agarrar). Ao chegar a sua vez, teriam de mostrar o trabalho e explicar o que tinham desenhado e com quem o tinham feito e de seguida, atirar o novelo para outro colega - O António, que fez o trabalho com a sua mãe, partilhou: *“Eu dizia assim: “Mamá eu quero “Kika” em vez de “maminha”;* A Madalena que fez o trabalho com a sua mãe, enrolou o papel com o desenho com uma argola de borboleta e foi assim que retratou a forma como dizia essa palavra: *“Boboleta!”;* A Patrícia e a Andreia tinham a mesma palavra engraçada. Ambas fizeram com a mãe. *“Eu dizia “aua” em vez de “água”;* O Daniel também dizia água de uma forma engraçada, mas diferente das colegas anteriores: *“Quero “aca” mamã”.* Já o Filipe

desenhou várias frutas para representar que dizia “Futa”. O Carlos dizia para a sua cadela Faísca lhe dar a pata: “Dá a paita Fasca”. No entanto, todos os que participaram falaram sobre a palavra engraçada que diziam e as poucas crianças mais atentas que não fizeram a atividade, ao verem a partilha das outras crianças, quiseram participar dizendo qual era a palavra engraçada que diziam quando eram bebés. Fiquei satisfeita por ver a alegria com que partilharam o trabalho, significa que a proposta foi interessante e que gostaram de conhecer as suas histórias de bebés e as memórias dos pais. Por outro lado, gostaria que o ambiente estivesse mais propício ao diálogo para que se tivesse percebido se as famílias teriam ainda contado outras peripécias sobre quando eram bebés. A partir daí, aprofundaria mais a temática da família, questionando, por exemplo, quais são as atividades que mais gostam de fazer quando estão em família, e em casa, e proporcionar outra atividade consoante as ideias transmitidas (figura 18).

- ***“Como é que o Menino do Lapedo fazia música?” - 20 Abril 2022***

Neste dia começamos a construir o Boneco do Lapedo, ideia suscitada por eles num dos dias anteriores. Contudo, as auxiliares e educadoras partilharam que as crianças estiveram o dia todas bastante agitadas, as tarefas rotineiras foram exaustivas, e as educadoras sentiram imensa dificuldade em desenvolver as atividades planeadas, o que foi imediatamente comprovado por mim. Já com todos na sala, procurei cativar-lhes a atenção dando notícia de que faríamos uma atividade surpresa, mas mesmo assim continuavam barulhentos. Ao observá-los, sentados, completamente irrequietos e conversadores, considerei que seria cansativo, e inútil, insistir numa atividade que pela disposição com que estavam não iria surtir efeito, pois não iriam ficar minimamente concentrados para que pudesse correr bem. Posto isto mudei de estratégia, e considerei que pudesse ser positivo se gastassem energia ao ar livre. Não nos podemos esquecer que esta escola é muito pequena e que a maioria das crianças passa muitas horas no mesmo espaço. Para além disso, compreendo que se possa tornar exigente para as crianças o facto de realizarem atividades de manhã e à tarde. Será natural que a disposição que as crianças têm da parte da tarde não seja a

idealizada pelo adulto. Todavia, é por ter isto em conta que procuro que muitas das propostas enfatizem a linha de brincadeira, recorrendo a diferentes expressões artísticas. Pedi então que me seguissem até à entrada da escola, onde há um jardim onde não costumam poder brincar livremente. Inicialmente a atividade não esteve intimamente relacionada com o mote da história, pois tentei promover uma brincadeira que, primeiro, libertasse o corpo e o riso. Tiveram de correr aleatoriamente pelo espaço muito rapidamente e, ao bater de uma palma, ficar em estátua numa pose muito maluca. Repetimos algumas vezes. Naturalmente, um pouco mais tarde, as crianças começaram a apanhar elementos da natureza - apanharam paus, ramos, pedras e folhas, atividade de que gostam muito. Voltamos depois para dentro da sala e repetimos a brincadeira das estátuas, mas agora em contacto físico com os objetos contidos no espaço, isto é, teriam de escolher uma pose em que, por exemplo, pousassem a cabeça numa cadeira e esticassem os braços para o teto. Também aproveitei o facto de terem apanhado folhas, paus e pedras e lembrei-me de antecipar a realização de uma atividade de expressão musical e corporal que iria fazer mais adiante no projeto. Senti que esta atividade se adequaria à disposição do grupo. A atividade decorreu com um pequeno grupo de crianças que estava mais interessado e calmo. Coloquei-me ao mesmo nível físico das crianças, como faço muitas vezes para conversar com elas, e dei início à brincadeira com a seguinte questão: *“Será que o Menino do Lapedo fazia música? E como?”*. As crianças responderam que os Meninos do Lapedo (como gostam de dizer) faziam música. Como vi que não responderam ao “como faziam música”, questionei de outra forma: *“Será que tocavam e cantavam?”* - *“Sim!”* - *“Aham que havia instrumentos como é exemplo o piano e a guitarra?”* - *“Hum...acho que não, Sofia!”* - *“Então, como é que eles tocavam e faziam música?”* - *“Podia ser a bater uns paus nos outros. Ou pedras a bater no chão”* - responde acertadamente uma menina. *“Boa ideia! E que mais? Será que faziam música com a boca?”* - *“Hum...podia ser”* - responderam estranhando a questão. Sugeri que fosse a primeira a começar a “fazer música como os Meninos do Lapedo” para verem na prática tudo aquilo que tínhamos conversado. Depois teriam a oportunidade de sugerir sons e batidas com o seu corpo. Comecei a bater com as mãos uma na outra, em ritmos diferenciados. Todos repetiram. Perceberam imediatamente e começaram a criar batimentos rítmicos. Tive de pedir que cada uma apresentasse a ideia à vez para

conseguirmos ouvir o som. Recorrendo à realização de pequenas células rítmicas através da percussão corporal inventaram diferentes sons e batidas ao estalarem os dedos, baterem com os pés no chão, usarem a boca para provocar diferentes sons, baterem com as mãos nas pernas, rasparem as mãos uma na outra, entre outras possibilidades. De seguida, fizemos percussão com recurso a elementos da natureza como bater os paus uns nos outros, mexer as folhas das árvores muito rapidamente, raspar as pedras, bater com as pedras umas nas outras, bater com o ramo na pedra, etc. O que cada criança fazia, todos repetiam e, no final, incentivava o esforço e a boa ideia. O importante a salientar é que conseguiram compreender que a música como a conhecemos agora não existia, mas entenderam também que fazer música com o corpo continua a ser possível. Perceberam a inexistência de rádios para ouvir música e de instrumentos formais, naquela época recuada. Em resumo, souberam mencionar que, na pré-história, o corpo e a natureza eram meios para fazer música. As principais aprendizagens desta atividade foram alcançadas - a compreensão destas noções sobre como seria a música na pré-história, e a experimentação da mesma.

- ***“Montagem do Boneco do Lapedo” - 21 Abril 2022***

As educadoras e auxiliares começaram a dizer-me que eles têm brincado pouco lá fora por causa do mau tempo, podendo ser um dos fatores para andarem tão agitados. Por isso, sugeri que o lanche fosse dado no exterior. Atente-se: o que aconteceu? Estavam muito agitados. E como resolvi? Desisti da ideia de fazer a atividade de montagem do boneco de esponja dentro da sala. É preciso saber desistir de uma ideia quando a mesma não está a resultar e partindo disso, adotar outra estratégia. Uma vez mais achei que o melhor seria improvisar a sessão indo ao encontro das necessidades até porque obrigá-los a ficar sentados não seria benéfico. Primeiramente, enquanto lanchavam no recreio, pedi um pouco de silêncio para ouvirem algo importante sobre a atividade, o que demorou até existirem condições para tal. Expliquei que iríamos montar as partes do boneco, pintá-lo e pôr-lhe o cabelo, mas que a roupa que vestiria, no entanto, seria feita pelos idosos do Lar ao lado. Primeiramente surgiu a ideia de criar um Boneco do Lapedo em arame, mas, porque o

tipo de material é considerado desadequado para trabalhar com crianças da idade pré-escolar, em vez disso tive a ideia de criar um boneco de esponja. Entrei imediatamente em contacto com a animadora sociocultural do Lar Eira da Torre, que prontamente aceitou participar, considerando um excelente momento intergeracional. Entreguei o livro “O Menino do Lapedo” para que a animadora pudesse dar a conhecer a história aos idosos e inteirá-los sobre a temática do projeto. Tudo isto iria ser feito em diferentes dias. Explicação feita, disse que podiam brincar livremente e, enquanto isso, iria chamar duas crianças de cada vez para ajudar na montagem. Foi a melhor opção pois não estavam realmente capazes de se concentrar numa sala. Considerando o grupo numeroso das crianças dos 3 aos 5 anos, e de modo a adequar e facilitar a participação das mesmas, decidi construir as partes do corpo separadamente. Com as crianças teria de juntar essas partes (braços, pernas, pescoço, tronco, cabeça, sendo que o nariz, os olhos e as orelhas seriam feitas pelas crianças com o meu apoio). A preparação deste boneco de esponja teve o apoio do artista António Palmeira que me orientou na explicação da montagem, no recorte da esponja para moldar as partes do corpo e na utilização dos materiais corretos para o propósito. Inicialmente pensei na organização da atividade da seguinte forma: Enquanto, dois a dois, iriam colocar cola de contacto e colar as partes umas às outras, o restante grupo estaria a fazer um desenho sobre a montagem do boneco e da sua roupa, seguindo as minhas orientações como forma de os ajudar a organizar o seu processo de trabalho. Contudo, devido às adaptações necessárias, o desenho não foi feito nesta data. O que é que implicou a adaptação da atividade? Sentei-me num banco do recreio com o boneco, as partes do boneco para montar e a cola de contacto. Antes de as chamar, as próprias crianças que brincaram imenso tempo acabaram por ficar interessadas na atividade que estava a acontecer, e desejaram participar. Colocaram cola de contacto sob a minha supervisão e juntaram as orelhas e o nariz à cabeça, os braços e as pernas ao tronco. Na dupla, enquanto uma criança colocava cola (ensinei que colocassem cuidadosamente a cola, esperassem para secar e só depois juntassem esponja com esponja) a outra criança segurava no boneco e na parte que iria ser colada. Depois trocavam.

Em simultâneo, orientei três crianças (as que estavam muito envolvidas e interessadas) a fotografar com o meu telemóvel o processo de construção dos outros colegas.

Apesar de a atividade não ter acontecido como planeei, talvez tenha sido mais vantajoso da maneira que acabou por ocorrer, já que puderam brincar, mas também estiveram envolvidos e manifestaram curiosidade em participar (figura 19).

- ***Oficina “O Menino do Lapedo. Uma história da pré-história - Museu de Leiria” - 23 Abril 2022 e Oficina de chapéus de espuma “O Menino do Lapedo” por Manipulartes - Museu de Leiria - 24 Abril 2022***

Sendo habitual consultar a página de *Facebook* do Museu de Leiria (anexo3), facilmente descobri oficinas que, curiosamente, foram ao encontro da temática que estava a ser desenvolvida no projeto - a história infanto-juvenil “O Menino do Lapedo”. Assim que verifiquei a existência de duas oficinas - uma teatral (figura 20) e outra de expressão plástica - enviei uma mensagem no grupo de *Whatsapp* das famílias fazendo-lhes o convite. Ambas as oficinas ocorreram ao fim-de-semana, sendo uma excelente oportunidade para a maioria das famílias conseguirem participar. Imediatamente algumas famílias demonstraram muito interesse em participar nas oficinas gratuitas, mas que exigiam inscrição, sendo este facto motivo por que muitas famílias não fossem a tempo de garantir a sua vaga, situação que lamentaram, pois estavam realmente interessados. No domingo, apenas uma família conseguiu participar na oficina de chapéus de esponja. Já no sábado, foi possível a participação de 6 famílias - três crianças foram acompanhadas pelas suas mães, duas crianças foram acompanhadas por ambos os pais e irmão, e uma criança foi acompanhada pelos tios, sendo, neste caso, os pais de uma outra criança. A oficina de sábado baseou-se na apresentação de um teatro de marionetas em torno da história - “O Menino do Lapedo”. Foi um excelente momento de consolidação das aprendizagens até então desenvolvidas durante o projeto. Além disso, foi uma ótima oportunidade para conhecer melhor estas famílias - surgiram conversas sobre o projeto e estas foram algumas das coisas ditas: - “*Eu queria conhecer a Sofia porque a minha filha tem falado sobre si*”; “*Ele chega a casa e diz que andou a brincar às grutas, todo contente!*”; “*Tenho gostado de ver as fotografias do projeto, muito bonitas, é muito interessante!*”; “*Tem corrido bem o projeto? Como surgiu a ideia?*” - oportunidade para explicar melhor a origem do projeto e tudo o que tenho desenvolvido em conjunto com as crianças. Conversámos também, de forma muito fluída (uns assuntos deram aso a outros

assuntos) sobre as suas profissões, a relação que têm com os filhos e o comportamento dos mesmos, quer em casa quer na escola, aspeto que aumentou o meu conhecimento das crianças. No final, foi notória a satisfação pela oficina - *“Gostamos muito!”*; *“É uma oficina que tem tudo a ver com o projeto da Sofia!”*, agradeceram o facto de ter feito a partilha e mencionaram a vontade em visitar o Vale do Lapedo. Na oficina de domingo, tal como já referi, apenas uma família participou, tendo sido umas das famílias que também participaram na oficina de sábado. Curiosamente, uma das auxiliares do JISE, também participou, o que foi bastante interessante para entender que é uma pessoa que se interessa bastante por atividades culturais. Durante a oficina, a criança de 3 anos, foi andando de um lado para o outro, por vezes chamava-o para me ajudar a fazer o meu chapéu de esponja e outras vezes ajudava os seus pais. A oficina não se enquadrava na sua idade. O mote da oficina de chapéus de esponja era a criação de animais pré-históricos - peixes, tartarugas, dinossauros e mamíferos. Eu e a auxiliar escolhemos mamíferos e os pais da criança escolheram um peixe e um dinossauro.

- ***“Pintar o Boneco do Lapedo” - 26 e 27 Abril 2022***

Em vez de realizar a atividade com o grupo inteiro, voltei a dividi-lo em dois subgrupos e, enquanto trabalhasse com um grupo, o outro iria brincar no recreio. Depois trocaríamos. Contudo, acabei por não fazer a troca pois a atividade com o primeiro grupo demorou mais tempo do que estava a contar e, preparar o segundo grupo para a atividade, explicá-la, e desenvolvê-la, demoraria mais do que o tempo de que dispunha. Algumas crianças do grupo do recreio ficaram tristes quando perceberam que não iriam fazer a atividade naquele dia. Garanti-lhes que lhe daríamos continuidade no dia seguinte. Mas, antes de formar os grupos, quis dizer algumas coisas importantes ao grande grupo. Primeiro, pedi que as crianças que foram às atividades do fim-de-semana partilhassem com os colegas como tinha sido a experiência. Falaram de tudo o que viram durante a peça de teatro que abordou a história que trabalhamos: o aspeto dos bonecos de marionetes - *“Parecia real”*; as fogueiras - *“Tal como fizemos aqui contigo Sofia”*; do pai, da mãe, do menino e das roupas da Família do Lapedo - *“São os idosos que vão vestir o nosso boneco não é?”*; *“Também começou a cair algodão (“neve”)e eu fui ajudar os senhores (atores) a apanhar”* - conta a Patrícia sobre a sua peripécia durante a peça de teatro. Comecei

por explicar que nesse dia iríamos continuar a construir o Boneco do Lapedo, em grupos. Ao grande grupo, pedi que dissessem tudo aquilo que já fizemos relativamente ao Boneco do Lapedo, de modo a aumentar a ligação e compreensão sobre o projeto: *“Já montamos as pernas, as orelhas, as mãos e os braços”* - Todos souberam dizer que também faltava pintar, colocar o cabelo, o nariz, os olhos e os pés. Depois lembrei que precisávamos de fazer isto muito bem para que os senhores do Lar o conseguissem vestir. Perguntei como é que o Menino do Lapedo se vestia. Algum silêncio. Questionei de outro modo: *“A Criança do Lapedo vestia as mesmas roupas que nós, há muitos anos atrás?”* Eles disseram que não - *“Ele vestia pêlos e peles de animais”*. Voltei a perguntar quem iria vestir o nosso boneco. Alguns disseram *“eu!”* o que manifestou a sua vontade em participar. No entanto, apenas três meninas responderam corretamente - *“Não somos nós não, são os senhores e senhoras do Lar!”*. Parabenizei a sua atenção e voltei a perguntar num tom animado para confirmar que todos sabiam o caminho que o projeto estava a seguir. Aí sim, todos já souberam dizer que as pessoas do Lar iriam criar as roupas e vestir o nosso Boneco do Lapedo. De uma forma especial pedi que guardassem muito bem estas informações nas suas cabecinhas para depois explicarmos aos senhores do lar num encontro que iríamos ter com eles. Formei dois grupos. Como tinha planeado trabalhar com ambos os grupos no mesmo dia, organizei o primeiro grupo essencialmente com as crianças que costumam ir embora cedo. Já sentados, dei uma folha branca com o nome de cada um já escrito e entreguei um lápis de carvão. Voltei a repetir que nesta folha teríamos de desenhar a construção do boneco, isto é, o boneco em partes, quando não estava montado, mas também desenhávamos as coisas que faltavam fazer no boneco. De modo a estarem a par sobre a organização da atividade, expliquei pela segunda vez que enquanto alguns meninos estivessem a desenhar, outros, iriam ajudar-me, dois a dois, na pintura do boneco. Fui pedindo lentamente, e respeitando o máximo possível os diferentes ritmos, que desenhassem uma parte do boneco todos juntos e ao mesmo tempo. Quando terminassem teriam de colocar a mão no ar. De forma a apoiá-los a estar focados na tarefa e, como o corpo e a mente não se separam, propus que se colocassem em cima da cadeira quando terminassem de desenhar a parte que pedi. Deste modo, movimentaram-se sem se desconcentrar da atividade e permanecendo envolvidos. Indiquei para desenharem a cabeça, o pescoço, o tronco, as mãos, os olhos, o nariz, a

boca, os dentes, as orelhas, os braços, as pernas com joelhos, o cabelo muito grande e comprido. De seguida forneci lápis de cor para pintarem o desenho. O desenho da montagem possibilitou uma maior noção sobre a construção do boneco de esponja. Ao longo deste momento, em que estive em permanente contacto com eles, ajudando-os na pintura do boneco de esponja, chamei sempre uma terceira criança diferente para fotografar o processo de pintura dos colegas. Houve tempo para pintar de castanho, com recurso a uma trinchã, as orelhas, a cabeça e o pescoço (figura 21). O grupo que não teve tempo de realizar a proposta neste dia, realizou-a no dia seguinte, 27 de abril. Notei que este grupo teve alguma dificuldade em desenhar as partes do corpo que ia mencionando. A ideia de desenhar as partes do corpo desmontadas foi estranha. Ao longo do processo de desenho, fui chamando dois meninos para ajudarem a pintar, tal como aconteceu com o primeiro grupo, e tentei manter diálogo com eles para que fizessem a atividade com calma, para estarmos todos mais ou menos ao mesmo ritmo - desenhar a cabeça, as pernas, em simultâneo. Correu bastante bem. De um modo geral, verifiquei uma excelente melhoria no comportamento e envolvimento das crianças na atividade. Esta tarefa permitiu que se envolvessem com calma, durante algum tempo. É importante mencionar que as crianças começam cada vez mais a ser responsáveis por me entregar o trabalho e pedir autorização para sair da atividade. Percebi também que começaram a fixar muito bem todas as aprendizagens adquiridas e todas as informações sobre a história e, aos poucos, envolveram-se cada vez mais num projeto que era de todos.

- ***“Fase de avaliação intermédia” - 28 Abril 2022 e 3 Maio 2022***

Tendo sempre em mente a MTP, chegámos à fase de avaliação intermédia sobre a perceção das crianças relativamente ao projeto, e à procura de novas ideias que possam inspirar atividades seguintes em torno do mote. Esta avaliação aconteceu com o grupo dividido, em dias diferentes. As crianças já não se lembravam dos portfólios (ainda não estavam decorados) que lhes tinha falado no início e, por isso, ficaram muito entusiasmados por vê-los com tantos trabalhos. Dei-lhes tempo para os verem calmamente e partilharem com os colegas. Estavam felizes por ver os resultados dos seus trabalhos individuais e percebi que estavam a gostar de desenvolver este projeto - *“Eu gostei de fazer isto”; “Já não me lembro que atividade foi esta, mas gosto do*

resultado”; *“Esse foi quando pintamos com as esponjas!”*. Fizemos um breve jogo de memorização: pedi que levantassem o trabalho que correspondia à pintura rupestre. De seguida, pedi que mostrassem o trabalho favorito, aquele que gostaram mais de fazer ou cujo resultado consideraram ser o mais bonito - alguns levantaram o trabalho relativo ao “brinquedo favorito”, outros preferiram “o desenho das partes do Boneco do Lapedo” e outros adoraram a “Pintura maluca!” (figura22). Após este momento, procurei que relembrássemos em conjunto todas as atividades realizadas até ao momento. A maioria das crianças recordava-se das atividades feitas e salientaram que as suas favoritas foram a construção da gruta, as pinturas rupestres e mostraram entusiasmo pelo trabalho que ainda estava em processo - o Boneco do Lapedo. Naturalmente, abordamos o facto de as atividades que temos feito terem a ver com arte, e aproveitei a menção para resgatar mais interesses de atividades por parte das crianças - *“podíamos usar roupas como eles”* - disseram duas crianças. Em seguida, começaram a decorar a capa do portfólio. Entreguei folhas brancas, tintas, pincéis e indiquei que teriam de fazer um desenho bonito para colocar na capa do portfolio (figura 22). Os trabalhos ficaram muito coloridos e expressivos. Por esta altura eu já me sentia capaz de identificar vários trabalhos olhando apenas para o desenho, sem me socorrer do nome a quem pertencia, o que é prova de já os conhecer bem. Algumas crianças entusiasmaram-se e terminaram o trabalho mais tarde, quando os restantes colegas já estavam a brincar. Aproveitamos as tintas que sobraram para fazer uma pintura livre no exterior, o que foi bastante divertido e senti que potenciou a minha ligação com aquelas crianças, pois gostaram que me tivesse juntado a elas. No que diz respeito à fase de avaliação intermédia com o segundo grupo, a organização da atividade foi exatamente a mesma. As preferências de atividades foram idênticas ao do primeiro grupo. Este grupo estava extremamente bem-disposto, ouviram com muita atenção, e em silêncio, e responderam calmamente às perguntas, o que revela uma evolução notória das aprendizagens. De seguida dedicaram-se à concretização dos trabalhos decorativos dos portfólios e o ambiente tranquilo permaneceu até ao final da atividade. Mais uma vez, encontrei trabalhos muito expressivos. Curiosamente, repetiu-se a mesma situação do outro grupo - algumas crianças ficaram a pintar até tarde e, depois, como se lembraram do que os colegas tinham feito, também quiseram aproveitar as tintas que sobraram para fazer uma pintura livre. Estes

dias correram muito bem, verifiquei progresso no envolvimento das crianças, houve muito mais tempo do que é costume para estar com elas depois da atividade, e por isso brincámos muito, o que foi vantajoso para a nossa relação.

- ***“Dar cabelo ao Boneco do Lapedo!” - 4 Maio 2022***

Estava um dia solarengo e por isso decidi que deveriam aproveitar para brincar no recreio. Neste dia não dei muitas explicações. Disse que poderiam brincar e que eu estaria, em simultâneo, a dar continuidade ao trabalho com o Boneco do Lapedo no banco do recreio. Enquanto uns brincavam, duas crianças ofereceram-se logo para ajudar na colocação do cabelo. As outras crianças ficaram curiosas com o que estava a ser feito e elas próprias foram pedindo para participar. Como viram imensas lãs pousadas junto ao boneco, começaram a inventar brincadeiras para fazer com elas, enquanto outras crianças ajudavam a cortar e a colar fio a fio. Muitas crianças acabaram por passar o resto da tarde a brincar com as lãs, perto de mim e a ajudar na colagem do cabelo (figura 23). Estavam tão entusiasmados com todas as lãs de imensas cores que fizeram colares e pulseiras. Foi um dia de trabalho tranquilo e simples, e participaram muito bem. Ao ver como o cabelo estava a ficar apercebi-me que não estava muito satisfeita sobre o seu aspeto. Pensei nisto e comentei com quem estava ao meu redor. Uma das auxiliares disse que para o efeito que pretendia estava a ficar bem, no entanto, imediatamente se ofereceu para ajudar a fazer o cabelo com lã utilizando uma técnica que a mesma conhecia - mostrou-me um vídeo onde os fios de lã foram cosidos na máquina de costura. Aceitei e agradei a sua ajuda. Interpretei este apoio como mais um momento de integração direta da comunidade no projeto - a auxiliar está presente no quotidiano das crianças, envolve-se nas atividades do projeto, faz parte da comunidade escolar e reside nos arredores da freguesia, sendo, inclusive, uma pessoa muito participativa em atividades culturais locais.

- ***“Preparação do primeiro encontro com o Lar Eira da Torre” - 05 Maio 2022 e 09 Maio 2022***

Antes de relatar a atividade deste dia, é fundamental apresentar a mensagem enviada às famílias sobre o primeiro encontro com o Lar Eira da Torre: *“Bom dia a todos! Para a próxima semana teremos um acontecimento especial. Este projeto pretende aproximar a comunidade e, por isso, o nosso Boneco do Lapedo será vestido pelos idosos do Lar Eira da Torre! Na quarta-feira teremos um encontro de “vizinhos à conversa à janela” entre as crianças do jardim de infância e os crescidos do Lar! Cada grupo estará na sua “casa”, nos jardins, e poderão conversar, cantar umas canções, contar as atividades que têm feito e explicar como é que o Menino do Lapedo deve ser vestida! Será preciso muita tranquilidade. Amanhã começaremos a preparar o nosso encontro tão especial”*

O encontro foi muito apoiado pelos pais.

Nesta data, iniciei com as crianças a preparação do encontro com os idosos do Lar Eira da Torre (figura 24). Já tinha colado o cabelo feito pela auxiliar e, por isso, o Boneco do Lapedo já estava pronto para ser entregue ao grupo de idosos. De modo a potenciar um ambiente de trabalho mais tranquilo e focado, dividi o grupo em dois grupos. Um dos grupos ficou no recreio a brincar, enquanto o outro esteve comigo a realizar a atividade. A descrição a seguir apresentada refere-se ao trabalho realizado com ambos os grupos - a lógica de organização da atividade foi semelhante. Farei a distinção dos grupos quando exista alguma informação diferente e muito pertinente a partilhar sobre cada grupo.

Comecei por explicar que na semana seguinte, iríamos ter o primeiro encontro com o Lar para entregar o boneco que iria ser vestido por eles. Expliquei que o encontro seria uma conversa “à janela com os vizinhos”, tal como os nossos avós tanto faziam há muitos anos. Assim, todos estaríamos ao ar livre - os idosos estariam no seu jardim, nós estaríamos no recreio e o encontro iria acontecer “à janela”. As restrições pandémicas de entrada em lares exigiram da minha parte uma adaptação como forma de resolver este entrave. Assim, de forma criativa, foi possível transmitir a noção de um acontecimento recorrente na juventude dos nossos avós, principalmente nas

terras mais pequenas, aproximando o projeto uma vez mais à “ideia de família”, tal como preconizado nos objetivos de investigação e intervenção. Referi também que era importante estarmos bem preparados sobre o comportamento a ter naquele dia, e também sobre as informações que iríamos transmitir sobre as nossas atividades. E de que modo é que foi feita esta preparação do encontro? Criamos um cartaz (figura 24) com as seguintes informações: as regras importantes a cumprir, que foram sendo ditas pelas crianças e outras que foram sugeridas por mim; as atividades desenvolvidas até àquele momento no projeto; e as informações principais sobre como o boneco teria de ser vestido. Enquanto eu escrevia eles ditavam regras como *“Fazer silêncio!”* o que reforcei como sendo fundamental, principalmente, quando outras pessoas estão a falar; *“Ouvir com atenção os idosos”*; *“Respeitar as pessoas!”*; *“Falar devagar”* e eu acrescentei que isso era importante para nos entenderem bem; *“Amar as pessoas”*; *“Receber bem os idosos”*; *“Ser educado”*; *“Ser carinhoso”* - disseram as crianças; *“Ser tranquilo”* - adicionei por último. Em jeito de conclusão da criação do cartaz, reforcei que seria muito bom que prestássemos toda a atenção aos idosos e cumpríssemos estas regras de bom comportamento para que o encontro corresse bem, deixando os idosos muito contentes. Transmitir estas informações de forma cuidada, remete à criança a ideia de que o encontro era algo muito especial e, por isso, era importante “saber-se estar” nesse momento. De seguida, pensamos em conjunto nas atividades que fizemos, para partilhar com os idosos de modo que eles entendessem melhor o projeto. No que diz respeito às informações sobre a roupa, as crianças disseram que o Boneco do Lapedo teria de ser vestido com pêlo de animal - *“mas é a fazer de conta!”* - disseram. As cores das roupas teriam de ser cinzentas, castanhas, vermelho-escuro ou laranja - *“para ser como o ocre!”*. Mencionaram também que podiam ser vestidas com a cor verde, porque poderiam ter folhas das árvores nas suas roupas, e acrescentaram ainda que o Menino do Lapedo andaria descalço ou com calçado feito de pêlo dos animais. O segundo grupo disse ainda que o Boneco do Lapedo *“Tem de ficar parecido com um menino da selva.”* Posteriormente a isto, o cartaz que antes estava colocado na parede de modo a acompanharem tudo o que estava a escrever sobre o que diziam, foi pousado no chão para que o pudessem decorar. Com lápis de cera desenharam grutas, fogueiras, e o Menino do Lapedo. Começaram a ficar muito curiosos com a existência de diferentes papéis de variadas cores. Fizeram recortes e

colagens. Alguns sugeriram que podíamos oferecer uma prenda aos idosos. Esta ideia que partiu das crianças foi excelente e, por isso, imediatamente aproveitamos para a concretizar naquele momento. Utilizamos os diferentes tipos de material - autocolantes brilhantes, papel celofane, cartolinas, papel crepe - para fazer diferentes recortes e colagens, resultando em bonecos e aviões que seriam as prendas especiais. Nestas colagens ainda fizeram desenhos com marcadores. Fiquei muito satisfeita com as criações de cada um, ficaram muito interessantes e originais, mas fiquei ainda mais agradada com o envolvimento tão entusiasta durante o processo de criação das prendas. Várias crianças fizeram mais do que uma colagem e desenho e, por isso, durante o processo decidiram que colagens queriam colocar no cartaz e quais desenhos é que preferiam entregar como prenda. Em referência ao segundo grupo, tal como já expus, todo o processo de preparação do encontro foi bastante similar, a única diferença relaciona-se com o modo como iniciei a atividade. Coloquei o cartaz no chão logo de início para que, enquanto escrevia as palavras que me ditavam, o pudessem já estar a decorar, com o desenho com lápis de cera. Além disso, enquanto escrevia, voltava a dizer a palavra ou soletrava fazendo com que naturalmente repetissem comigo aquilo que estava a verbalizar. Após uma reflexão sobre a dinâmica com o grupo anterior, decidi promover esta ligeira mudança para que não dispersassem e permanecessem envolvidos e atentos no momento aborrecido da escrita já que ainda não conseguiam participar nesta parte. No dia seguinte, e continuando a preparação do encontro com os idosos, enviei no Whatsapp das famílias esta mensagem: “Boa tarde! Envio uma canção para mostrarem aos vossos filhos durante este fim-de-semana solarengo! É uma canção de boas-vindas do encontro com o Lar!”

- ***“Continuação da preparação do primeiro encontro com o Lar Eira da Torre” - 10 Maio 2022***

Tal como referi na mensagem às famílias, iríamos cantar em conjunto a canção de “Bom dia”. Muitas crianças demonstraram que já conheciam a canção - “*o meu nome aparece na canção!*”; “*eu quero cantá-la!*”. Deste modo, foi possível envolver uma vez mais as famílias no projeto, neste caso, mais concretamente na preparação do encontro. Toda a sessão foi feita na entrada da escola, visto que a música teve de ser

posta a tocar na televisão e é neste espaço que ela se encontra. Cerca de 5 crianças ainda não tinham terminado a sua prenda, pelo que, no mesmo espaço, e podendo ouvir também a música, concluíram a sua criação. Deste modo, sentados no chão ou no sofá, consoante a vontade, cantámos, algumas vezes, a canção em conjunto. Tendo em conta que o Boneco do Lapedo é uma marioneta, pois é possível colocar a mão para mexer a boca, neste dia utilizei-o para me dirigir às crianças, cativando a sua atenção (figura 25). Isto é, através do Boneco do Lapedo relembramos que o encontro começaria com a canção do “Bom Dia” e terminaria com uma dança livre, e falamos novamente de todas as informações que estavam escritas no cartaz sobre as atividades do projeto e a roupa do boneco, que teriam de ser transmitidas aos idosos. Reforçamos ainda a postura a ter no encontro. De seguida, brincaram um pouco com o boneco de esponja, manipulando a boca, as pernas e os braços. A preparação do encontro estava finalizada.

- ***“Conversa à janela com os vizinhos do Lar Eira da Torre” - 11 Maio 2022***

Cheguei mais cedo à escola para preparar o encontro com tempo e calma. Visitei o Lar para confirmar alguns detalhes sobre a organização do encontro. Nesse momento, a animadora não tinha a certeza sobre quantos idosos iriam participar. As animadoras, com outros colaboradores do lar, iriam colocar os cadeirões no jardim, virados para o recreio do JI. Por volta das 16h, depois do lanche das crianças, daríamos início ao encontro. Estendi um tapete no chão onde as crianças iriam sentar apenas no começo do encontro. Enquanto lanchavam, fizemos o jogo do sussurro para acalmar um pouco o ambiente que estava repleto de enorme entusiasmo. Assim, foi possível conversar com calma, relembrar as notas mais importantes do cartaz, preparando-os para o momento que se ia seguir. No momento do encontro (figura 26), as 25 crianças saíram para o recreio e muito animadas acenaram aos cerca de 40 idosos que se encontravam do outro lado da rede. Eu e a animadora gerimos a interação entre as crianças e os idosos, e estreamos o encontro fazendo referência ao motivo do mesmo, isto é, dizendo que seriam os idosos a vestir o Boneco do Lapedo. Após esta introdução, agradei a presença do Lar Eira da Torre e fiz referência à ideia de estarmos a conversar à janela - *“É verdade que os senhores e as senhoras conversavam muito à janela com os vizinhos?”* - Alguns acenaram respondendo afirmativamente. Expliquei que as

crianças iriam apresentar uma surpresa de boas-vindas que tinham preparado para os idosos e elas, em pé, enquanto cantavam, percorreram todo o muro, para que todos os idosos ouvissem a canção do “Bom dia”. Tanto os idosos como as crianças pediram para repetir e, por isso, os mais pequenos cantaram duas vezes. Após este primeiro momento musical, as crianças e os idosos puderam falar de forma espontânea, sobre o que quisessem, sem qualquer mediação. De seguida, as crianças mostraram o trabalho de pintura coletivo sobre o Vale do Lapedo que fora feito por elas. A apresentação deste trabalho funcionou como uma via para as crianças partilharem as atividades que têm feito em torno da história. Em simultâneo, a animadora ia perguntando aos idosos do que se lembravam da história que leram há uns dias. Ambas fomos intervindo de forma muito natural e espontânea, tendo em conta a leitura que fazíamos sobre o que cada grupo precisava, complementando-nos e entreajudando-nos durante a interação e mediação do encontro “à janela”. Quando por fim o Boneco do Lapedo entra em ação, peço às crianças para dizerem aos idosos como é que ele teria de ser vestido, e a animadora reforçou as ideias tendo em conta a leitura e a pesquisa feita relativamente à descoberta dos ossos que originaram a história “O Menino do Lapedo”. Chamei depois cada criança para mostrar a sua prenda e falar um pouco sobre o que fez, se assim o desejasse. Após esta apresentação das prendas fui até ao Lar, deixando as crianças com as auxiliares, para entregar o Boneco do Lapedo e um papel kraft onde poderiam colocar da maneira que desejassem todas as prendas que lhes estávamos a oferecer. O encontro terminou com músicas escolhidas ao gosto dos idosos e das crianças. As crianças dançaram enquanto saíam do recreio, a acenar e a agradecer a presença do Lar. De um modo geral, o encontro correu bastante bem. Nesta situação, estiveram muitas crianças bastante participativas do início ao fim. As crianças estavam claramente entusiasmadas e felizes por poder partilhar tudo o que fizeram, assim como por poderem ter esta interação com outra geração. A meio do encontro algumas dispersaram para brincar no recreio, não tendo cumprido com o combinado. Os idosos também se mostraram bastante felizes pois os seus rostos sorriram o tempo todo. Elogiaram as prendas e ficaram muito agradados pelo gesto. É de salientar que antes do encontro acontecer a mãe do António me ligou para informar que ele tinha uma

avó no Lar. Disse que gostaria muito que se pudessem ver e pediu-me que os fotografasse juntos. Também a Natália e o João Diogo (irmãos) tinham um bisavô neste Lar. Foi um momento bonito poder juntar estes familiares e todos se sentiram contentes por tal ter acontecido. As crianças mencionaram-me esse contentamento e, mais tarde, a animadora referiu que os familiares destas crianças sentiram o mesmo. Inclusive, o entusiasmo da Natália era tanto que a mesma quis preparar uma prenda extra para entregar especialmente ao seu bisavô. A opinião da animadora foi também bastante positiva, considerou que o encontro correu bem e que as dispersões das crianças fazem parte, assim como faz parte alguma apatia por parte de alguns idosos. Partilhou ainda que gostou de trabalhar comigo porque julga que temos posturas de trabalho muito semelhantes. Quando voltamos para a sala, partilhei a minha satisfação sobre os momentos em que cumpriram com tudo o que tínhamos combinado, mas mostrei a minha desilusão e chamei a atenção às crianças que saíram para brincar sem pedir autorização. Ao escrever no diário de bordo tudo o que aconteceu neste dia, surgiu a seguinte reflexão: é absolutamente natural que as crianças, principalmente as mais novas, se tenham dispersado para brincar. É inato na criança a permanente vontade em brincar e é uma legítima tentação estarem num recreio cheio de brinquedos e fugirem para brincar. Caso pudesse voltar atrás teria reforçado ainda mais tudo o que correu bem e teria agido de outra forma relativamente ao que correu menos bem, não me apresentaria desiludida e pedia que, numa próxima vez, pedissem autorização para sair, ao contrário do que aconteceu.

- ***“Vídeo de momentos do projeto” - 12 Maio 2022***

Após ponderação, reconheci que o dia anterior fora muito cansativo para as crianças pelo entusiasmo e agitação provocado pelo encontro e, por esse motivo, decidi realizar uma atividade que não exigisse muita atenção e envolvimento da sua parte. Brincaram imenso no recreio tal como desejaram. Após quase duas horas de brincadeira ao ar livre, voltamos para a zona da entrada da escola onde se encontra a televisão. Tinha preparado uma surpresa, e realizei um vídeo com fotografias e curtos vídeos com que registei todas as atividades do projeto até àquele momento (figura 27). O principal objetivo da visualização do vídeo pelas crianças baseava-se na captação das suas

reações ao se verem, assim como compreender de que forma continuavam a perspetivar o projeto. Inicialmente ficaram bastante interessados e curiosos com a surpresa e prestaram atenção ao vídeo, mas a dada altura entendi que algumas crianças já estavam distraídas com outras coisas e tinham perdido o interesse. Nessa altura reforcei que era uma surpresa com momentos muito bonitos e importantes deles, no intuito de cativar a sua atenção; mas sem sucesso, e por isso deixei que o vídeo de 7 minutos continuasse a passar para quem permanecia interessado. Tinha como expectativa para esta surpresa que ficassem interessados do início ao fim - julguei que seria cativante e engraçado verem-se e relembrem os momentos que tinham vivido até aquele momento. Algumas crianças expressaram que gostaram de ver as fotografias e foi engraçado ver a forma como reagiam ao vídeo através da expressão corporal - apontaram para uma foto e disseram *“olha sou eu!”*; *“isto foi quando fizemos a gruta”*; *“olhem a Sofia!”*; *“Glória, olha a tua cara ali”*; riram-se e sorriram. Mais tarde, refleti que teria sido relevante questionar mais: *“O vídeo está a ser muito longo para vocês? Está a demorar muito?”*; *“Gostam ou não gostam de se verem nas fotografias?”*; *preferem ver o resto do vídeo noutro dia?”*. Outra hipótese teria sido deixar correr o vídeo para quem quisesse ver, permitindo, em simultâneo, a possibilidade de alguma criança desejar retomar a sua atenção para o vídeo.

- ***“Celebração tardia do Dia Mundial da Dança com o Lar Eira da Torre” - 18 Maio 2022***

No dia após o primeiro encontro com o Lar Eira da Torre, tanto eu como a animadora estávamos muito interessadas em voltar a organizar momentos como aquele. Surge assim a ideia de celebrarmos o Dia Mundial da Dança, mesmo que o dia 29 de Abril já tivesse passado, já que todos os momentos são certos para dançar! No início da semana tinha enviado a seguinte mensagem às famílias: *“Olá! Boa tarde! Daqui a dois dias faremos uma visita ao Lar Eira da Torre para (tardamente) celebrar o Dia Mundial da Dança! Não será nada muito complexo. Por volta das 17h15, tal como aconteceu no encontro passado, voltaremos ao Jardim de Infância. Podem ficar tranquilos, todos os adultos estarão de máscara! Obrigada!”* Neste dia, expliquei às crianças que faríamos uma visita ao Lar para dançar em modo de celebração do Dia Mundial da Dança que foi no dia 29 de Abril (figura 28). Em

simultâneo, questionei se o Menino do Lapedo dançaria. E caso o fizesse, como é que ele poderia dançar? Era essa invenção da dança do Menino do Lapedo que iríamos fazer com os idosos, disse-lhes. Durante esta explicação, quatro crianças estavam permanentemente a rir, a fazer barulho, a correr, altura em que pedi uns breves momentos de sossego para ouvirem o que iríamos fazer naquele dia. Após várias tentativas de conversa e negociação, decidi, como último recurso, que aquelas crianças não iriam participar no segundo encontro com os idosos. Quando voltamos à escola, a auxiliar partilhou comigo que conversou com as crianças sobre o comportamento que tiveram e que elas estavam muito tristes por não terem participado na atividade com os idosos. Reconheceram o erro e compreenderam que não tiveram um comportamento adequado pois assim que cheguei à escola, pediram-me desculpa. Após levar a cabo a atividade conclui que para mim foi importante separá-los para que entendessem que, ao perturbar os outros colegas que querem fazer a atividade e ao desrespeitar as pessoas que estão a partilhar informações importantes, perdem a oportunidade de aprender e de realizar uma atividade divertida. Contudo, a principal reflexão que fiz está associada com a não repetição desta minha atitude e que, numa outra ocasião, as crianças que não se comportassem adequadamente, iriam ao Lar, mas ficariam durante algum tempo sentadas a observar a atividade, junto de uma auxiliar. Ao assistirem à atividade acabariam por compreender porque é que estavam a perturbar, entenderiam que com aquela atitude estavam a perder aprendizagens e um momento divertido, teriam hipótese de modificar o seu comportamento, e teriam oportunidade de se juntarem aos colegas na realização da atividade. Visto que estavam noutro espaço físico, não tiveram contacto com a atividade e não me foi possível educar e questionar: *“já entendem porque estão aí sentados?”* e *“estão prontos para recomeçar?”*. Este foi sem dúvida um dos momentos de maior aprendizagem pedagógica. Relativamente à atividade propriamente dita, assim que chegámos ao Lar, os idosos estavam sentados à nossa espera. Fiquei a saber que já tinham estado a dançar e por isso estavam muito cansados. Tendo em contas as rotinas do JI, foi impossível juntarmo-nos a eles mais cedo. Por já terem gastado muita energia, a maior parte dos idosos ficou sentado, ao contrário do que tinha planeado, o que me obrigou a improvisar a atividade, isto é, já não pude contar com a participação da maioria, em pé. Mesmo as pessoas que estavam em cadeiras de rodas, preferiram só assistir. Levei

uma dança de roda muito simples ao som de música folclórica. A ideia foi aprendermos a dança todos juntos naquele dia. Apenas três idosos se juntaram às crianças. Foi difícil para os idosos acompanhar o ritmo. Após duas tentativas de fazer a dança de roda, dançamos livremente ao som de música folclórica. Algumas crianças moviam as cadeiras de rodas de alguns senhores e senhoras, outras crianças davam as mãos a idosos que estavam sentados nos cadeirões, e outras crianças, mais envergonhadas na presença dos idosos, preferiram dançar só com os colegas da escola. O resto das músicas que dançamos livremente foram ao gosto das crianças. De um modo geral, a atividade foi satisfatória para todos. É notório o quanto os idosos ficam felizes ao estarem na presença das crianças. O momento foi divertido para todos, pois descontraíram, dançaram, riram e partilharam mimos. A expressão artística foi a via que promoveu estes laços afetivos. Todavia, senti que, pela minha inexperiência de mediação de atividades intergeracionais, tive dificuldade em improvisar a atividade consoante a disposição e o ambiente em questão. Estava a contar que alguns idosos não fossem participar de pé, inclusivamente programei um modo de as pessoas em cadeiras de rodas poderem também dançar; no entanto, não esperava que a maioria fosse já estar cansada e sentada nos cadeirões. Ao escrever no diário de bordo, refleti sobre a organização e facilitação deste encontro, que também teria melhorado alguns aspetos.

Primeiramente, faria a mesma pergunta que fiz às crianças no JI, aos idosos *“Será que o Menino do Lapedo dançava? E como?”* - a partir deste mote, e tendo em conta que a maioria dos idosos estava sentada, poderiam ser eles a fazer música através da percussão corporal (indo ao encontro da música pré-histórica tal como foi abordado numa atividade anterior com as crianças), e em simultâneo as crianças dançavam livremente. Numa segunda etapa do encontro, aproximar-me-ia da *“ideia de família e dos tempos culturais de outrora”* ao questionar: *“E os senhores e as senhoras, na vossa juventude quais eram as músicas que mais gostavam de dançar?”*. Sendo o folclore uma resposta esperada, nesse momento poderia avançar com a dança de roda que levei preparada neste dia. Por último, ouviríamos e dançaríamos as músicas ao gosto das crianças. Caso a organização da atividade tivesse ocorrido assim, teria seguido uma linha pedagógica mais estruturada, indo ao encontro das várias gerações e das suas

necessidades naquele momento específico, reunindo-se também ao mote do projeto e aos objetivos de promoção e conhecimento da cultura.

- **“Carimbo de folhas de árvore - Continuação da decoração dos portfólios”**
- 23 Maio 2022

Após dias atarefados de encontros com o Lar, demos continuidade à decoração dos portfólios, e trabalhei com dois subgrupos em dias diferentes. Existiam duas tarefas para a decoração do portfólio - a estampagem de folhas de árvore e a colagem da pintura que criaram anteriormente. Neste dia, um dos grupos começou por fazer a estampagem de folhas de árvore como símbolo alusivo ao espaço de natureza onde viveu o Menino do Lapedo, enquanto o outro grupo colava o desenho que já tinha realizado. Adiante no relatório, consta a descrição da conclusão da decoração dos portfólios em que cada grupo fez a tarefa que neste dia, 23 de maio, não conseguiu realizar.

Muitas das folhas foram sendo apanhadas por eles por livre e espontânea vontade em várias brincadeiras de recreio, que guardei a pensar nesta atividade. Outras folhas com tamanhos e feitios diferentes foram encontradas por mim. Demonstrei o processo, pintei muito bem todos os detalhes da folha da árvore com tintas de diferentes cores e coloquei em cima da cartolina bege. O efeito era mágico para as crianças. As folhas foram carimbadas apenas num dos lados da cartolina. No outro lado estaria colado o desenho que pintaram nos dias de avaliação intermédia do projeto. Elas adoraram esta técnica e divertiram-se imenso a fazê-la - *“a minha folha é muito gira, é pequena, mas é muito gira, olha, olha Lara!”*. A meio da atividade, estavam tão concentrados que até “cantarolavam” músicas que ouviam na rádio. Esta atividade possibilitou mais um momento de livre criatividade. Pintaram no chão, sujaram-se, sujaram as mesas, misturaram diferentes cores, juntaram as folhas de variadas formas - usufruíram bastante do processo de criação (figura 29).

- **“A Família do Menino do Lapedo” - 24 Maio 2022**

Mais uma atividade de expressão plástica, desta vez recorrendo a caixas ovos como base de toda a criação (figura 30). A proposta da atividade teve como mote “pensar” sobre a Família do Menino do Lapedo: como seria a família? Ele teria irmãos, tios/as,

primos/as e avós? E os amigos podem fazer parte da família? Poucas crianças disseram que alguns amigos podem ser família, o que achei interessante dizerem. Primeiramente separei o grupo em dois subgrupos. Trabalhei com ambos os grupos na mesma tarde. Enquanto uns realizavam a atividade, outros estavam a brincar no recreio.

Porém, em cada subgrupo, criei 4 grupos de 3/4 crianças. Juntei as crianças mais novas com as mais velhas, para que estas conseguissem ajudá-los. Mostrei-lhes um exemplo de como fiz uma personagem na caixa de ovos, e apresentei outras imagens, de forma a perceberem as diferentes possibilidades de realização. Poderiam recortar uma caixa e criar uma personagem à parte ou fazer recortes, colagens e desenhos diretamente na caixa de ovos, entre outras possibilidades que eu própria pretendia que explorassem. A nível de materiais tiveram à disposição caixas de ovos, marcadores de diferentes cores, lãs, botões, folhas de papel de diversas cores, e tecidos com variados padrões. Não indiquei que deveriam representar as roupas de pêlo tal como lemos na história porque, neste caso, quis fomentar o pensamento sobre “família” e não concretamente a família do Menino do Lapedo. Este foi apenas um ponto de partida para que as crianças pensassem na noção de família enquanto realizavam a atividade. De forma indireta e muito espontânea, as crianças acabariam por pensar nas suas próprias famílias. Inicialmente senti que o conceito da atividade estava a ser de difícil entendimento para ambos os grupos. Notei que algumas crianças estavam paradas sem saber como começar e outras só estavam a fazer desenhos em folhas, o que me fez perceber que estavam a ter dificuldade em perceber como aplicar a sua imaginação e criatividade. Deste modo, orientei a atividade dando simples indicações para que estas promovessem outras ideias: desenhar diretamente na caixa de ovos, colar tecidos, colar as caixas de ovos com feitiços diferentes. Além disso, fui perguntando que pessoas da família do Menino do Lapedo queriam representar. A partir daí, num grupo de 4 crianças, por exemplo, começaram a surgir duas mães ou dois pais e vários Meninos do Lapedo. Apareceram “pessoas” com saias, chapéus e camisas de várias cores. As crianças mais velhas foram ajudando as crianças mais novas, quando incentivadas por mim, e também apoiei diretamente as que estavam mais perdidas perante a atividade. Houve crianças que claramente demonstraram estar a pensar nas suas famílias: *“a minha avó tem cabelo cinzento”* - diz uma criança

enquanto coloca várias linhas de lã dessa cor num boneco que desenhou na caixa de ovos. Mas, outras crianças estavam de facto a pensar na Família do Lapedo: *“A Criança do Lapedo tinha um coelhinho de estimação. Eu vou fazer isso!”* - e colocaram tecidos para fazer o rabinho peludo do coelho. Ou então: *“Este é o chefe da família, fiz uma roupa especial, olha só!”* - exclamou Eduardo entusiasmado enquanto me mostrava o boneco que fez, parecido com uma das imagens que, no início desta atividade, tinha mostrado como exemplo. Esta foi uma atividade em que ambos os grupos se envolveram com uma enorme tranquilidade e concentração, permanecendo entusiasmados e interessados, e com ajuda foram superando os bloqueios que sentiram. A relação que fomos estabelecendo, as estratégias que fui adotando e o próprio crescimento natural de cada um, estava a dar frutos, pois a evolução e melhoria no comportamento e o aumento do envolvimento no projeto era bastante evidente. Ajudaram-se uns aos outros, o que também foi um óbvio progresso. Fiquei muito satisfeita com os resultados criativos e com o modo como viveram o processo de criatividade.

- ***Apresentação das “Famílias do Lapedo” - 26 Maio 2022***

A proposta da atividade de apresentação das famílias do Lapedo consistiu num momento de partilha entre as crianças em que cada grupo pode apresentar as “famílias” que construíram nas suas caixas de ovos (figura 30). A proposta teve como principal objetivo o fomento do pensamento crítico, do auto e hétero-conhecimento, da promoção da autoestima e conhecimento de outras ideias que surgissem naturalmente no âmbito da partilha. Na medida em que cada criança pode partilhar a sua visão sobre o que achou de cada trabalho, selecionando aquele de que mais gostou e por que razão, pode estimular o autoconhecimento pois atingiu assim uma maior perceção sobre os seus gostos, assim como conheceu os interesses dos colegas; ao questionar a criança sobre o motivo pelo qual gosta ou não gosta de determinado aspeto ou ao pedir-lhe para que transmita uma ideia sobre uma atividade que gostasse de realizar, está-se a desenvolver-lhe o pensamento crítico incentivando-a a “[...] participar, a fazer escolhas, a tomar decisões e a construir uma atitude mais crítica e facilitadora da sua integração na sociedade” (Marchão, 2016, p.47). A autoestima é favorecida quando a criança verifica que o seu trabalho é reconhecido e valorizado

pelos colegas. As caixas de ovos foram identificadas com letras. A brincadeira incentivava a escolha do trabalho do outro, e não poderiam selecionar como favorita, a sua própria criação. Registei no diário de bordo, enquanto as crianças partilharam e justificaram as suas escolhas favoritas:

Mateus - *“Eu gosto do A porque tem pessoas pintadas”;*
 Rita - *“O E é o meu favorito porque tem desenhos de bonecos!”;*
 Natália - *“ É este C porque tem carinhas fofinhas e tecido giro”;*
 Filipe - *“O C porque está giro, tem caras muitos fofas e tem lá muitas cores”;*
 Vera - *“Gostei mais do B, porque tem botões, gosto dos papéis que tem”;*
 Leonardo - *“É o F que gosto mais porque tem muitos fios”;*
 Daniel - *“Gostei só um bocadinho do C porque é o que tem muitas coisas de lã. Gosto de lã”;*
 Miguel - *“É o C porque tem um pano giro. Desenho do pano foi o que mais gostei!”;*
 Tomé - *“Porque tem uma boneca e porque tem coisas de um só lado! É o A”;*
 Luís - *“O D está giro porque tem muitos desenhos feitos pelos meninos”;*
 Joana - *“O C está lindo porque tem um pano fofinho e gosto da boneca de pano”;*
 Tiago - *“O F gostei porque tem muitas lãs e gosto das lãs. Gosto também do boneco que o Miguel fez.”*
 Henrique - *“O meu preferido é o F porque tem lã e marcadores, gosto mais deste porque a lã é grande”;*
 Bruno - *“É do B que gosto mais porque tem botões, porque tem um botão verde e outro branco”;*
 David - *“É deste (aponta para o A) porque tem uma boneca. Mas eu gosto de todos também”;*
 António - *“O meu favorito é o A porque tem papéis e porque tens lã e porque é do Tiago e da Joana.”;*
 Gustavo: *“Eu gosto desta aqui (aponta para o F) porque tem vermelho, porque tem esta tesoura e porque também tem muitos fios coloridos”;*
 Andreia - *“ O A gosto , porque tem cá dentro uma barriguinha e também gosto da lã”;*
 João Diogo - *“Gosto deste, deste e deste” (aponta para vários elementos do trabalho);*
 André - *“Gosto do C porque tem desenho verde e (aponta);”*

Madalena - *“O F é o que eu mais gostei porque tem uma carinha fofinha (aponta para o boneco que o Miguel fez) tem corpo fofinho e gosto de laranja, do azul e daquele cabelinho e o azul escuro dos olhos e da boca”;*

Ricardo - *“Achei giro o D porque as fitas têm cortes e os marcadores”;*

Lara - *“Gostei mais do B porque está com um coelhinho”;*

- ***“Visita das famílias ao CIALV” - 29 Maio 2022***

No dia 23 de Maio enviei no grupo de *Whatsapp* das famílias a proposta de visita ao Centro de Interpretação Ambiental do Lagar Velho (CIALV) e atividade de leitura dramatizada do livro infanto-juvenil *“O Menino do Lapedo*, organizada pelo Museu de Leiria e o CIALV (figura 31). Considerando o número limitado de inscrições, apenas quatro famílias conseguiram participar. Inclusive, também não consegui. Assim, pedi, por mensagem, às famílias que iriam participar que *“tirassem fotografias e partilhassem connosco a experiência. Acredito que possa ser uma partilha interessante entre todos!”*

No dia 29 de Maio aconteceu a visita com quatro famílias - duas irmãs foram com a sua mãe, assim como três rapazes. Mais tarde, foi possível entender que estas famílias têm uma relação de muita proximidade. Tal como combinado, a mãe de um dos rapazes enviou registos fotográficos da visita, a que respondi: *“Que maravilha! Gostaria de ter estado convosco. Espero que tenham gostado, as fotos estão muito giras!”*. A mãe de uma criança que não conseguiu inscrever-se, mas que participou numa das anteriores atividades do ML disse: *“Deve ter sido muito interessante. Que pena não ter podido ir!”*. A mesma mãe que enviou as fotografias confirmou que todos gostaram muito da visita guiada. Conclui referindo: *“Amanhã vou pedir às crianças que contem um bocadinho da experiência que tiveram neste domingo”*. E assim foi, como é possível ler a seguir.

- ***“Conversa sobre a visita ao CIALV e conclusão da decoração dos portfólios” -***

30 Maio 2022

Sentados nos sofás, em roda, pedi às crianças que visitaram o CIALV para partilharem com os seus colegas a experiência que viveram com as suas famílias no domingo anterior. Todas as crianças revelaram-se imediatamente muito atentas e interessadas em partilhar, e em ouvir os colegas.

Recorro ao meu diário de bordo para evidenciar um diálogo que neste dia muito rapidamente surgiu de forma bastante fluída e animada:

Joana - *“ Vimos os ossos do Lapedo. E também a cara do esqueleto do menino”;*

Rita - *“A cara da Criança do Lapedo tinha pele, olhos, cabelo e tinha a terra onde viveram. A senhora disse para não mexer com o pé”;*

Leonardo - *“ Ela apontou para uma coisa com luz” ;*

Joana - *“Era embaixo de uma pedra esticada a fingir que era fogueira”;*

Leonardo - *“Era tudo igual à tua história Joana”;*

Rita - *“Antes de entrar a criança tinha o coelho para comer. Tinha a pele do animal para não ter frio.” E puseram um colar de conchas na cabeça quando ele morreu”.*

Há um momento de discussão coletiva sobre o engano da Rita - o coelho era o animal de estimação do menino, não era para comer corrigiram amigavelmente várias crianças.

Luís - *“Eu vi os ossos do dinossauro”;*

Leonardo corrigiu o Luís - *“Eram do Menino do Lapedo, Luís!”;*

Rita - *“Tinham dentes de animais diferentes. Um dente gordo pequeno, um dente médio, um dente torto e um dente grande”;*

Joana - *“Andaram a mostrar animais para fazer comida e fazer carne Leonardo!”;*

A Natália que não participou na visita quis intervir - *“Ele tinha um coelhinho de estimação. Os verões eram mais curtos e os invernos muito longos. E o coelhinho dormia todos os dias com ele. Não é, Sofia?”;*

O Tiago que também não foi ao CIALV quis dizer - *“A minha mãe ainda não comprou o livro do Menino do Lapedo.”*

É inegável que as crianças experienciaram a visita com muita atenção e curiosidade, visto que souberam partilhar aspetos muito importantes sobre tudo o que ocorreu naquele domingo no CIALV. Além disso, a visita ao CIALV e a partilha com os restantes colegas foi crucial para consolidar todas as aprendizagens adquiridas sobre a história do Menino do Lapedo. Algumas crianças que não foram à visita, ao longo do diálogo anteriormente exposto, também foram fazendo referências às atividades que já realizamos em projeto, sendo para mim um claro sinal de compreensão da história e de capacidade de associação das informações compartilhadas com as atividades realizadas no projeto. Conclui esta parte questionando se gostaram de fazer esta atividade com as famílias ao que me responderam entusiasmadamente que “sim!” e esclareceram também que gostariam de fazer mais “coisas assim” com elas e com os amigos. Ouvi e observei expressões e reações de desilusão por parte de algumas crianças que não conseguiram ir à visita - “Tenho pena de não ter ido” ; “Os meus pais não me contaram isso!”; “Vou pedir à minha mãe para irmos lá!” - cerca de seis crianças manifestaram com muita vontade. De seguida, findamos a decoração dos portfólios - um dos grupos teve ainda de fazer a estampagem das folhas de árvore e o outro teve apenas que colar o desenho que já estava feito. Esta última etapa foi rapidamente finalizada, por isso, essas crianças puderam ir logo brincar para o recreio. Todavia, foram várias as crianças que desejaram permanecer na sala para ajudar os colegas na estampagem das folhas (figura 29). Considerei esta atitude como positiva pois revelou valorização e gosto por esta atividade e possivelmente foi a representação do desenvolvimento das crianças no que concerne ao estabelecimento de favoráveis relações interpessoais e ao fortalecimento da coesão grupal, isto é, as crianças nutrem sentimentos positivos uns pelos outros e, por isso gostam de se entre ajudar e de brincarem em conjunto. De um modo transversal, era presente o sentimento de pertença a este grupo.

- ***Brincadeiras típicas de infância***”- 31 Maio 2022

Considerando que a “noção de família” já tem sido abordada, nesta data quis aprofundar a temática e viajar até às brincadeiras de infância - as mais antigas, mas que nos tempos atuais continuam a ser adoradas. De forma a lançar a atividade comecei com a seguinte interrogação: “Como será que o Menino do Lapedo brincava?”

- *"Brincava aos saltos pela natureza, com folhas e paus"; "Fazia bonecos com as coisas da natureza"* estas foram algumas das respostas. Respondi de volta: *"Então eu já vos vi a brincar como o Menino do Lapedo."* - *"Sim, Sofia nós somos como os Meninos e Meninas do Lapedo, nós também gostamos de correr e saltar todos os dias lá fora. E estar no jardim a brincar"; "Pois, só que eles não tinham brinquedos como nós temos lá fora!"; "Quando nós fomos apanhar paus e folhas foi como o Menino do Lapedo brincava"* - explicaram três crianças de forma muito engraçada. De seguida, questioneei: *"E como é que será que os nossos avós e bisavós brincavam quando tinham a vossa idade?"* As crianças partilharam as experiências que já sabiam sobre as brincadeiras dos avós e deram exemplos como: *"cantar músicas, macaquinho do chinês, peão e cabra-cega"* Sugeri que perguntassem aos avós quais eram as brincadeiras que faziam nas suas infâncias, para mais tarde partilharem. Fiz depois uma nova pergunta relativamente às brincadeiras que eles costumam fazer com os seus avós, que provocou um diálogo muito proveitoso entre as crianças: Joana - *"1,2,3 macaquinho do chinês e apanhada. É assim que eu e a minha irmã (Rita) brincamos com a avó";* Natália- *"Os meus avós cantam e dançam comigo. A avó só tinha uma boneca para brincar e teve de partilhar. Não havia muito dinheiro para comprar brinquedos como nós temos agora";* Miguel - *"Eu colho frutos com os meus avós. Lá no Brasil tinha um brinquedo de andar como o triciclo. Brincava lá na casa dos avós. A avó trabalhou muito e depois pode comprar brinquedos. Antes não.";* Andreia - *"Não tenho brinquedos em casa da avó";* Carlos - *"Quando o meu avô era vivo brincava comigo às escondidas";* Filipe- *"Não brinco porque uma avó minha anda assim"* (e imita a avó a coxear); A avó *costuma cantar uma canção* (e ele começa a cantar para dizer qual é a canção - a Cinderela, de Carlos Paião); Neste momento eu coloco essa música e todos a ouvem com imensa atenção e cantam também.

Leonardo - *"Brinco com os avós a ler histórias e deixam ver as galinhas a pôr ovos, os porcos, os patos e os coelhos".*

As restantes crianças, enquanto ouviam atentamente, acenavam com a cabeça para

comprovar que faziam brincadeiras semelhantes. Alguns referiram que não costumam brincar muito com os avós e outros gostavam de ir almoçar às suas casas e só passar o tempo na sua presença. Durante o diálogo as auxiliares foram participando dando conta das suas memórias de infância, fazendo referência à bonita recordação que têm da música do Carlos Paião e explicando que não havia dinheiro para comprar brinquedos e, por isso, tinham apenas uma boneca que construía recorrendo a retalhos de tecido. Também aproveitavam outros materiais de casa e elementos da natureza para serem criativos nas suas brincadeiras. Fomos para o recreio explorar muitas das brincadeiras que as crianças sugeriram (figura 32). A ordem de jogos e brincadeiras foi esta: cabra-cega, lencinho vai na mão, a Rainha manda, berlinde, peão e bonecos da natureza. Quanto à brincadeira com o peão e com os berlindes, não expliquei quaisquer regras, deixando que brincassem tal como lhes apetecesse. As regras dos jogos da cabra-cega, do lencinho vai na mão, foram uma lembrança para as crianças mais velhas de quatro e cinco anos e uma novidade para quase todas as crianças de três anos. Todos participaram extremamente bem nas brincadeiras, todos se divertiram muito, e todos nós rimos imenso com as figuras caricatas que cada um foi inevitavelmente fazendo: corremos, saltamos, caímos, escorregamos, ficámos confusos, sorrimos, rebolamos, e rodopiamos, com o movimento presente com muita intensidade e alegria. Durante os jogos as crianças tiveram a oportunidade de assumirem diferentes papéis: serem líderes, ajudarem os colegas e transmitirem novas ideias e sugestões. As auxiliares, cujas infâncias rondam as décadas de 60/70, também se juntaram em alguns jogos, consoante as suas vontades, e deram uma ajuda útil na compreensão das regras. Elas envolveram-se principalmente na brincadeira do “lencinho vai na mão” e no “peão”. Eu inclusive, pouco experimentei esta última e, portanto, tornou-se interessante a voluntária e ativa participação das auxiliares. No final ambas comentaram: Paula - *“Isto é muito giro, Sofia. Noutros anos, com outros grupos de crianças, durante este tempo de prolongamento fazíamos muitos muitos jogos deste tipo”*; Carla - *“É verdade, agora não fazemos tanto. Com este grupo tem sido mais difícil e a pandemia não veio ajudar na disposição. Mas foi engraçado vê-los hoje. E também me lembrou da minha infância”*;

Paula - *“Sinto o mesmo, foi bom sermos um bocadinho crianças outra vez! E isto, são brincadeiras tradicionais, ficam para sempre”.*

A única brincadeira que aconteceu no interior foi a criação dos bonecos da natureza, para a qual apanharam paus, folhas e pedras. De atividades anteriores tinham sobrado também alguns destes elementos, aumentando o leque de possibilidades. Alguns quiseram utilizar marcadores para decorar estes elementos. Após tanto movimento, notou-se o quanto estavam focados e entretidos a inventar diferentes “bonecos” com estes elementos da natureza. Manipularam as pedras e folhas de modo a criar formas que rapidamente voltavam a modificar. Os seus bonecos estavam em permanente alteração, sendo que a única prova destas experimentações são os registos fotográficos do que cada um fez. “Os bonecos da natureza” ficaram bastante criativos e isto pode ser resultado de um envolvimento feliz durante o processo de experimentação. Para além da alegria das crianças durante as brincadeiras, e de terem expressado o quanto gostaram daquela tarde, os pareceres das auxiliares foram também preciosos. Cheguei à conclusão de que seria relevante promover novamente estas experiências.

- ***“Mais e mais brincadeiras típicas de infância” - 02 Junho 2022***

Voltamos às brincadeiras típicas de infância em jeito de alusão ao Dia Mundial da Criança. No início as crianças partilharam mais algumas brincadeiras que os seus avós disseram que faziam na sua infância - *“eles brincavam também a saltar à corda, a puxar uma corda com outros meninos e a saltar dentro de um saco de batatas”.* Outras foram ideias que já tinham sido faladas anteriormente. Neste dia algumas crianças não estavam bem dispostas para participar nas brincadeiras no exterior, tendo ficado no interior a fazer puzzles. Houve um misto de brincadeiras sugeridas quer pelas crianças, quer por mim. A primeira brincadeira foi a “corda humana”. Formei duas equipas e procurei que ficassem bem equilibradas - dividi as crianças tendo em conta as idades, pesos e tamanhos, de forma a ser justa a força dispensada em cada equipa. Cada equipa teria de estar em cada ponta, as crianças agarravam-se umas às outras e o objetivo passava por puxar a corda com o máximo possível de força, derrubando a equipa contrária. Ótima brincadeira para trabalhar em equipa, gastar energia e soltar o corpo e a mente. Seguidamente, voltamos a um jogo que os familiares partilharam

com as crianças e que também foi partilhado pelas auxiliares - corrida de sacos. O objetivo deste jogo é fazer as crianças saltar dentro de um saco de batatas até alcançar a meta, percorrendo a distância no menor tempo possível. Para os jogadores se deslocarem, devem segurar o saco com as duas mãos. Após esta brincadeira, as crianças tiveram oportunidade de fazer outros dois jogos onde podiam praticar a pontaria: atirar uma bola a garrafas de plástico cheias com areia, tentando derrubá-las para o chão, e acertar com anéis de cores diferentes nas várias correspondentes à cor do anel que atiravam. Tanto neste dia, como no dia anterior, em nenhuma das brincadeiras fui exigente com o cumprimento de regras, desclassificando-os caso saíssem ou não cumprissem com rigor alguma regra. Dei sempre oportunidade de retomarem a meio do percurso, pois queria que se desafiassem e brincassem o máximo possível. No interior da escola brincamos um jogo que potencia a habilidade física, a destreza, a paciência e a concentração - a “jenga”. Este é um jogo que possui 54 blocos de madeiras que devem ser empilhados em torre, cujos andares são compostos de três blocos adjacentes pelos seus lados mais longos e de forma perpendicular. Todos sentados no chão à volta da torre, cada criança aguardou pela sua vez de retirar uma peça sem derrubar a torre por completo. O jogo termina quando a torre é derrubada ou aquele que conseguir retirar a última peça sem derrubar a torre, vence a partida. Fiquei especialmente surpreendida pelo envolvimento das crianças neste último jogo, pois assumiram um comportamento exemplar, compreenderam as regras e estiveram mesmo interessados em cumprir o jogo corretamente. Além disso, reparei numa maior capacidade de concentração que fez com que conseguissem perdurar o jogo por algum tempo sem derrubar a torre (figura 32). Quiseram fazer o jogo cerca de três vezes. Toda a tarde correu bastante bem, as crianças divertiram-se imenso, estiveram envolvidas e muito animadas durante os jogos e algumas partilharam que fizeram determinadas brincadeiras pela primeira vez. A evolução de competências de “saber-estar”, “saber-fazer” e “saber-ser” tornava-se cada vez mais visível de semana para semana.

No final do dia, ao ir embora, apercebi-me de que uma das crianças tinha o avô a ir buscá-la. Observei a interação e entendi que tinha ali uma excelente oportunidade de incentivar a criança a conversar com o seu avô sobre tudo que fomos fazendo nos dois últimos dias: *“Henrique, podes perguntar ao avô que brincadeiras é que ele fazia*

quando tinha a tua idade". A partir deste simples comentário, acabei por ficar cerca de meia hora à conversa com o senhor. Muito entusiasmado, o senhor relembrou os seus tempos de infância, contou que brincava imenso aos peões e que até lhes dava nomes (um deles era o "esgrabilhoto" porque era o peão mais "forte"). Falou também que brincava ao jogo do botão, jogo este que eu não conhecia. Referiu que naquele tempo o dinheiro era escasso, e por isso as crianças tinham de inventar as suas próprias brincadeiras. Disse, ainda, que as crianças brincavam umas com as outras, sem conflitos, ao contrário do que ele considera ver atualmente. O senhor Hernâni, esse é o seu nome, contou uma história, com alguma tristeza, sobre uma professora que teve que não gostava dele e reprovou-o duas vezes de forma injusta - *"eu sabia muitos bem as coisas"* - por isso só saiu do quarto ano com 12 anos e foi imediatamente trabalhar para uma quinta onde recebeu o seu primeiro dinheiro - *"Recordo-me tão bem de voltar para casa a pé a contar na mão o dinheirito que recebi naquele dia. Eram outros tempos"*. Imediatamente tive a ideia de convidar este avô para ensinar e mostrar às crianças como é que jogava ao peão e contar um pouco sobre as suas vivências de infância. Respondeu dizendo que teria de voltar a treinar a jogar ao peão. Entreguei-lhe o peão que levei às crianças para ele experimentar brincar com este também. Estava entusiasmado. No entanto, saí sem a certeza de que tivesse aceitado o convite.

- ***"Desafio para as famílias"* - 03 Junho 2022**

Como forma de potenciar mais um momento de brincadeira em família, nesta data enviei a seguinte mensagem no grupo de *Whatsapp*: *"Desafio em família para o fim-de-semana: Escolher uma fotografia de família favorita e fazer um desenho sobre essa mesma fotografia. Como na altura do Menino do Lapedo não havia câmaras fotográficas...com as vossas crianças fazem o desenho dessa fotografia que escolheram! (Depois podem enviar por aqui os resultados (comparação entre a foto e o desenho lado a lado) e entregar para as crianças durante a próxima semana. Um abraço e divirtam-se"*. Durante o fim-de-semana cerca de sete famílias enviaram fotografias dos desenhos que pedi como desafio familiar (figura 33). No final do projeto, mais duas famílias entregaram a atividade. Mais do que me apresentarem a atividade, pretendia que vivessem este momento em conjunto. A entrega seria uma forma de comprovar quantas famílias concretizaram o desafio. Um dos desenhos que

recebi no *Whatsapp* foi de uma mãe que é filha do senhor Hernâni com quem estive a conversar. Aproveitei a ocasião para incentivar uma vez mais a sua vinda à escola: *“O desenho do Henrique ficou muito bonito, obrigada! Amanhã estamos todos a contar com o avô dele para nos mostrar como se joga ao peão!”*. A mãe do Henrique respondeu em mensagem: *“Obrigada. Pode fazer conta, fica descansada não se falou de outra coisa cá em casa. O meu avô vai mostrar aos meus amigos como se joga ao peão”*

Deste modo, tanto eu como as famílias obtivemos a confirmação da visita deste avô à escola.⁷

- ***“Visita do avô Hernâni” - 06 Junho 2022***

Enquanto aguardamos pela chegada do avô Hernâni, expliquei às crianças que nos estávamos a aproximar do final do projeto. A informação suscitou algumas expressões de tristeza e comentários que demonstraram a vontade de continuar com o projeto. Foi importante dar-lhes depois conta sobre o ponto de situação do projeto. Disse-lhes que ainda iríamos ao Lar fazer uma atividade com os idosos e conhecer a roupa do Menino do Lapedo. Em seguida dei uma breve explicação sobre o que iria acontecer naquela tarde: *“Hoje teremos uma visita muito especial”* - para alguma esta informação era uma surpresa, mas outras crianças já estavam a par, prova de que as suas famílias partilharam com elas este facto - *“Sim, eu já sei que o avô do Henrique nos vem mostrar como é que ele jogava ao peão”* – disseram (figura 34). Assim que chegou o avô Hernâni, solicitei que o neto o fosse buscar e o trouxesse até à sala. De forma muito natural, o Sr.Hernâni mostrou logo como brincava com o seu peão, enquanto contava algumas das histórias que partilhou comigo na semana anterior. As crianças riram-se e entusiasmaram-se imenso com a velocidade com que aquele peão rodopiava - *“também queremos fazer!”* É evidente que iriam experimentar a brincadeira. Fomos até ao recreio onde nos sentámos no chão. O Sr.Hernâni desenhou, com giz, um círculo grande, que seria o campo de jogo para os peões. Os peões eram lançados com um fio e ficavam a girar no chão durante muito tempo e numa velocidade *“feroz”* como ele próprio dizia. Todos estavam bastante animados por experimentar. O avô do Henrique chamou uma criança de cada vez para ajudar a lançar o peão. Os restantes

observavam os lançamentos, muito divertidos - “*uau, isto é um máximo!*”; “*que rápido!*”; “*vou pedir ao meu pai para me comprar um peão!*” - ouvia-se por parte de algumas crianças. Estes comentários são provas claras do divertimento sentido naquela tarde e do interesse e curiosidade que esta brincadeira suscitou nas crianças. No final, o Sr. Hernâni agradeceu o convite e salientou, comovido, que ficou muito contente por poder partilhar este “saber” com as crianças e reviver uma brincadeira de que ele tanto gostava na sua infância. Neste dia avisei as famílias de que a última visita ao Lar estava para breve.

- ***“Visita ao Lar Eira da Torre - Pinturas Rupestres e Boneco do Lapedo” - 08 Junho 2022***

Visitei algumas vezes o Lar para conversar com a animadora sociocultural sobre a dinamização desta última visita, porque seria importante fazer acontecer uma qualquer outra atividade em torno da história. A animadora revelou-se muito interessada e sugeriu que fizéssemos “pinturas rupestres”. Ofereceu-se para disponibilizar materiais como retalhos de panos brancos e tintas pretas, que foram a base destas pinturas. Organizamos 4 grupos de crianças e idosos. 3 grupos estiveram encarregues de fazer as pinturas rupestres e um grupo elaborou uma espécie de “tapete do habitat do Menino do Lapedo” onde colaram diversas folhas e flores para representar a natureza. Várias impressões com imagens de exemplos de pinturas rupestres estavam expostas em cada mesa de trabalho de modo a orientar a criatividade de pequenos e graúdos (figura 35). Durante todo o processo de criação, algumas crianças quiseram trocar de equipa para estar com outros idosos e também para participar na colagem de folhas do “tapete da natureza”. Permaneceram envolvidos do início ao fim e a alegria das crianças invadiu aquele Lar, alegrando em simultâneo os idosos. As crianças que têm o seu avô no Lar quiseram estar perto dele a fazer a atividade. Foi interessante ver como as crianças incentivaram os idosos a pintar com elas. Na minha perspetiva, e também na perspetiva da animadora que, mais tarde partilhou comigo esta visão, consideramos que ambas as gerações interagiram muito bem e ficaram muito felizes pelo encontro. É claro que tive duas ou três crianças tímidas em interagir com estes adultos, desejando a dada altura afastarem-se, o que foi naturalmente respeitado. Após a conclusão das belas criações

coletivas, as crianças aguardaram euforicamente pela chegada do Boneco do Lapedo. Os idosos estavam já sentados nos seus cadeirões a assistir à entrega do Boneco do Lapedo que fora vestido por eles. Uma senhora do Lar entregou o boneco a outra criança e a animadora interveio, manipulando o boneco para falar e contar como é que foi a preparação da roupa do boneco que consistia numa coroa de madeira, uma saia de palha, um pano a imitar a pele dos animais e, ainda, um colar ao peito tal como é retratado na história infanto-juvenil.

No final, todos cantamos os “parabéns” a uma das crianças, que fazia anos. O resultado deste dia foi muito satisfatório, e quando voltamos à escola procurei obter algumas impressões sobre o que as crianças sentiram com esta visita ao Lar:

Rodolfo - *“Eu gostei de cantar parabéns ao Gustavo com os idosos e também gostei muito de ir pintar!”* ;

Madalena - *“Eu gostei de ver a Criança do Lapedo vestida, de trabalhar e de fazer as atividades!”* ;

Natália, Luis, Gustavo, Lara - *“TUDO!”*;

André - *“A mim foi a “pintula”!”*;

Bruno - *“Sópia” eu gostei mais de pintar com os pincéis nas mantas laranjas.”*;

Todas as crianças estavam a responder que gostaram de *“TUDO TUDO TUDO!”*, o que é muito positivo, no entanto eu queria que pensassem um pouco mais sobre algo que tivesse sido mais especial:

- *“Digam-me lá qual foi a “coisa” que gostaram mais, mais, mais! A favorita!”* - disse!;

Filipe - *“Eu gostei da pintura por cima da folha!”*;

Daniel - *“Gostei de nos sentarmos lá no chão, e gostei de tudo o resto!”*;

Mateus - *“Sofia, adorei a pintura rupestre com os idosos!”*;

Natália - *“Olha e eu lembrei-me que também gostei de conhecer os outros idosos!”*.

As perceções das crianças sobre o encontro foram positivas e foi possível entender um pouco melhor as suas preferências.

- ***“Visita ao Vale do Lapedo com as famílias” - 12 Junho 2022***

No dia 6 de junho entreguei um convite de visita ao Vale do Lapedo, em papel, que foi entregue pelas auxiliares às famílias. Ademais, no dia 8 de junho enviei mensagem no *Whatsapp* com o mesmo convite especial: *“Para quem ainda não recebeu o papel do Convite – Visita ao Vale do Lapedo. Venho por este meio convidar as famílias (pais, avós, tios, primos) das crianças participantes no projeto “O Menino do Lapedo” a participar num passeio pelo Vale do Lapedo, no próximo domingo, dia 12 de junho. O ponto de partida será no Centro de Interpretação Ambiental do Lagar Velho às 10h. Faremos um piquenique compartilhado, por volta das 11h. Peço que cada família leve uma coisa simples à sua escola para partilhar com os restantes no piquenique-lanche (bolo, sumo, guardanapos, copos, fruta, bolachas, por exemplo). O passeio terminará por volta das 12h. Espero contar convosco. Até lá! Muito obrigada.*

Primeiramente informei-me sobre a possibilidade do CIALV fazer visita orientada pelo Vale, ao que me responderam que apenas o faziam durante os dias úteis. Tendo isto em consideração, assim como as disponibilidades das famílias, a data marcada para o passeio ao Vale do Lapedo foi domingo, dia 12 Junho, e apenas cerca de 6 de 27 famílias não compareceram à visita. Quase todas as crianças foram acompanhadas tanto pelo pai como pela mãe. Em três casos, amigos e tios também compareceram.

Quando oriento o grupo para começarmos o passeio, percebemos que, afinal, a entrada que me foi indicada pelo CIALV era direcionada para um Miradouro e não para o Vale do Lapedo. Claramente, houve uma falha de comunicação e entendimento. O tempo combinado para o passeio era escasso, e por isso tivemos de escolher entre fazer o passeio e o piquenique ou visitar o CIALV e o Miradouro. Optámos pela primeira opção. Tendo em conta que desconhecia a zona, por não ser natural da freguesia, desafiei as famílias a descobriremos outro caminho para o parque de merendas, e reparei que poucas sabiam de outra possibilidade de entrada, para além de que o percurso que algumas conheciam era longe do sítio onde estávamos. Dois pais lembraram-se de um trilho estreito que conheciam perto do local onde nos encontrávamos. Foi uma verdadeira aventura, pois ninguém sabia muito bem onde é

que aquele percurso iria dar. Era um trilho bastante íngreme, mas muito curto e, por isso, chegámos rapidamente ao parque de merendas. Assim que chegamos à zona do piquenique, as crianças correram imediatamente para o parque infantil para brincar. Procurámos por indicações para continuar o percurso até à zona onde foram descobertos os ossos do Menino do Lapedo, todavia, ficamos pouco esclarecidos sobre o caminho pelo qual deveríamos seguir. Portanto, a manhã foi passada no parque a conviver no piquenique compartilhado e a brincar com as crianças (figura 36). Foi um momento importante para conhecer um pouco mais as famílias, observá-las com os seus filhos e com as outras famílias, perceber os seus interesses e o modo como perspectivavam a sua própria freguesia. Percebi que há um grupo específico de famílias (famílias de cerca de 5 crianças) que se relacionam e que se conhecem bem, e pareceu-me serem das famílias mais participativas no que diz respeito às atividades escolares. A maioria das famílias tem a memória de surgir a história do Menino do Lapedo, e naquela altura específica recordam-se que foi algo bastante comentado; contudo, foi também uma novidade rapidamente esquecida e desvalorizada. Lembram-se que só muito mais tarde é que esta descoberta foi realmente valorizada pelas entidades culturais de Leiria quando o Vale do Lapedo foi considerado património da UNESCO, em 2013. Mencionaram também que só alguns anos depois, os museus começaram a desenvolver e propor diferentes iniciativas em torno da descoberta, que inspirou a criação da história infanto-juvenil. Alguns têm ideia de que o Parque Ambiental do Vale do Lapedo existe há aproximadamente dez anos. Uma mãe com 43 anos contou que tem memória de no seu 9º ano de escolaridade ter feito uma visita de estudo em que se falou do Menino do Lapedo. Outros pais consideram que há uma má divulgação das ofertas culturais da freguesia e da região e manifestaram desagrado relativamente ao limite de inscrições das iniciativas lançadas pelas entidades culturais, pois têm imenso interesse em participar e vêem-se impossibilitados pelo modo como são organizadas as atividades. Por fim, outra visão importante que algumas famílias mencionaram tem a ver com o facto de sentirem que o projeto os aproximou dos espaços da sua terra, e os lembrou da importância de usufruir mais da freguesia e de valorizar a cultura local. Apesar de a visita não ter corrido tal e qual como esperava, visto que não foi possível ver a zona do Vale onde as ossadas do Menino do Lapedo foram encontradas, de certa

forma este imprevisto acabou por ser um desafio coletivo, o que pude usar a favor do projeto. No *Whatsapp* enviei a seguinte mensagem de agradecimento pela participação:

“Boa tarde. Depois de algum descanso, deixo alguns registos da nossa manhã aventureira e desafiante à descoberta dos trilhos. Espero que todos tenham gostado!”;
- Mãe da Lara - *“Que espetacular. Pena não ter podido ir... Parabéns pela iniciativa”*
- *“Agora vão vocês à descoberta e levam alguém que nunca tenha ido! Nós também ficamos com muito por ver!”* - respondi.

● ***Avaliação final do projeto - Desenho da atividade favorita*** - 13 Junho 2022

Fiz a introdução da atividade dessa segunda-feira solicitando às crianças que visitaram o Vale do Lapedo que contassem a experiência às restantes que não puderam ir. Elas abordaram muito bem a maneira como a manhã correu: *“brincámos e comemos bolinhos uns dos outros”*; *“ao irmos embora eu escorreguei na pedra e magoei o joelho”*; *“no início estivemos perdidos”*; Expliquei-lhes que, naquele domingo, ao procurarmos o caminho certo para chegar até ao parque de merendas, vivemos um bocadinho como o Menino do Lapedo, pois ele passava muita parte do seu dia a descobrir trilhos, a subir e a descer pedras e a ter de encontrar soluções pelo caminho em busca do lugar a que desejava chegar. Eles adoraram este imaginário: *“pois é, fomos os Meninos do Lapedo!”*. Entrámos na última semana do projeto e expliquei que faríamos uma exposição (como há nos museus) para divulgar à comunidade tudo aquilo que eles fizeram e, disse ainda: *-“ Como este é o vosso projeto, será muito importante que me ajudem a preparar a exposição com os vossos trabalhos criativos. Vamos fazer isso esta semana”*; Natália - *“Sim, eu quero muito ajudar Sofia! Vamos pôr lá as nossas obras-de-arte para todos verem* (diz enquanto salta de braços abertos muito animada); As crianças tiveram duas reações em relação ao término do projeto: mostraram-se um pouco tristes pelo fim do projeto e pediram que continuasse, mas também ficaram animados por organizar a exposição que teve o nome de *“Do Lapedo a Santa Eufémia”*, dado que, tal como expliquei na introdução deste relatório, todo o projeto foi percorrendo um tempo cronológico de acontecimentos da pré-história até aos tempos atuais, naquela freguesia. A proposta deste dia foi fazer um desenho com lápis de

carvão, e pintá-lo depois com lápis de cor, sobre a atividade que mais gostaram de desenvolver durante todo o projeto. Primeiro voltamos a falar de todas as atividades e, evidentemente, recordaram-se mais depressa de umas atividades do que outras, o que por si só já foi sinal de preferência. Penso agora que este teria sido um bom momento para novamente colocar o vídeo dos momentos do projeto, de modo a apoiar a recordação. Estiveram muito dedicados do início ao fim e durante a concretização da atividade estive muito atenta à forma como desenharam (os desenhos evoluíram muito, algumas crianças que no início só rabiscavam, nesta fase já estavam a fazer imagens um pouco mais explícitas) para representar as suas ideias. As seguintes citações são registos que fiz sobre tudo o que me disseram relativamente às suas ideias:

Leonardo - *“Somos nós a puxar a corda. Eu venci este jogo. E isto a azul é o céu que estava naquele dia”;*

Filipe - *“Este é o Boneco do Lapedo e as grutas que fizemos!”;*

Rute - *“Sofia eu adorei montar e pintar o Boneco do Lapedoooo!”;*

Mateus - *“Aqui em baixo estamos a saltar com os sacos de batata e nesta parte (aponta para a parte de cima da folha) são as cadeiras, as mesas e os panos para fazer a gruta”.*

Henrique - *“Eu gostei mais de fazer as grutas e as fogueiras e partir os paus!”;*

Luísa - *“Olha o que eu gostei muito foi de ir ao Vale do Lapedo com os meus pais e o meu irmão”(outra criança participante);*

Joana - *“Fazer o Boneco do Lapedo e ir ao Vale do Lapedo com os pais e os meninos todos! Eu fiquei muito contente quando o meu pai apareceu.”;*

Rita - *“Fiz o Boneco do Lapedo com os braços assim para ser igual ao nosso. Outra coisa que eu gostei muito de fazer foi de conhecer os amigos idosos do Lar!”*

Miguel - *“Somos nós a ser os chefs da gruta e a construir as fogueiras à beira da gruta!”;*

Carlos - *“A minha atividade favorita foi as pinturas rupestres”;*

Daniel - *“Gostei daquele da mão (marca da mão no Mundo com as especiarias)”;*

Patrícia - *“As coisas que mais gostei foi o Boneco do Lapedo e ir aos idosos”;*

As atividades de construção da gruta e do Boneco do Lapedo foram as atividades que mais agradaram as crianças (figura 37).

Ao final do dia, partilhei com as educadoras a possibilidade de fazer a exposição no JI atendendo que as restrições de segurança já tinham sido levantadas. Mas também pensei que, sendo este um projeto que tem como objetivo aproximar as pessoas da comunidade, seria ideal montar a exposição num espaço comunitário, como por exemplo na ludoteca. A coordenadora enviou-me o contacto de um autarca da CMLeiria com quem pude falar para pedir autorização para a realização da exposição do projeto nesse espaço, o que me foi negado com a justificação de que as obras não estavam concluídas oficialmente. Porém, arranhou imediatamente a alternativa de divulgar o projeto no Auditório da JF, dando-me total liberdade para organizar a exposição no espaço como mais desejasse.

- ***"Início da preparação da exposição" - 14 Junho 2022***

As crianças dispuseram, num painel, os seus trabalhos relativos às atividades das pinturas rupestres e da marca da mão com especiarias. Em grupo, ajudando-se uns aos outros, utilizando fita-cola e cola adesiva, puderam escolher onde e como colocar as suas criações. Foi uma atividade simples e rápida em que puderam contribuir para a montagem da exposição, envolvendo-se, assim, em todas as etapas do projeto. No resto da tarde puderam brincar e observei que muitos brincaram como se fossem os "Meninos do Lapedo" (a caçar, a brincar com paus...) o que foi muito curioso e uma prova de que o projeto foi realmente vivido pelas crianças.

- ***"Continuação da preparação da exposição" - 15 Junho 2022***

Qualquer exposição deve ter um título que esteja bem visível para os visitantes. Assim, propus às crianças que, recorrendo a diferentes técnicas de expressão plástica, decorassem uma folha de papel kraft, criando assim um fundo colorido e original onde iria estar escrito o nome da nossa exposição. Dei-lhes a conhecer algumas técnicas novas possíveis, e lembrei outras que já tinham experimentado noutras atividades. Enquanto fazia a abordagem a novas formas de expressão plástica, as crianças estavam extremamente atentas e curiosas com tudo o que estavam a aprender. A evolução nas suas competências pessoais e sociais era evidente. Permanecendo na lógica da brincadeira e dos jogos de infância, aprenderam a utilizar os berlindes para pintar o papel - pincelaram-nos com tinta e lançaram-nos para o papel, brincando com as

trajetórias e cruzando os berlindes uns com os outros. Outra técnica que não conheciam era o uso do fio de lã que poderia ser manuseado pousando o fio com tinta no papel kraft e arrastando-o pela folha, criando diferentes formas, por exemplo. Quanto às estampagens de folhas, e carimbos de esponja e de papel amassado, já estavam a par sobre como fazer. Dadas as indicações, que seguiram bastante bem, usufruíram do processo criativo e deram asas à imaginação. O resultado ficou muito interessante (figura 39). O envolvimento na atividade foi muito positivo e divertiram-se imenso pois a criação permitiu também que brincassem em simultâneo.

- ***“Montagem da exposição” - Feriado 16 Junho 2022***

É de começar por salientar que na semana anterior comuniquei com a animadora do Lar para envolver os idosos na preparação da exposição, fazendo, por exemplo, um grande cartaz com o nome da exposição, que deveria fazer referência à comunidade, à comunicação, e às raízes. Contudo, a animadora sugeriu uma outra belíssima ideia, a da criação de um cartaz com fotografias dos momentos vividos nos encontros entre os idosos e as crianças. Aí ficou tomada a decisão de serem as crianças a realizar o cartaz onde estaria escrito o nome da exposição e os idosos estariam responsáveis por elaborar um cartaz com fotografias dos vários momentos vividos com as crianças.

Com o apoio de uma colega do mestrado, Lara Franco, nesta data, dei início à preparação da exposição. No início da semana, as auxiliares da JF prontamente facilitaram-me o acesso ao espaço, entregando-me a chave com que fiquei até ao dia 24 junho, final da exposição. Pedi apoio às famílias no que diz respeito ao empréstimo de material (escadotes) para expor os trabalhos. Aproveitei as cabines de voto que o Auditório da JF possuía, usando-o como painel de exposição e como suporte da construção da gruta. O Lar também se disponibilizou a emprestar material, como foi o caso de uma palete, escadotes, panos de serapilheira e panos brancos. A palete serviu de suporte para colocar o “tapete de natureza” que foi feito pelas crianças e pelos idosos e para pousar o Boneco do Lapedo, e usaram-se os panos brancos para construir uma gruta e fazer brincadeira com sombras. Durante este dia, feriado, o pai de uma criança ofereceu-se para ajudar na montagem da exposição e emprestou um porta-cabides que veio a ser bastante útil para a colocação dos trabalhos coletivos. Além

disso, foi uma ajuda preciosa na desmontagem da exposição e na entrega dos materiais pesados ao Lar Eira da Torre. No início da semana tinha enviado o convite impresso às famílias para visitarem a exposição. O mesmo cartaz foi fixado em diferentes pontos como forma de divulgação do projeto à restante comunidade: no Auditório da JF, na própria JF, no posto de saúde de SE, no Lar Eira da Torre, perto de um café da freguesia, no JISE e na ESECS (figura 38).

- ***“Montagem da Exposição - Ida ao Auditório” - 17 Junho 2022***

Habitualmente, às sextas-feiras, a maioria das crianças costuma ter aulas de judo. Contudo, pela importância do envolvimento das crianças na etapa final do projeto, mais concretamente na preparação da exposição no auditório (figura 39), conversei com o professor que lhes dava estas aulas para que, excecionalmente, disponibilizasse esse momento. Inclusive, convidei-o a ajudar-nos já que é também uma pessoa que pertence à comunidade e faz, portanto, parte do quotidiano das crianças; porém, não houve essa possibilidade de participação. Assim sendo, naquela tarde, quatro grupos de crianças, um de cada vez, acompanharam-me até ao auditório para exporem os seus portfólios e os trabalhos finais de avaliação do projeto “A atividade favorita”, no local que escolheram. Puderam ver como é que a exposição se estava a transformar e comentaram que estavam a gostar muito de tudo o que estavam a ver. Souberam reconhecer as atividades que fizeram pelos resultados dos trabalhos que observaram já expostos. Expliquei que era muito importante não mexerem nos trabalhos, nem naquele momento nem no dia da exposição, para que as suas famílias conseguissem ver os trabalhos bonitos que eles fizeram. Compreenderam muito bem a ideia.

- ***“Exposição do Projeto - “Do Lapedo a Santa Eufémia” - 18 Junho 2022***

Através da exposição aberta à comunidade chega-se ao dia do término do projeto (figura 40). Tal como será possível ver nos anexos, na figura 40, à entrada do auditório era possível ver-se um caminho formado com ramos de árvores compridos, folhas e pedras. Também estava à entrada um painel com 27 retratos fotográficos, um de cada criança que participou no projeto. Perto deste painel estava o livro que inspirou todo o projeto e o “Caderno de Opiniões” onde os visitantes deixaram o seu parecer relativamente à exposição e ao projeto. Este caderno tornou-se numa fundamental

recolha de dados. Ao entrar no auditório viu-se pendurado numa das paredes em frente o cartaz com o nome do projeto, bem como as pinturas rupestres feitas pelas crianças e pelos idosos. Encostada à mesma parede estava uma mesa onde se pousaram as caixas de ovos representando a Família do Lapedo. Em formato de “U”, e no meio do auditório, estavam posicionadas as mesas onde as crianças colocaram os seus portfólios com os trabalhos das atividades exploratórias. Noutra parte do auditório estavam pendurados no suporte de cabides, a pintura coletiva do Vale do Lapedo, assim como o cartaz de preparação dos encontros com o Lar, e ainda o cartaz elaborado pelo Lar sobre as memórias dos encontros entre as crianças e os idosos. Havia um fio entre os dois suportes de cabide, onde as crianças criaram um estendal com os desenhos sobre a atividade favorita do projeto. Num outro canto do auditório, estava a pintura livre coletiva feita pelas crianças que foi realizada no momento de descoberta do mote do projeto. Perto desta pintura encontrávamos o Boneco do Lapedo. Perto do Boneco estava a gruta, uma enorme surpresa para as crianças. Em cima do Boneco do Lapedo estavam pendurados os desenhos sobre a montagem do boneco. Ainda numa outra parte do auditório estava projetada uma compilação animada de fotografias e vídeos de todas as atividades realizadas no projeto. Aproximando novamente da entrada, foi possível apreciar as pinturas rupestres individuais e as “marcas da mão”. O modo como escolhi expor os trabalhos revelaram a ordem cronológica, e de sentido lógico que o próprio projeto seguiu durante o seu desenvolvimento - as atividades foram complemento umas das outras, estiveram sempre interligadas e tiveram como base a inspiração do livro infanto-juvenil. A coordenadora do estabelecimento do JI e também mãe de umas das crianças e duas auxiliares e, cerca de 15 famílias visitaram a exposição, em momentos diferentes do dia. Foi uma altura do ano em que as famílias tiveram eventos típicos da época que impediram a visita à exposição naquele dia, e por esse motivo a exposição ficou disponível até mais tarde, bastando que solicitassem às auxiliares da JF para abrir a exposição, durante a semana. O facto de as famílias não terem chegado todas ao mesmo tempo, impossibilitou a apresentação da exposição tal como a tinha planeado. Pretendia fazer uma breve explicação do projeto, pedir apoio às crianças para abordarem as atividades que realizaram e, por último, as crianças entrariam na gruta para mostrar, ao vivo, como brincaram a uma das

atividades mais entusiasmantes. Durante a inauguração as crianças mostraram às famílias como é que brincaram na gruta, utilizando uma lanterna - “*para imitar o fogo*” - explicaram elas - e fazendo “teatro de sombras”. Os irmãos das crianças também participaram. Incentivei as crianças a explicarem às suas famílias em que consistiam os trabalhos expostos. Este foi um momento de partilha com as famílias, e houve oportunidade para explicar um pouco melhor todo o processo criativo, a origem da ideia do projeto, e as principais intenções subjacentes. Foi também possível avaliar a sua perceção a respeito do mesmo. A coordenadora do JI ofereceu-me, em nome das crianças, um saco de pano decorado com desenhos feitos por elas, num gesto muito simpático que retratou o impacto positivo que o projeto teve. As famílias elogiaram todo o trabalho desenvolvido, e fizeram comentários por escrito que serão apresentados e refletidos no próximo capítulo. Salienta-se que o principal desafio ao longo de todo o projeto se relacionou com a gestão de comportamento de um grupo numeroso e muito heterogéneo. Inicialmente existiram situações específicas que exigiram uma enorme capacidade de adaptação, todavia, ao ler o diário de bordo para redigir este relatório, apercebo-me de que as referências ao mau comportamento foram diminuindo, e o envolvimento e interesse das crianças pelas atividades propostas foi claramente aumentando.

- ***“Visita de todas as crianças do JISE, restantes famílias e idosos do Lar” - 22 e 23 de Junho***

Na semana seguinte à inauguração, no dia 22 de junho, todas as crianças das duas salas, em conjunto com as educadoras, visitaram a exposição (figura 41). As crianças que participaram no projeto explicaram muito bem aos colegas no que se baseou o projeto, resumiram as principais ideias sobre a história, e deram a conhecer os trabalhos resultantes das atividades. Após esta explicação, todas as crianças tiveram a oportunidade de experienciar duas brincadeiras que aconteceram no projeto - “viver na gruta” e o “teatro de sombras”. A interação e interesse perante a exposição foi muito positiva e as crianças participantes estavam contentes por mostrar os seus trabalhos aos colegas.

No mesmo dia, à tarde, cerca de 6 famílias visitaram a exposição e a opinião sobre a mesma foi muito positiva, como será possível verificar no próximo capítulo. No dia 23 de junho, 7 idosos visitaram a exposição acompanhados por 4 colaboradoras do Lar (figura 41). Gostaram imenso de ver os trabalhos realizados pelas crianças, de rever os trabalhos que desenvolveram com elas, e de se verem nas fotografias relativas aos encontros. Infelizmente, devido às atividades agendadas pelo Lar, não foi possível que os idosos comparecessem quer no dia da inauguração, quer no dia em que todas as crianças do JI visitaram a exposição. Assim, tornou-se impossível compatibilizar a presença das crianças e dos idosos num momento final. Pretendo também mencionar que no final, devolvi alguns trabalhos ao jardim-de-infância, – com o seu portfolio, o Boneco do Lapedo, duas das quatro pinturas rupestres (figura 42), as famílias do Lapedo em caixa de ovo e a pintura livre – e outros trabalhos ao Lar – outras duas pinturas rupestres e o cartaz de fotografias dos vários encontros.

VI APRESENTAÇÃO, DISCUSSÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Este capítulo concerne às considerações e opiniões partilhadas pelos participantes acerca do projeto, à análise dos objetivos inicialmente definidos, procurando compreender quais e de que forma os objetivos foram atingidos e, por fim, é feita uma reflexão pessoal sobre o desenvolvimento de todo o projeto.

Assim sendo, os vários instrumentos de recolha de dados como o questionário deu apoio à compreensão da repercussão do projeto nas educadoras e na animadora do Lar que transmitiu o seu parecer sobre a participação dos idosos neste projeto; os portfólios demonstram o envolvimento, interesse e criatividade das crianças; o caderno de opiniões presente no dia da exposição permitiram às famílias e idosos partilhar a sua perceção sentida sobre o projeto; os registos de diário de bordo provenientes da observação participada das interações diárias e das conversas intencionais individuais e coletivas formaram um papel fundamental na avaliação feita enquanto mediadora, na avaliação do projeto propriamente dito (ao longo de todo o processo) e no modo como os participantes vivenciaram esta experiência.

Perceção das Educadoras

A perceção das educadoras relativamente ao desenvolvimento do projeto e a repercussão do mesmo na aprendizagem das crianças foi bastante positiva. A educadora da sala das crianças mais novas partilhou que apenas três crianças (as mais velhas deste grupo) mencionavam algumas ideias básicas sobre o que faziam no projeto. Já a educadora da sala das crianças mais velhas partilhava diariamente comigo que o grupo falava imenso sobre o Menino do Lapedo e contavam muitas vezes, de forma muito entusiasmada e interessada, quais eram as atividades que realizavam no projeto. A maioria dos participantes no projeto era constituída pelas crianças desta última sala. É possível constatar essa visão positiva por parte das educadoras relativamente ao projeto, através das conversas informais ao longo do tempo - *“Ontem quando chegamos a casa, o meu filho começou a construir uma gruta com almofadas e mantas do sofá. Bastou ele estar presente sem participar para aquilo lhe ter ficado*

gravado na cabeça” - e, também segundo um breve e simples questionário online a que responderam no final do projeto (anexo 2).

- **De que forma é que consideram que o projeto contribuiu para a comunidade (crianças, famílias, educadores, lar)? As crianças e as famílias foram fazendo comentários a respeito do projeto? Como por exemplo?**

Coordenadora do estabelecimento/Educadora - *“O projeto foi bastante enriquecedor na medida em que permitiu dar a conhecer, a todos os envolvidos, um marco significativo da evolução da espécie humana e suas principais características. O facto de o Vale do Menino do Lapedo estar situado na freguesia de SE proporcionou e aguçou a curiosidade para um real envolvimento, tanto das crianças como dos pais. Essa curiosidade e envolvimento verificou-se aquando da divulgação por parte das crianças em casa e das posteriores visitas que algumas famílias fizeram ao local, fora do contexto em que o projeto estava a ser desenvolvido. Outra manifestação de apreço verificou-se na adesão das famílias à visita/lanche ao local, desafio lançado pela responsável do projeto, e que de acordo com os relatos do fim de semana em contexto de sala, revelou-se bastante positivo. Outro fator abonatório ao projeto prende-se com a valorização do brincar heurístico, onde a criança descobre, explora e inventa, através de materiais naturais e não estruturados as aprendizagens. Durante todo o projeto, foi evidente o envolvimento e agrado dos pais. Foi visível pelo feedback positivo, tanto em comentários pelo grupo Whatsapp, criado pela responsável, para partilha e acompanhamento das atividades desenvolvidas, como por comentários presenciais à responsável de estabelecimento, como: "Uma atividade com grande valor cultural" ou " Foi das poucas vezes que o S. partilhou o que fez na escola "....entre outros igualmente significativos. O projeto foi sem dúvida uma mais-valia para educadoras, assistentes operacionais, pais e acima de tudo para as crianças do JISE”.*

Educadora - *“O projeto foi muito interessante, envolveu e motivou crianças e famílias. As crianças falavam do projeto muitas vezes”.*

- **Tem intenção de continuar a desenvolver a temática da História do Menino do Lapedo? De que forma?**

Ce/E - *“Sem dúvida. Uma das formas seria assinalar “o dia do Menino do Lapedo”, e realizar atividades que fossem ao encontro do desenvolvido neste projeto, de forma a dar continuidade ao mesmo”.*

E - *“Acho interessante dar continuidade, no entanto como sou contratada, não estarei neste estabelecimento no próximo ano”.*

- **Tem sugestões ou outras considerações a acrescentar sobre a dinamização, o projeto e a exposição?**

Ce/E - *“Durante todo o processo, considero ter existido um amadurecimento das partes envolvidas. O facto de, no grupo, estarem integradas crianças muito novas, cuja maturidade podia comprometer a dinâmica do projeto, ou serem demasiados participantes, pudesse dispersar o foco, foi ultrapassado pela crescente cumplicidade criada entre as crianças e a dinamizadora do projeto. Foi notório o crescente grau de respeito, envolvimento e dedicação ao projeto exposto”.*

E - *“Acho que foi muito bem conseguido, com muito empenho e dedicação. O resultado na minha opinião foi muito bom! Não acrescentaria ou modificaria nada em relação ao que foi feito”.*

Houve a hipótese de realizar a visita ao Vale do Lapedo em atividade letiva, em colaboração com as educadoras que, estavam muito interessadas na ideia, integrando todas as crianças do JI, mas devido a logística de organização da atividade letiva, optou-se por planear a visita apenas com as crianças que participam no projeto, possibilitando, inclusive, a presença das famílias. No final do projeto, a educadora responsável contou-me que a coordenadora do agrupamento lhe disse que *“o projeto está muito bom e muito bonito”*. Perguntei-lhe como é que a coordenadora do Agrupamento obteve esta informação, mas não soube responder. A educadora supôs que a coordenadora soubesse através de algumas famílias. Foi uma informação muito

curiosa, pois o único contacto que tive com a coordenadora foi no início do projeto para lhe pedir autorização.

Perceção do Lar Quinta Eira da Torre

Relativamente à perspetiva do Lar sobre a sua participação neste projeto, apresento a perceção dos idosos tendo em conta o modo como se envolveram nos encontros, como interagiram com as crianças, as reações capturadas nas fotografias e as expressões que alguns redigiram no “Mural de Opiniões” presente na exposição. Obtive a perceção da animadora através de um breve questionário online (anexo 2), e de conversas informais que fomos tendo ao longo do desenvolvimento do projeto, mais especificamente na preparação dos encontros.

- **De que forma é que consideram que o projeto contribuiu para a comunidade (crianças, famílias, educadores, Lar)? As crianças e as famílias foram fazendo comentários a respeito do projeto? Como por exemplo?**

Animadora do Lar - As atividades desenvolvidas no Lar, tiveram algum impacto nos idosos, principalmente nos que são desta zona geográfica porque já tinham ouvido falar no Menino do Lapedo. Foi uma forma de estimular a memória e de adquirirem outros conhecimentos relativos à história do Menino do Lapedo. Os comentários por parte dos idosos foram relativos à presença das crianças no lar.

- **Tem intenção de continuar a desenvolver a temática da História do Menino do Lapedo? De que forma?**

AL - Não estava nos nossos projetos, mas pode ser um tema interessante a desenvolver. Por exemplo dar continuidade à história, imaginando a viagem do Menino do Lapedo para o além.

- **Tem sugestões ou outras considerações a acrescentar sobre a dinamização, o projeto e a exposição?**

AL - Não. Gostámos da forma como foram dinamizadas as atividades do projeto.

Durante a preparação do primeiro encontro a animadora reforçou positivamente as ideias: *“Começar com uma canção parece-me bem, aliás a expressão musical é uma linguagem universal”*; também no planeamento da atividade para recebermos o Boneco do Lapedo já vestido, quando lhe questionei sugestões de atividade a realizar em torno da história, a animadora propôs ideias com muito interesse: *“Podíamos fazer pinturas rupestres. Que achas? Nós pintámos umas tiras de pano em amarelo ocre avermelhado e as crianças e os idosos fazem a preto as pinturas. Se tiveres outras ideias podemos conjugar”*. Mostrou-se sempre bastante prestável em desenvolver um trabalho colaborativo e interessante. A animadora redigiu ainda no “Mural de Opiniões”: *“O projeto do Lapedo a Santa Eufémia foi muito bem pensado. Juntar estas idades é sempre uma fonte de aprendizagens. Adorei ter participado na realização de algumas atividades. Parabéns, Sofia. Gostei muito de trabalhar contigo”*. Ademais, no dia em que alguns idosos (7 idosos) visitaram a exposição que ocorreu na semana seguinte após a inauguração, pude conhecer o seu agrado pela participação neste projeto, salientaram acima de tudo o contentamento sentido na interação com as crianças: *“achei que elas fossem estar cá hoje!”*. No “Mural das Opiniões” 2 idosos redigiram: *“Gostei de participar neste projeto”*

Perceção das Famílias

O envolvimento inicial das famílias no projeto aconteceu lentamente, dado que não recebia muito retorno no grupo do *Whatsapp*, mas ao longo das partilhas e de uma maior compreensão que foram obtendo sobre o sentido do projeto, as opiniões e incentivos foram surgindo, assim como a vontade e interesse em participar nas atividades sobre o Menino do Lapedo, e no ML em alguns domingos de manhã. Estes foram momentos externos ao JI que possibilitaram conhecer um pouco melhor algumas famílias. Aproveitei os momentos em que iam buscar os seus educandos para promover conversas intencionais sobre a comunidade e a relação com os filhos.

Assim que compreendo que o sentido do projeto já está a ser bem entendido pelas famílias, a 13 de Abril, na fase de avaliação intermédia, questiono no grupo de *Whatsapp* o seguinte: *“De forma a avaliar o impacto do projeto gostaria de saber que*

famílias já foram ao Vale do Lapedo depois de ter começado a abordar a história do Menino do Lapedo. E quem está a pensar visitar o Vale do Lapedo? As crianças costumam relatar, ou alguma vez relataram, em casa, as atividades que realizam?”.

Ao que 10 famílias responderam:

-” Sim, nós já visitamos o Vale do Lapedo e o Daniel gosta muito de ir a falar de dinossauros por ver as rochas e os caminhos. Ele não me fala muito do que faz na escola, mas já é dele, com muita pena minha”;

-” A Vera e nós ainda não fomos ao Vale do Lapedo. Ela não diz sempre o que faz, mas puxando por ela vai dizendo algumas coisas”;

-” O David já foi ao Vale do Lapedo. Ele em casa já falou dos dinossauros e traz pedras e diz que são ossos”;

- “O António já foi ao Vale do Lapedo! Ele adorou e está sempre a falar do Menino do Lapedo!”;

- “O André ainda não foi, mas já vamos lá neste feriado. Ele tem vez que está mais tagarela e conta muito, mas na maioria das vezes não fala muito e eu vou perguntando e ele só responde o básico”;

- “O Leonardo já foi, mas antes de começarem a abordar o tema. Ele em casa ainda não falou de nada. Todos os dias pergunto e ele responde quase a ferros na maioria dos dias. Só algumas coisas vem entusiasmado a conta”;

- “O Carlos já foi mas antes de falarem no tema, tem me contado o que falam aí e ainda me explica coisas”;

- “Já fomos lá mas a Lara ainda era bebé, brevemente tenciono lá voltar com ela! Também não fala muito do que se passa na escola, mesmo puxando por ela, só se houver doces e comida à mistura é que fala mais”;

- “O Gustavo já foi mais de uma vez ao Vale do Lapedo. Também fala muito pouco do que se passa na escola. Eu pergunto e ele só falou do Menino do Lapedo”.

A maioria das famílias refere que já tinham ido com os seus filhos ao Vale do Lapedo, contudo, foi importante que ao longo do projeto estas e outras famílias tenham mostrado interesse em repetir ou fazer a visita pela primeira vez, no âmbito do projeto. As respostas demonstram que as crianças, nesta fase, não contavam muita coisa sobre o que faziam no projeto. No final do mesmo, quase todas as famílias partilharam em

conversas informais, em comentários no *Whatsapp* ou no “Caderno de Opiniões” que os seus filhos não paravam de falar no Menino do Lapedo - *“Ontem o Leonardo chegou a contar tudo, sem precisar de perguntar nada”* - disse uma mãe em resposta a fotografias enviadas sobre um encontro com os idosos. Se as crianças começaram a fazer mais comentários espontâneos ou a contar novidades quando são questionadas pelas famílias, é inegável que houve uma evolução ao longo do tempo no que diz respeito ao envolvimento das crianças nas atividades, no aumento do “sentimento de pertença” ao projeto e no interesse e contentamento por tudo o que desenvolveram. A meio do projeto as famílias fizeram comentários muito positivos que representam o interesse e o agrado sobre o que foi desenvolvido com os seus educandos, o que se verifica na figura 44.

Recorrendo ao “Caderno e ao Mural de Opiniões” presentes na exposição, que serviram como técnica de recolha de dados, constata-se a satisfação e agrado das famílias (mães, pais, irmãos e avós) perante o projeto e a exposição, tal como é possível perceber nestes comentários:

-“Professora Sofia está de parabéns. Projeto lindo e muito trabalhoso. Começou a meio do ano e muito trabalho apresentou. [...] O Carlos terá muitas saudades suas como das suas aulas [...]”;

-“Muito interessante e original, o Daniel adorou a gruta. Parabéns, professora Sofia, pela dedicação e esforço. Obrigada por ter proporcionado esta experiência fantástica”;

-“O projeto está muito bem elaborado e organizado... a relação entre a velhice e a infância! Parabéns, Sofia, pelo excelente trabalho, empenho e dedicação.”

-“Um projeto onde o brincar heurístico é valorizado e a prova de como se pode tornar facilitador de aprendizagens. Parabéns pela iniciativa. Um projeto rico para a divulgação da cultura local” -

-“Um projeto muito bem elaborado! Fez com que as crianças se entusiassem nestas pinturas rupestres que eles tanto adoraram. O António adorou este projeto [...]”;

-“Professora Sofia fez um trabalho fantástico com as nossas crianças. Um projeto muito importante para eles é muito enriquecedor para o futuro deles. Obrigada por tudo! [...]”

-“Foi um projeto muito interessante tendo em conta que se falou numa história da

região. Ensinou bastante, mesmo aos pais das crianças. Agradeço pela iniciativa.”;

- “Obrigada professora Sofia pelas atividades maravilhosas que fez com o meu filho.

Ele adorou! Ele só fala do Menino do Lapedo”;

-“Muitos parabéns professora Sofia! Que projeto fantástico. Contribuiu muito para a felicidade dos nossos meninos e ainda para a aprendizagem de um dos temas da nossa freguesia. O Filipe fala sempre do “Menino do Lapedo”. Agora, cada vez mais e falará sempre em tudo o que aprendeu com a professora Sofia (ou professora “Topia” como diz). Obrigado por todos os momentos fantásticos proporcionados às nossas crianças [...];

- “Parabéns à professora Sofia pela escolha do tema “O Menino do Lapedo”. Além de ser um assunto/tema da freguesia fez com que os nossos meninos se interessassem também pelo “Menino do Lapedo”. A interação entre o tema e a visita ao local envolvente proporcionou novas experiências aos meninos, isto para não falar também da mais-valia que foi a envolvência no projeto dos idosos do Lar, que também proporcionaram momentos divertidos e enriquecedores às crianças. Muito obrigada à Sofia!”;

- “Muitos parabéns à prof Sofia. Está um projeto muito giro e o seu mérito por ter envolvido duas gerações, as crianças e os idosos. Cativou as crianças com pequenas atividades da qual aprenderam muitas coisas. Felicidades. Obrigada!”;

- “Adorei a exposição, está de parabéns! Espero que tenha muito sucesso. O Miguel adorou a professora Sofia, gosto muito de trabalhar consigo. Deve ter sido uma experiência maravilhosa e cativante ter trabalhado com crianças e idosos. Obrigada por este ano letivo”.

- “Parabéns por este projeto fantástico que elaborou com as nossas crianças. Sem dúvida muito enriquecedor não só para eles como para nós pais. Foram momentos muito bons e positivos desde a visita ao Lapedo até à exposição que fizeram que está muito gira. Muito sucesso pessoalmente e profissionalmente. Obrigada por tudo!”;

- “Muitos parabéns pelo projeto tão interessante!”;

Em conversa com um pai, no dia da visita ao Vale do Lapedo, o mesmo enalteceu a importância de o projeto ser focado na cultura local, referiu ainda o desagrado pelo facto de o ML limitar as inscrições para a participação nas oficinas, não pensando

também em alternativas para que pessoas com diferentes ritmos de vida possam participar. Isto demonstra em simultâneo uma vontade em se envolver em momentos culturais da freguesia ou da região, aspeto que o projeto veio aguçar nos envolvidos. A Educadora falou-me que a coordenadora do agrupamento lhe disse que o projeto está muito bom e muito bonito. Perguntei-lhe como é que ela obteve esta informação ao que não soube responder. Supôs que soubesse através de alguns pais e mães. Por via *Whatsapp*, enviei uma mensagem final de agradecimento pela participação das famílias na exposição e no projeto, e como modo de encerrar a interação neste projeto que chegou ao seu término:

“Boa noite a todos. Venho, por este meio, agradecer a todos, principalmente às pessoas que ajudaram a preparar e organizar a exposição, e aos que se foram envolvendo e participando nas propostas do projeto. A quem não conseguiu ver a exposição dos seus filhos, devo dizer que perderam um momento interessante e bonito, e espero que numa próxima oportunidade o consigam fazer. Gostei muito de trabalhar em SE. As maiores felicidades para todos e obrigada por todos os contributos. Bem-haja! Até um dia”.

Obtive respostas tais como:

- *“Obrigada Sofia por todo o empenho e dedicação que teve com os nossos meninos neste projeto que proporcionou momentos de aprendizagem e divertidos ao mesmo tempo!”;*
- *“Sofia, uma exposição espetacular. Obrigada por todo o empenho e dedicação [...]”;*
- *“É verdade que gostei da exposição e do contributo e desenvolvimento que dela se adquiriu para o crescimento e conhecimento dos nossos filhos. Parabéns pela iniciativa e também pela ajuda/ interação na divulgação do nosso património”;*
- *“Exposição fantástica, muitos parabéns professora Sofia pela iniciativa”;*
- *“Estava espetacular, adorei a exposição, muitos parabéns professora Sofia”*

Ao longo da semana seguinte, as restantes famílias que não estiveram presentes na inauguração conseguiram visitar a exposição. Apenas 4 famílias das 27 crianças participantes não compareceram na exposição, nem apresentaram qualquer justificação.

Considerando o limite de inscritos, 6 famílias participaram nas oficinas do ML e outras 5 famílias, do qual 2 crianças são irmãs, participaram na atividade guiada no CIALV.

Outras 5 famílias mostraram interesse em participar, não conseguindo garantir a inscrição. Apenas 6 famílias (7 crianças) não estiveram presentes na visita ao Vale do Lapedo. Destas, 3 famílias desejaram muito participar, não podendo devido a compromissos pessoais inadiáveis. Apenas três famílias não deram qualquer justificação pela sua “não-participação”. Nas atividades de fim-de-semana, aproximadamente 7 famílias concretizaram as propostas. Nem sempre foram as mesmas famílias, mas foi este o número aproximado de interessados na realização dos diferentes desafios.

A realização das atividades de fim-de-semana e a participação nas oficinas no ML e na visita ao Vale do Lapedo são provas de um envolvimento muito interessado por parte das famílias. Os comentários demonstram valorização e satisfação pelo facto de o projeto ter promovido interação entre duas gerações e se ter centrado no reconhecimento e divulgação do património cultural da freguesia dos participantes. A arte participativa defendida por Matarasso (2019) está presente, neste projeto, no entrosamento entre os membros da comunidade e na sua curiosidade e valorização pelo património cultural local.

Avaliação do Projeto

Para avaliar se os objetivos de investigação e de intervenção foram alcançados, vou analisar cada objetivo um a um, transcrevendo uma ou duas citações exemplificativas ditas pelos participantes e envolvidos como forma de justificação ou salientando ideias já apresentadas ao longo do relatório.

- **Objetivos de Investigação:** “Avaliar a repercussão do projeto na valorização da cultura local”. **Objetivos de Intervenção:** “Sensibilizar as crianças para o património material e imaterial da freguesia de Santa Eufémia;”

Pai - *“Parabéns pela iniciativa e também pela ajuda/ interação na divulgação do nosso património”; “Foi um projeto muito interessante tendo em conta que se falou numa história da região”.*

Mãe - *“Contribuiu muito para a felicidade dos nossos meninos e ainda para a aprendizagem de um dos temas da nossa freguesia. O Filipe fala sempre do “Menino do Lapedo”*

O desejo das famílias em participar nas oficinas promovidas pelos espaços culturais da região e o interesse das educadoras e da animadora sociocultural em dar continuidade a este tema são representações de que estes objetivos foram alcançados.

- **O.Inv:** “Compreender o contributo do projeto na promoção da expressão artística das crianças do jardim-de-infância”. **O.Int:** “Contribuir para o desenvolvimento de competências pessoais e sociais das crianças do JISE através de processos criativos”

As várias atividades desenvolvidas ao longo do projeto tiveram como principal objetivo o fomento da criatividade. Ademais, as crianças tiveram contacto com diferentes linguagens artísticas, apesar da expressão plástica ter sido a que foi mais experienciada. Algumas das aprendizagens diferenciadas que adquiriram relativamente à expressão artística: *“Eu já sei que juntar amarelo e azul dá verde, Sofia!”*; *“Quero atirar a tinta para o papel!”*. No teatro de sombras, assimilaram que quanto mais próxima a luz estiver da mão, maior será a sombra e quanto mais longe estiver, mais pequena se tornará; aprenderam novas técnicas de expressão plástica como a estampagem de folhas. As crianças que, inicialmente, se apresentaram bloqueadas em realizar uma proposta - como desenhar o boneco favorito, a meio do projeto já desenhavam as suas ideias de forma espontânea, sem necessitarem de ajuda para iniciar a atividade. No final as crianças mais novas já não desenhavam apenas rabiscos, mas eram capazes de desenhar elementos compreensíveis sobre um determinado tema, sendo isto um claro sinal de desenvolvimento promovido pela educadora e reforçado por mim no projeto. A criatividade de todos foi sendo potenciada ao longo do projeto, tal como se verifica nas atividades descritas anteriormente.

- **O.Inv:** “Avaliar de que modo o projeto contribuiu para aumentar o conhecimento das crianças do JISE sobre a sua própria freguesia” **O.Int:** “Sensibilizar as crianças para o património material e imaterial da freguesia de SE”

As crianças ficaram a conhecer um pouco mais sobre a história “O Menino do Lapedo” e a origem disso - um acontecimento antigo que ocorreu na sua própria freguesia.

Ao longo das atividades apresentaram conhecimento e aprendizagem quando expressavam: *“Os Meninos do Lapedo tinham de descobrir trilhos ali no Vale do Lapedo”; “Nas pinturas rupestres havia animais e pessoas”; “Eles viviam em grutas que eram feitas de rochas”; “Os invernos eram muito longos e os verões curtos”; “Os Meninos do Lapedo brincavam com pedras e paus, os nossos avós inventavam brinquedos com materiais velhos e nós já temos muitos brinquedos feitos. Mas nós ainda fazemos jogos e brincadeiras como os avós faziam”; “Depois os Meninos do Lapedo podiam dançar, cantar, pintar, conversar, aquecer, comer, assar comida, pôr flores... à volta da fogueira”;*

- **O.Inv:** *“Analisar os efeitos do projeto nas dinâmicas relacionais e culturais nas pessoas participantes da comunidade de Santa Eufémia”.* **O.Int:** *“Ativar sinergias entre as crianças, as suas famílias e a restante comunidade a partir de linguagens artísticas e da cultura local”.*

Todos os envolvidos manifestaram agrado pela existência de momentos que promoveram a interação entre duas gerações - as crianças e os idosos. As famílias, através das crianças, puderam-se interessar pela relevância de potenciar momentos como estes aos idosos do lar. A interligação entre as crianças e os idosos poderia ter sido ainda mais fortalecida, três encontros não bastam para assumir que a dinâmica relacional entre estas duas gerações está consolidada, contudo, a partir das percepções dos vários participantes e envolvidos é possível referir que esta experiência aguçou a curiosidade e a vontade de virem a potenciar mais encontros intergeracionais. Ademais, a participação de algumas famílias nas atividades propostas é prova de um possível aumento no envolvimento das mesmas na vida escolar dos seus filhos, podendo, inclusive, integrarem-se mais.

Mãe - *“[...]da mais-valia que foi a envolvência no projeto dos idosos do Lar, que também proporcionaram momentos divertidos e enriquecedores às crianças”;*

Mãe - *“[...]o seu mérito por ter envolvido duas gerações, as crianças e os idosos”;*

Animadora do Lar - *“Os comentários por parte dos idosos foram relativos à presença das crianças no Lar”;*

Coordenadora/Educadora - *No Whatsapp, após enviar fotografias de um dos*

encontros entre as duas gerações, a coordenadora referiu: *“Parabéns Sofia. Este projeto é um complemento valioso para as nossas crianças. Obrigada por estas experiências. Sem esquecer a alegria transmitida aos utentes do Lar. Alegrias sem preço.”*. *“O projeto foi sem dúvida uma mais-valia para as educadoras, assistentes operacionais, pais e acima de tudo para as crianças do JISE”*; Mãe - *“Muito lindo de se ver, tenho a certeza que levaram muita alegria ao Lar”*. Mãe - *“[...] Os utentes do Lar devem ter ficado maravilhados. Para eles é uma lufada de ar fresco”*. Mãe - *“[...] Sem dúvida [um projeto] muito enriquecedor não só para eles [crianças], como para nós pais”*.

Outro fator a referenciar que é representativo do impacto do projeto na comunidade, essencialmente, na fase da divulgação do mesmo, a Educadora falou-me que a coordenadora do agrupamento lhe disse que o projeto está muito bom e muito bonito. Perguntei-lhe como é que ela obteve esta informação ao que não soube responder. Supôs que soubesse através de alguns pais e mães, o que pode significar que há uma troca de perceções entre as famílias e a coordenadora do Agrupamento.

Inicialmente o Presidente da JF não deu qualquer resposta ao meu e-mail, podendo ter considerado desinteressante e irrealizável. Todavia, a mãe de uma das crianças, que é trabalhadora na JF, acabou por perceber o que estava a acontecer e verificou que havia interesse no projeto. Assim, as crianças conseguiram alcançar as ligações que pretendiam, mobilizaram as várias instituições, o Lar e a instituição oficial da JF que cedeu o espaço para a exposição e divulgação do projeto à comunidade.

Em jeito de conclusão deste capítulo, salienta-se que as crianças foram as principais condutoras de todo o projeto e aproximaram as famílias, as educadoras, auxiliares, idosos, trabalhadores do Lar e pessoas da Junta de Freguesia. Aproximaram a comunidade aos locais físicos da freguesia e da região, o projeto passou pelo Jardim de Infância de Santa Eufémia, o Lar Eira da Torre, o auditório da JF, o Vale do Lapedo, o Museu de Leiria, o CIALV e as ruas da freguesia.

CONCLUSÕES

Chegando a esta etapa do relatório importa refletir sobre todo o desenvolvimento do projeto e entender se foi dada resposta à pergunta de partida de investigação - *“De que modo é que as crianças do JISE poderão contribuir para ativar sinergias na sua comunidade?”*.

Através das técnicas de recolha de dados, da observação participante, dos registos audiovisuais, do questionário e das conversas intencionais, foi possível dar resposta a esta questão que é sustentada pela análise dos dados anteriormente apresentada. Para este efeito foi primordial recorrer aos instrumentos de recolha de dados utilizados neste projeto, o diário de bordo, as fotografias, os vídeos e as gravações, a análise documental e o portfólio de cada criança. Constatam-se, nos vídeos e nas fotografias, as expressões interessadas das crianças, observei a forma como partilharam as suas aprendizagens com as famílias, como se entusiasmaram nos encontros com os idosos, e foi-me dito que contaram às educadoras e auxiliares as atividades que fizeram em projeto. Muitas das afirmações espontâneas, e muito importantes, das crianças, foram registadas no diário de bordo, e são relatadas ao longo deste relatório. Ao analisar os dados, a pergunta de partida é justificada pelo modo como todos os envolvidos se interessaram pelo projeto, muito especialmente as crianças participantes, tendo sido elas o verdadeiro fio condutor de toda a atividade desenvolvida à luz de uma história da própria freguesia, que se pretendeu promover e valorizar, como património cultural local. Valorizando a importância desse património, as famílias interessaram-se cada vez mais pelo que as crianças estariam a aprender e quiseram elas próprias integrar-se no projeto; daí a vontade em participar nas oficinas do ML, e o facto de algumas pessoas terem proposto a visita ao Vale do Lapedo. As crianças possibilitaram ainda que alguns idosos ficassem a conhecer um pouco mais sobre a freguesia onde agora vivem, e fomentaram recordações aos idosos que já conheciam esta parte do seu património cultural. O encontro entre as duas gerações deixou todos os envolvidos muito felizes e aguçou a vontade em promover novamente este tipo de interações. Dito isto, creio ser possível sugerir que, de facto, as crianças ativaram sinergias entre a

comunidade.

Inicialmente foi difícil encontrar um caminho para dar forma ao projeto, visto que, ainda estava a conhecer os participantes, a própria freguesia e as suas necessidades, e para isso serviram, precisamente, as atividades exploratórias que conduziram à ideia de desenvolver o projeto em torno do livro. A flexibilidade inerente à MTP, permitiu fazer face aos desafios iniciais do projeto relacionados com a necessidade de aprofundamento do conhecimento das características dos participantes e do meio. Foi assim possível ir ao encontro dos objetivos da IAP, já que esta “[...] deve ser centrada na identidade, cultura e necessidades concretas dos indivíduos” (Coutinho et.al, 2009). O desenvolvimento do projeto seguiu uma lógica de atividades que se complementaram umas às outras, que consolidaram o sentido e o mote do projeto, tendo existido, sempre, abertura para ouvir as sugestões das crianças. Por isso, o projeto foi sendo desenhado ao longo do tempo, tendo em conta circunstâncias, e características, observadas, bem como as partilhas que foram sendo feitas pelas crianças. Considerando que toda a intervenção se regeu pela MTP, este foi flexível e não esqueceu que uma planificação rígida e demasiadamente estruturada não iria ao encontro das especificidades do grupo nem permitiria a descoberta de novos significados e de uma exploração criativa dos ambientes ao redor (Vasconcelos, 2012). Em jeito de exemplo, quando as crianças mencionaram interesse pelas roupas do Menino do Lapedo, assim como quando propuseram a construção de um robot, estas ideias foram adaptadas, consoante o que foi viável realizar, tendo dado azo à atividade de criação do Boneco do Lapedo. Caso tivesse sido desenhada uma planificação previamente definida e inflexível, restringindo a nova ideia, inviabilizaria o “sentido de pertença” das crianças ao projeto, isto é, estaria a bloquear-lhes a construção de si próprias e do seu desenvolvimento de competências pessoais e sociais - a “sensibilidade emocional, moral e estética das crianças”, tal como defende Vasconcelos (2012). Deste modo, enquanto investigadora procurei priorizar as vontades e as necessidades dos intervenientes, dando-lhes voz para se desenvolverem e participarem ativamente, promovendo a verdadeira vivência do “sentido de projeto” e de todos os processos criativos (Coutinho et.al, 2009). Um outro desafio sentido prendeu-se com a descoberta de uma atitude adequada na adoção de estratégias pedagógicas facilitadoras da mediação de um grupo de crianças

numeroso e heterogéneo, cujas atitudes de comportamento e diferenças de idade eram uma questão central que exigia permanente adaptação, sendo simultaneamente capaz de “aproveitar a diversidade do grupo como meio de enriquecimento da aprendizagem”, tal como defende Silva, et. al (2016). A descoberta desta atitude e de estratégias facilitadoras de mediação foram, ainda, particularmente relevantes para fazer face aos constrangimentos associados ao espaço no qual decorreu a maioria das atividades com as crianças, quer pelo facto de serem numerosas, quer pelo facto de aí passarem já boa parte do seu dia. O projeto foi importante para a comunidade: o património cultural foi enaltecido e divulgado, várias pessoas que nunca tinham ido ao Vale do Lapedo tiveram essa oportunidade, pessoas que o desconheciam por completo - sobretudo famílias que não são da freguesia - puderam ficar a conhecer, e as crianças utilizaram as linguagens artísticas para adquirirem conhecimentos sobre a sua freguesia. A história do “Menino do Lapedo” foi nitidamente um motivo de ligação entre todas as gerações. Ao refletir sobre o que poderia vir a ser feito no caso de o projeto ter seguimento, chego à conclusão de que faria sentido continuar-se a aprofundar as raízes da comunidade (o folclore, os costumes e as tradições, as profissões antigas ou as que tinham mais importância e visibilidade neste local, etc), assim como fomentar o cruzamento de gerações, promovendo um encontro mais natural e quotidiano entre elas, evitando encontros muito estruturados tal como aconteceu nas atividades do projeto relacionadas com o Lar. A integração de outras associações e instituições da freguesia seria também uma enorme mais-valia no enriquecimento do projeto e no fortalecimento dos laços comunitários. E aqui devo referir que existiu a tentativa de desenvolver trabalho com a AMBESSE, uma outra instituição da comunidade, embora tal não tivesse sido possível por incompatibilidade de horários. Congregar uma comunidade inteira exige tempo, e também seria importante o projeto poder ter maior duração, de forma a torná-lo possível. Porque a rotina do quotidiano e as restrições impostas pela pandemia não facilitaram um maior envolvimento das famílias, não foi possível a participação frente a frente que considero desejável e importante, com mais momentos presenciais das famílias na realização de atividades com as suas crianças e, também, com outros membros da comunidade. Promover algumas atividades do projeto aos sábados seria uma possível solução.

Em conclusão, a educação artística “[...] integr[ou] as faculdades físicas, intelectuais e criativas e possibilit[ou] relações mais dinâmicas e frutíferas entre educação, cultura e arte” (Agarez, 2006, p.6-7) e, tendo isto em mente, o projeto destaca a importância das aprendizagens coletivas focadas na criatividade, recorrendo a diferentes linguagens artísticas desenvolvidas dentro do jardim-de-infância e fora dele, em contacto com o património cultural local, e em interação com vários membros da comunidade, contribuindo simultaneamente para a sua aproximação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Agarez, F. (2006). *Roteiro de educação artística*. Comissão Nacional da UNESCO.
- Amorim, L. (2011). *Arte, infância e família. Um projeto de envolvimento parental em educação de infância através da performance artística*. Mestrado em Educação. IPVC
- Bruner, J. (1960). *The process of Education*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Cabral, E. (2011). Valores e espaço público: referenciais e instrumentos para a avaliação de projetos sociais. *Revista de Administração Pública*.
- Câmara Municipal de Leiria (2021). Plano Estratégico Municipal da Cultura para o Concelho de Leiria. Relatório Final volume 1 – Diagnóstico do Sistema Cultural e Criativo de Leiria. Disponível em: <https://www.cm-leiria.pt/areas-de-atividade/cultura/patrimonio-e-museus/patrimonio/vale-do-lapedo/o-menino-do-lapedo>).
- Comissão Executiva do Plano Nacional das Artes. Plano Nacional das Artes. Uma estratégia, um manifesto 2019-2024. Disponível em: https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Projetos/PNA/Documentos/estratégia_d_o_plano_nacional_das_artes_2019-2024.pdf
- Coutinho, C.P., Sousa, A., Dias, A., Bessa, F., Ferreira, M.J., & Vieira, S. (2009). Investigação-acção: metodologia preferencial nas práticas educativas in Revista Psicologia, Educação e Cultura. ISPGaya Centro de Investigação e Desenvolvimento.
- Cruz, H., Bezelga, I., & Rodrigues, P. (2017). *Práticas artísticas comunitárias*. Fundação Calouste Gulbenkian.
- Delgado, P. (2006). *Os direitos da criança. Da participação à responsabilidade*. Profedições.

Estratégia do Plano Nacional das Artes 2019-2024 consultado em:

<https://www.dge.mec.pt/plano-nacional-das-artes>

Feist, D. (2010). *Desenvolvimento Curricular*. Plural Editores.

Fernandes, S., Flores, M., & Lima, R. (2010). A aprendizagem baseada em projectos interdisciplinares: avaliação do impacto de uma experiência no ensino de engenharia. *Revista da Avaliação da Educação Superior*.

Fortin, M.F. (1999). Noções de ética em investigação in *O processo de investigação. Da concepção à realização*. Lusociência.

Freire, P. (1994). Educación y participación comunitária in Estells, M. et all (1994). *Nuevas perspectivas críticas en educación*. Paidós Ibérica

Gisper, C. (1998). *Programas de formação de educador. Psicologia infantil e juvenil*. Volume 4: Educação. Oceano - Liarte.

Hohman, M., Weikart D. (1997). *Educar a criança*. Fundação Calouste Gulbenkian.

Homem, L. M. (2002). *O jardim de infância e a família. As fronteiras da cooperação*. Instituto de Inovação Educacional.

Juste, R. (1995). Evaluación de Programas Educativos. In A. M. Rivilla & L. M. Angulo (Eds.), *Evaluación de Programas Educativos, Centros y Profesores* (pp. 71-106). Editorial Universitas, S.A.

Lima, R. (2003). *Desenvolvimento levantado do chão com os pés assentes na terra*. Dissertação de Doutoramento em Ciências da Educação. FPCE-UP.

Lopes da Silva, I (coord.), Marques, I., Rosa, M. (2016). *Orientações curriculares para a educação pré-escolar*. Ministério da Educação/Direção Geral da Educação (DGE).

Mahler Ridley, S., McWilliam, R. A., and Oates, C. (2001). *Observed engagement as an indicator of childcare program quality*. *Early Education and Development*, 11, 133-146.

Matarasso, F. (2019). *Arte irrequieta*. Fundação Calouste Gulbenkian.

Mena, J. (2015). *Fundamentos de educação infantil - ensinando crianças em uma sociedade diversificada*. AMGH Editora.

Miranda, M.M. (2002). A família como primeiro espaço educativo. *Cadernos de Educação de Infância*, 62, 11-15.

Morais, C., Souza, C., Siqueira, R., Ferreira, R., & Costa, R. (2022). A importância das regras na educação infantil. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*.

Nunes, T. P. (2004). *Colaboração escola-família - para uma escola culturalmente heterogênea*. Alto Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas (Acime).

Oliveira-Formosinho, J. e Araújo, B. S. (1998). *O desenvolvimento profissional das educadoras de infância: Um estudo de caso*. Dissertação de doutoramento em estudos de criança. (4ª edição). Universidade do Minho.

Oliveira, M., Rodrigues, M., & Milhano, S. (Org.). (2021). *Diálogos sobre educação de infância - Cruzar olhares entre a formação e o chão de escola*. Coleção Infância & Educação. Associação de Profissionais de Educação de Infância, Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Instituto Politécnico de Leiria.

Quivy, R. & Campenhoudt, L.V. (1998). *Manual de investigação em ciências sociais*. Lisboa: Gradiva.

Relatório Plano Estratégico Municipal da Cultura para o Concelho de Leiria. (RPEM CCL) Diagnóstico do Sistema Cultural e Criativo de Leiria. (2021). Consultado em: <https://www.cm-leiria.pt/areas-de-atividade/cultura/plano-estrategico-municipal-da-cultura-para-o-concelho-de-leiria>

Santos, C. (06 de setembro de 2021). Escola 6ª Linha junta várias gerações em acampamento musical na Boa Vista. *Jornal Região de Leiria*. <https://www.regiaodeleiria.pt/2021/09/escola-6a-linha-junta-varias-geracoes-em-acampamento-musical-na-boa-vista/>

Singly, François de (2011). *Sociologia da Família Contemporânea* (Mota, R. Trad. – 1980). Texto & Grafia.

Silva, P. (1993). Relação, escola, família? naturalmente, mas... in *Dossier Educação-Ensino*. Ministério da Educação, 7.

Sol, G., Sá, N., & Ferreira, V. (2021). A importância da relação escola, família e comunidade. *Publicações UEPG: Ciências Sociais Aplicadas*, 29.

Sousa, A. (2003). *Educação pela arte e artes na educação. Bases psicopedagógicas*. Instituto Piaget, 1.

Sousa, J., Kowalski, M., Lopes, M.S.P. (2020). *Educação artística. Intervenção e investigação em contextos escolares*. CICS.NOVA.IPLeiria.

Sousa, M. M. de, & Sarmento, T. (2010). *Escola-família-comunidade: uma relação para o sucesso educativo. Gestão e Desenvolvimento*, (17-18), 141-156.

Vasconcelos, T., Rocha, C., Loureiro, C., de Castro, J., Menau, J., Sousa, O., Hortas, M. J., Ramos, M., Ferreira, N., Melo, N., Rodrigues, P. F., Mil-Homens, P., Fernandes, S. R., Alves, S. (2012). *Trabalho por projetos na educação de infância*. DGIDC

ANEXOS

ANEXO 1 “CONSENTIMENTO E AUTORIZAÇÃO”

Consentimento Informado e Autorização

O meu nome é Sofia Teixeira, sou professora de dança criativa no Jardim de Infância de Santa Eufémia e estou a concluir o meu mestrado em Intervenção e Animação Artísticas na Escola Superior de Educação e Ciências Sociais, do Politécnico de Leiria. No âmbito do trabalho final, sob a orientação da Professora Sandrina Milhano e da Professora Clara Leão, perspetiva-se realizar um projeto que tem por objetivo desenvolver um trabalho criativo e artístico com as crianças que as leve a conhecerem-se melhor e a conhecerem melhor o património cultural de Santa Eufémia, envolvendo as suas famílias e a restante comunidade.

O projeto irá decorrer neste jardim de infância durante o horário das Atividades de Apoio e Animação à Família, entre fevereiro e maio de 2022. Para a realização deste projeto é necessário recolher dados sobre o seu educando (através de conversas, observação, realização de atividades e/ ou outros) incluindo fotografias que serão inseridas num caderno de memórias e entregues às crianças e respetivos encarregados de educação no final do projeto. Assim, venho pedir a sua autorização para que o seu educando participe neste projeto, comprometendo-me a respeitar as opções dos encarregados de educação e das crianças, a garantir a confidencialidade e a proteção dos dados e de imagem de todos os participantes.

Agradecemos, desde já, a atenção dispensada.

Com os melhores cumprimentos,
Sofia Teixeira
(Mestranda em Intervenção e Animação Artísticas)
sofia.aranda.dteixeira@gmail.com

Autorização

Eu, _____ Encarregado(a)

de Educação de _____

*autorizo / não autorizo a participação do meu educando neste projeto. *(rodeie a opção que deseja)

Autorizo a captação de fotografias e vídeos do/a meu/minha educando/a.

Não autorizo a captação de fotografias e vídeos do/a meu/minha educando/a.

ANEXO 2 – QUESTIONÁRIO ÀS EDUCADORAS E ANIMADORA SOCIOCULTURAL

Projeto "Do Lapedo a Santa Eufémia"

O seguinte questionário por inquérito acontece no âmbito do projeto de Mestrado em Intervenção e Animação Artísticas da Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Politécnico de Leiria, "Do Lapedo a Santa Eufémia" - A Expressão Artística como Veículo de Conhecimento e Aproximação da Comunidade" realizado pela aluna Sofia Aranda Duarte Teixeira.

Este questionário é dirigido às duas educadoras do Jardim de Infância de Santa Eufémia e à Animadora Sociocultural do Lar Quinta Eira da Torre na freguesia de Santa Eufémia, e pretende conhecer as suas perceções sobre o desenvolvimento do projeto acima mencionado.

A duração deste questionário é de aproximadamente 3 minutos.

Os dados serão tratados só para fins académicos. É garantida a confidencialidade e o anonimato dos mesmos, respeitando o Regulamento Geral de Proteção de Dados.

Agradeço, desde já, a vossa atenção dispensada.

De que forma é que consideram que o projeto contribuiu para a comunidade (crianças, famílias, educadores, lar)? As crianças e as famílias foram fazendo comentários a respeito do projeto? Como por exemplo? *

O projeto foi bastante enriquecedor na medida em que permitiu dar a conhecer, a todos os envolvidos, um marco significativo da evolução da espécie humana e suas principais características. O fato do vale do menino do Lapedo estar situado na freguesia de Santa Eufémia, proporcionou e aguçou a curiosidade para um real envolvimento, tanto das crianças como dos pais. Essa curiosidade e envolvimento verificou-se aquando da divulgação por parte das crianças em casa e das posteriores visitas que algumas famílias disseram ao local, fora do contexto em que o projeto estava a ser desenvolvido. Outra manifestação de apreço verificou-se na adesão das famílias à visita/lanche ao local, desafio lançado pela responsável do projeto, e que de acordo com os relatos do fim de semana em contexto de sala, revelou-se bastante positivo.

Outro fator abonatório ao projeto, prende-se com a valorização do brincar heurístico, onde a criança descobre, explora e inventa, através de materiais naturais e não estruturados as aprendizagens. Durante todo o projeto, foi evidente o envolvimento e agrado dos pais. Foi visível pelo feedback positivo, tanto em comentários pelo grupo Whatsapp, criado pela responsável, para partilha e acompanhamento das atividades desenvolvidas, como por comentários presenciais à responsável de estabelecimento, como: "Uma atividade com grande valor cultural" ou "Foi das poucas vezes que o S. partilhou o que fez na escola"....entre outros igualmente significativos.

O projeto foi sem dúvida uma mais valia para educadoras, assistentes operacionais, pais e acima de tudo para as crianças do J.I. de Santa Eufémia

Tem intenção de continuar a desenvolver a temática da História do Menino do Lapedo? De *
que forma?

Sem dúvida. Uma das formas seria assinalar "o dia do Menino do Lapedo", e realizar atividades que fossem ao encontro do desenvolvido neste projeto, de forma a dar continuidade ao mesmo.

Tem sugestões ou outras considerações a acrescentar sobre a dinamização, o projeto e a exposição?

Durante todo o processo, considero ter existido um amadurecimento das partes envolvidas. O fato de, no grupo, estarem integradas crianças muito novas, cuja maturidade podia comprometer a dinâmica do projeto, ou serem demasiados participantes, pudesse dispersar o foco... foi ultrapassado pela crescente cumplicidade criada entre as crianças e a dinamizadora do projeto. Foi notório o crescente grau de respeito, envolvimento e dedicação ao projeto exposto.

Obrigada pelo tempo dispensado!

Sofia Teixeira/ Mestranda em Intervenção e Animação Artísticas / Projeto do "Lapedo a Santa Eufémia"

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pela Google.

Google Formulários

Projeto "Do Lapedo a Santa Eufémia"

O seguinte questionário por inquérito acontece no âmbito do projeto de Mestrado em Intervenção e Animação Artísticas da Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Politécnico de Leiria, "Do Lapedo a Santa Eufémia" - A Expressão Artística como Veículo de Conhecimento e Aproximação da Comunidade" realizado pela aluna Sofia Aranda Duarte Teixeira.

Este questionário é dirigido às duas educadoras do Jardim de Infância de Santa Eufémia e à Animadora Sociocultural do Lar Quinta Eira da Torre na freguesia de Santa Eufémia, e pretende conhecer as suas perceções sobre o desenvolvimento do projeto acima mencionado.

A duração deste questionário é de aproximadamente 3 minutos.

Os dados serão tratados só para fins académicos. É garantida a confidencialidade e o anonimato dos mesmos, respeitando o Regulamento Geral de Proteção de Dados.

Agradeço, desde já, a vossa atenção dispensada.

De que forma é que consideram que o projeto contribuiu para a comunidade (crianças, famílias, educadores, lar)? As crianças e as famílias foram fazendo comentários a respeito do projeto? Como por exemplo? *

O projeto foi muito interessante envolveu e motivou crianças e famílias. As crianças falavam do projeto muitas vezes.

Tem intenção de continuar a desenvolver a temática da História do Menino do Lapedo? De que forma? *

Acho interessante dar continuidade, no entanto como sou contratada, não estarei neste estabelecimento no próximo ano.

Tem sugestões ou outras considerações a acrescentar sobre a dinamização, o projeto e a exposição?

Acho que foi muito bem conseguido, com muito empenho e dedicação. O resultado na minha opinião foi muito bom! Não acrescentaria ou modificaria nada em relação ao que foi feito.

Projeto "Do Lapedo a Santa Eufémia"

O seguinte questionário por inquérito acontece no âmbito do projeto de Mestrado em Intervenção e Animação Artísticas da Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Politécnico de Leiria, "Do Lapedo a Santa Eufémia" - A Expressão Artística como Veículo de Conhecimento e Aproximação da Comunidade" realizado pela aluna Sofia Aranda Duarte Teixeira.

Este questionário é dirigido às duas educadoras do Jardim de Infância de Santa Eufémia e à Animadora Sociocultural do Lar Quinta Eira da Torre na freguesia de Santa Eufémia, e pretende conhecer as suas perceções sobre o desenvolvimento do projeto acima mencionado.

A duração deste questionário é de aproximadamente 3 minutos.

Os dados serão tratados só para fins académicos. É garantida a confidencialidade e o anonimato dos mesmos, respeitando o Regulamento Geral de Proteção de Dados.

Agradeço, desde já, a vossa atenção dispensada.

De que forma é que consideram que o projeto contribuiu para a comunidade (crianças, famílias, educadores, lar)? As crianças e as famílias foram fazendo comentários a respeito do projeto? Como por exemplo? *

O projeto foi muito interessante envolveu e motivou crianças e famílias. As crianças falavam do projeto muitas vezes.

Tem intenção de continuar a desenvolver a temática da História do Menino do Lapedo? De que forma? *

Acho interessante dar continuidade, no entanto como sou contratada, não estarei neste estabelecimento no próximo ano.

Tem sugestões ou outras considerações a acrescentar sobre a dinamização, o projeto e a exposição?

Acho que foi muito bem conseguido, com muito empenho e dedicação. O resultado na minha opinião foi muito bom! Não acrescentaria ou modificaria nada em relação ao que foi feito.

Projeto "Do Lapedo a Santa Eufémia"

O seguinte questionário por inquérito acontece no âmbito do projeto de Mestrado em Intervenção e Animação Artísticas da Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Politécnico de Leiria, "Do Lapedo a Santa Eufémia" - A Expressão Artística como Veículo de Conhecimento e Aproximação da Comunidade" realizado pela aluna Sofia Aranda Duarte Teixeira.

Este questionário é dirigido às duas educadoras do Jardim de Infância de Santa Eufémia e à Animadora Sociocultural do Lar Quinta Eira da Torre na freguesia de Santa Eufémia, e pretende conhecer as suas perceções sobre o desenvolvimento do projeto acima mencionado.

A duração deste questionário é de aproximadamente 3 minutos.

Os dados serão tratados só para fins académicos. É garantida a confidencialidade e o anonimato dos mesmos, respeitando o Regulamento Geral de Proteção de Dados.

Agradeço, desde já, a vossa atenção dispensada.

De que forma é que consideram que o projeto contribuiu para a comunidade (crianças, famílias, educadores, lar)? As crianças e as famílias foram fazendo comentários a respeito do projeto? Como por exemplo? *

eiradatorre@gail.com

As atividades desenvolvidas no lar, tiveram algum impacto nos idosos, principalmente nos que são desta zona geográfica porque já tinham ouvido falar no menino do Lapedo. Foi uma forma de estimular a memória e de adquirirem outros conhecimentos relativos à história do Menino do Lapedo. Os comentários por parte dos idosos foram relativos à presença das crianças no lar.

Tem intenção de continuar a desenvolver a temática da História do Menino do Lapedo? De que forma? *

Não estava nos nossos projetos, mas pode ser um tema interessante a desenvolver. Por exemplo dar continuidade à história, imaginando a viagem do menino do Lapedo para o além.

Tem sugestões ou outras considerações a acrescentar sobre a dinamização, o projeto e a exposição?

Não. Gostámos da forma como foram dinamizadas as atividades do projeto.

FIGURA 1 – BRINCADEIRAS FAVORITAS – EXEMPLOS



FIGURA 2 – BRINCADEIRA COM O GIZ



FIGURA 3 – PROCESSO DA ATIVIDADE “O QUE EU MAIS GOSTO NA MINHA ESCOLA É...”



FIGURA 4 – PROCESSO “O MEU BRINQUEDO FAVORITO É...”



FIGURA 5 – RESULTADO DA “PINTURA MALUCA”



FIGURA 6 – “PINTAR LIVREMENTE”



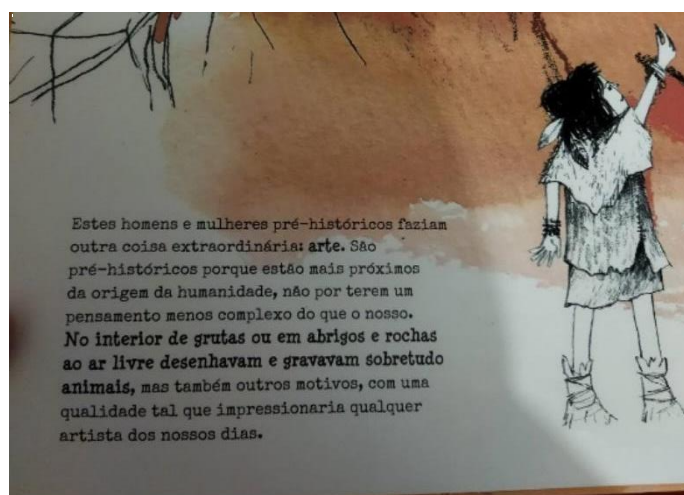
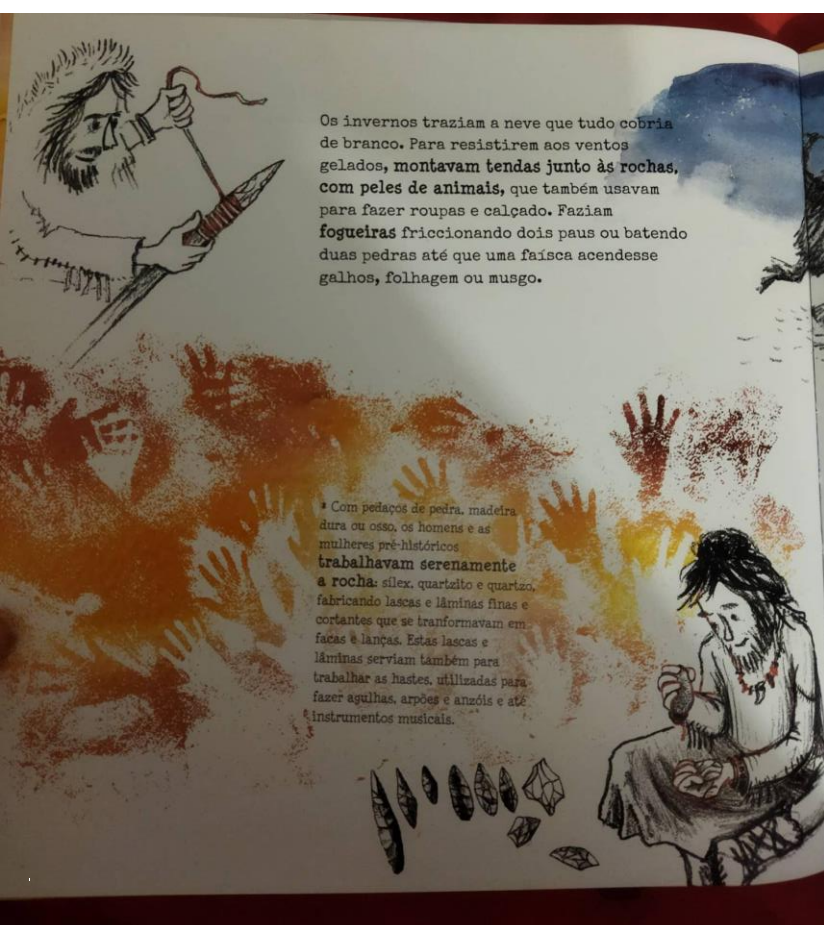
FIGURA 7 – “LIVRE PINTURA!”



FIGURA 8 – O LIVRO “O MENINO DO LAPEDO”



FIGURA 9 – PARTES DO LIVRO



Tema sobre a família

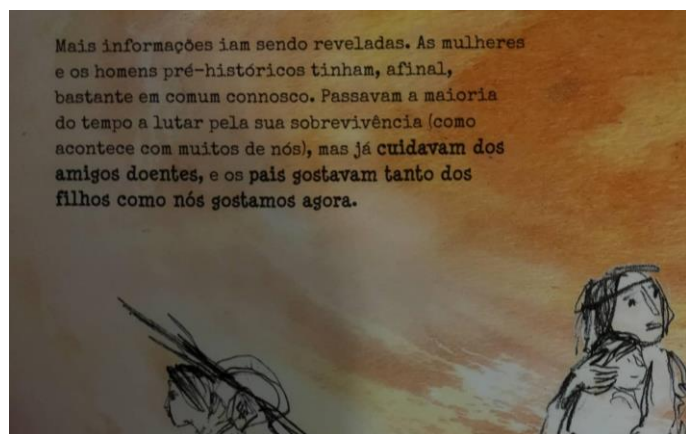


FIGURA 10 – A PRIMEIRA GRUTA



FIGURA 11 – “CONSTRUIR E VIVER NA GRUTA” (IMAGENS DE UM VÍDEO)



FIGURA 12 – “GRUTA, FOGUEIRAS E...TEATRO DE SOMBRAS!”



FIGURA 13 – “FOGUEIRAS CRIATIVAS!”



Escolha dos materiais para a construção da gruta



1º grupo a construir a sua fogueira



2º grupo a construir a sua fogueira



3º grupo a construir a sua fogueira



Um dos grupos explica aos restantes colegas o processo de construção da sua fogueira

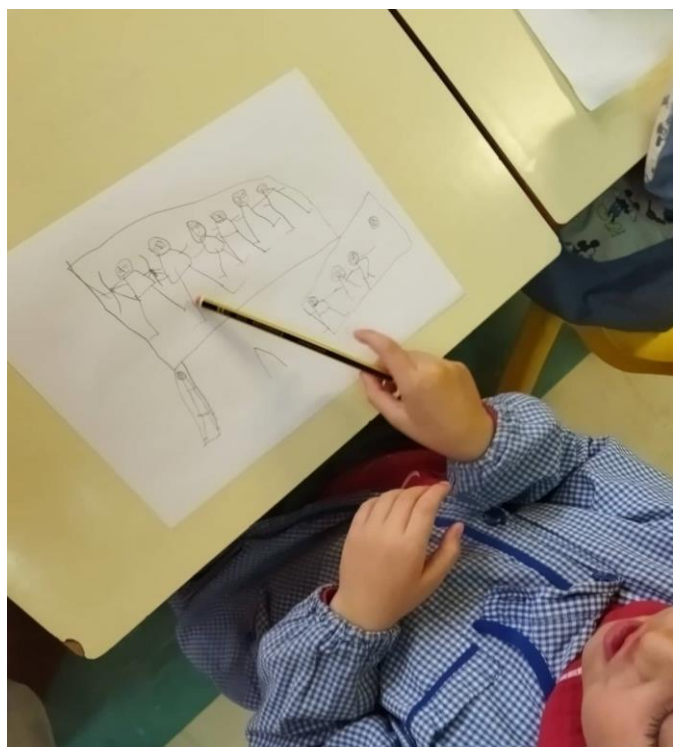
FIGURA 14 – “ATIVIDADE FINAL DA SEMANA – GRUTAS, FOGUEIRAS, TEATRO DE SOMBRAS”



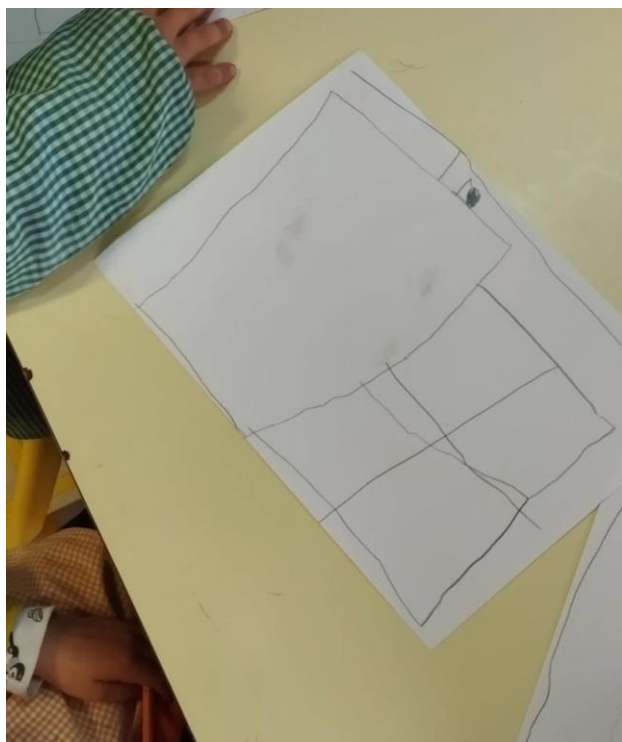
"Esta é a família do Lapedo e a gruta deles"



"São os meninos do Lapedo, a gruta e a fogueira aqui no meio!"



"Eu desenhei os meninos a construir a caverna e os chefes e isto somos nós, Meninos do Lapedo dentro da gruta!"



"Estou a fazer a gruta que é muito grande!"

FIGURA 15 – PINTURAS RUPESTRES INDIVIDUAIS



FIGURA 16 - PINTURAS RUPESTRE COLETIVA





Primeira parte da pintura rupestre coletiva



Segunda parte da pintura rupestre coletiva

FIGURA 17 – “MARCA DA MÃO NO MUNDO”



**FIGURA 18 – “DESAFIO EM FAMÍLIA – PALAVRAS ENGRAÇADAS EM BEBÉ” – ALGUNS
EXEMPLOS**

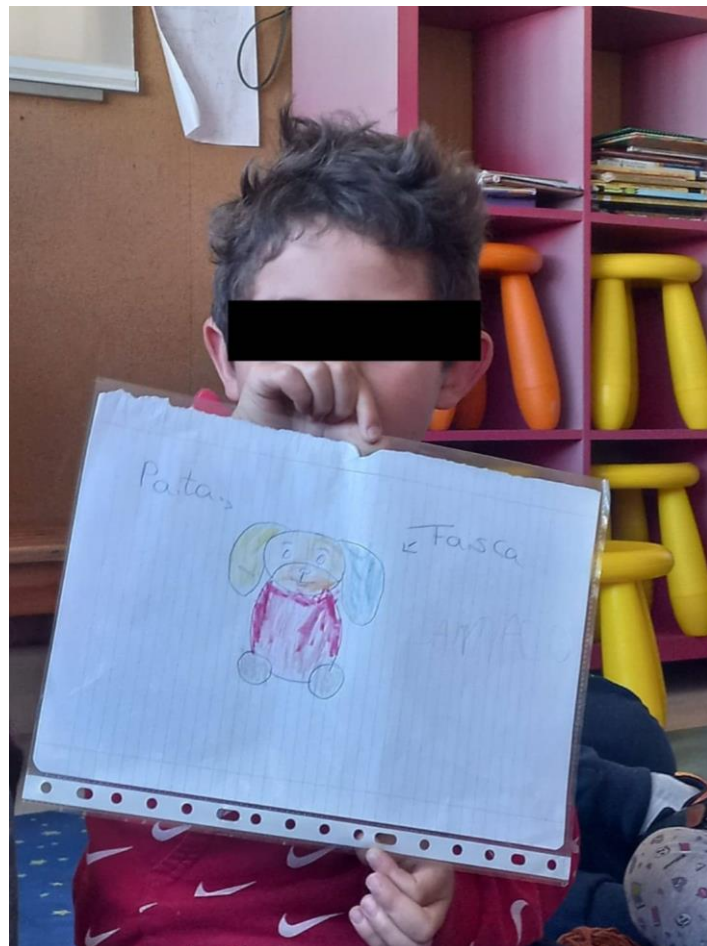


FIGURA 19 – MONTAGEM DO BONECO DO LAPEDO

Apoio do artista António Palmeira

Fotografia captada por uma criança



Processo de montagem das várias partes do corpo do Boneco de Esponja



FIGURA 20 –TEATRO DE MARTIONETAS E OFICINA CHAPÉUS DE ESPONJA NO MUSEU DE LEIRIA



FIGURA 21 – PINTAR O BONECO DO LAPEDO E FAZER DESENHO DA MONTAGEM





FIGURA 23 – PÔR O CABELO AO BONECO DO LAPEDO



FIGURA 24 – PREPARAÇÃO DO ENCONTRO COM O LAR



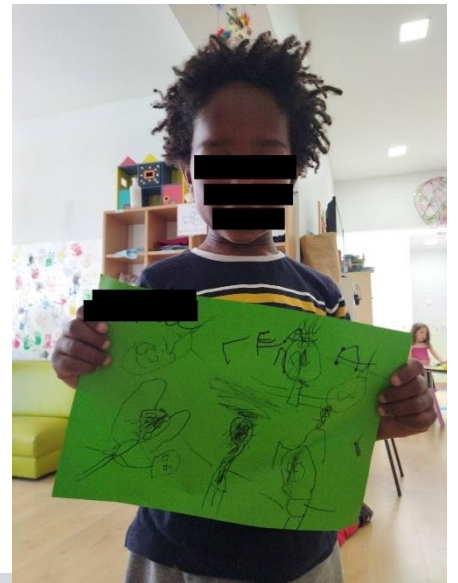


FIGURA 25 – CONVERSA COM O BONECO DO LAPEDO ANTES DO PRIMEIRO ENCONTRO COM O LAR



FIGURA 26 – PRIMEIRO ENCONTRO COM O LAR



Bisavô a ver a prenda criada pelos bisnetos

Fotografia captada pelo Lar. Idosos a observarem os trabalhos das crianças - "Pintura rupestre coletiva sobre o Vale do Lapedo"



Apresentação das prendas que cada um fez para o Lar



FIGURA 27 – VISUALIZAÇÃO DO VÍDEO COM FOTOS DO PROJETO



FIGURA 28 – CELEBRAÇÃO DO DIA MUNDIAL DA DANÇA COM O LAR





**FIGURA 29 – DECORAÇÃO DOS PORTFÓLIOS – DESENHO, PINTURA E ESTAMPAGEM
DE FOLHAS**

Visualização dos portfólios



Desenho para colocar na capa do portfólio





Estampagem das folhas





FIGURA 30 – A FAMÍLIA DO MENINO DO LAPEDO – ATIVIDADE COM CAIXAS DE OVO



Detalhes das criações





Resultados das criações "Famílias do Lapedo" em caixas de ovo



Três dos seis grupos com as suas criações



Três grupos com as suas criações

FIGURA 31 – VISITA DAS FAMÍLIAS AO CIALV



FIGURA 32 – BRINCADEIRAS TÍPICAS DE INFÂNCIA



Berlinde



Jenga



Brincar ao peão







Jogo de pontaria



Fazer bonecos da natureza





Corrida em saco de batatas

Jogo de forças - puxar a corda



FIGURA 33 – “FOTOGRAFIAS DAS FAMÍLIAS” - EXEMPLOS

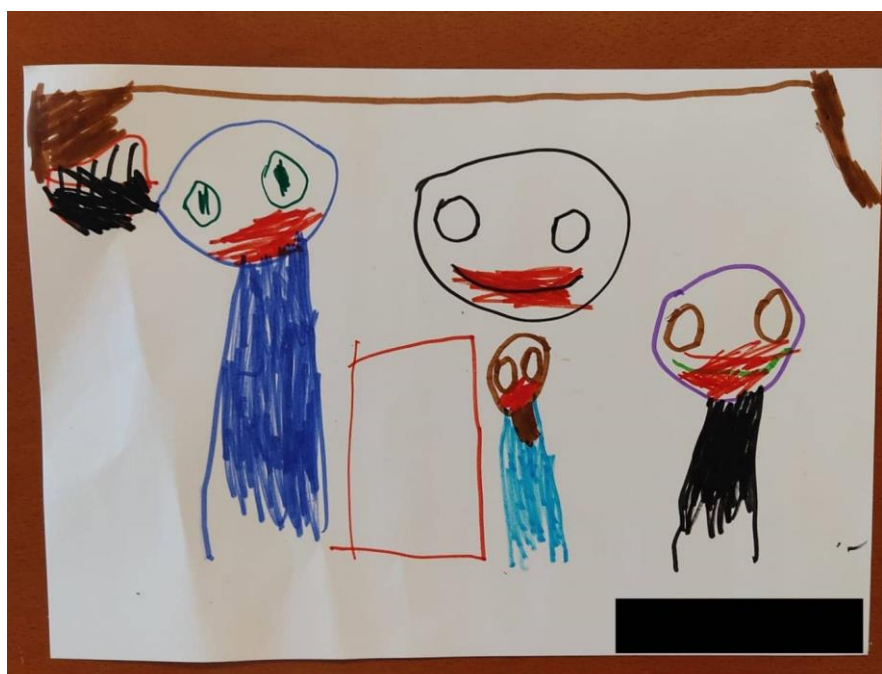


FIGURA 34 – VISITA DO AVÓ HERNÂNI – BRINCAR AO PEÃO



FIGURA 35 – ÚLTIMO ENCONTRO COM O LAR – PINTURAS RUPESTRES



FIGURA 36 – VISITA FAMILIAR AO VALE DO LAPEDO





FIGURA 37 – ATIVIDADE FAVORITA DO PROJETO





"A gruta e o Menino do Lapedo foi o que mais gostei de fazer!"



"É a fogueira de pedras perto da gruta!"

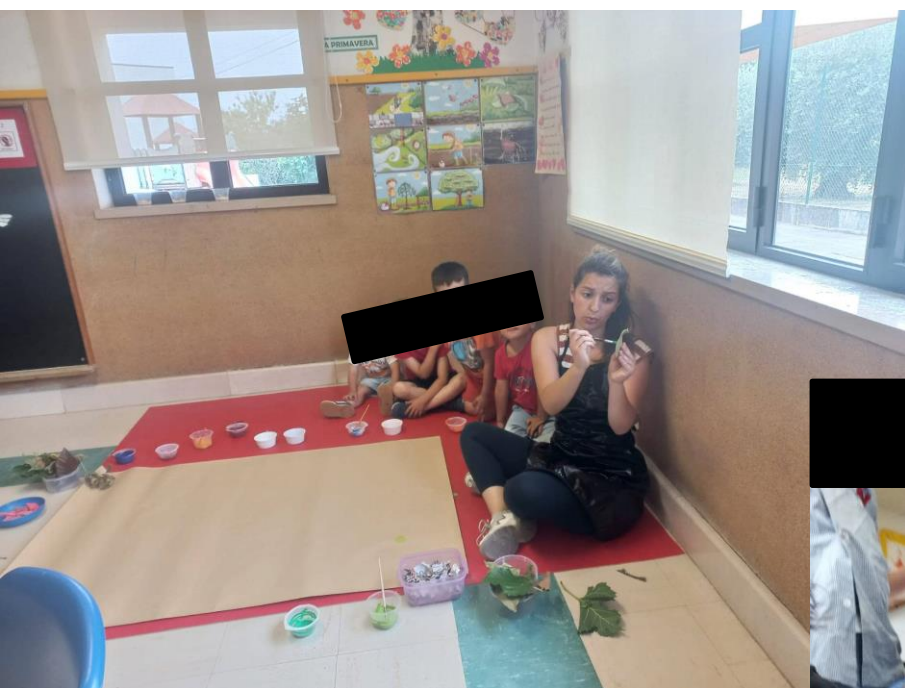


"Somos nós, Meninos do Lapedo, dentro da gruta e tem uma fogueira também!"

FIGURA 38 – PREPARAÇÃO E MONTAGEM DA EXPOSIÇÃO



Antes e Depois da realização do Cartaz "Do Lapedo a Santa Eufémia"



Processo de realização do cartaz





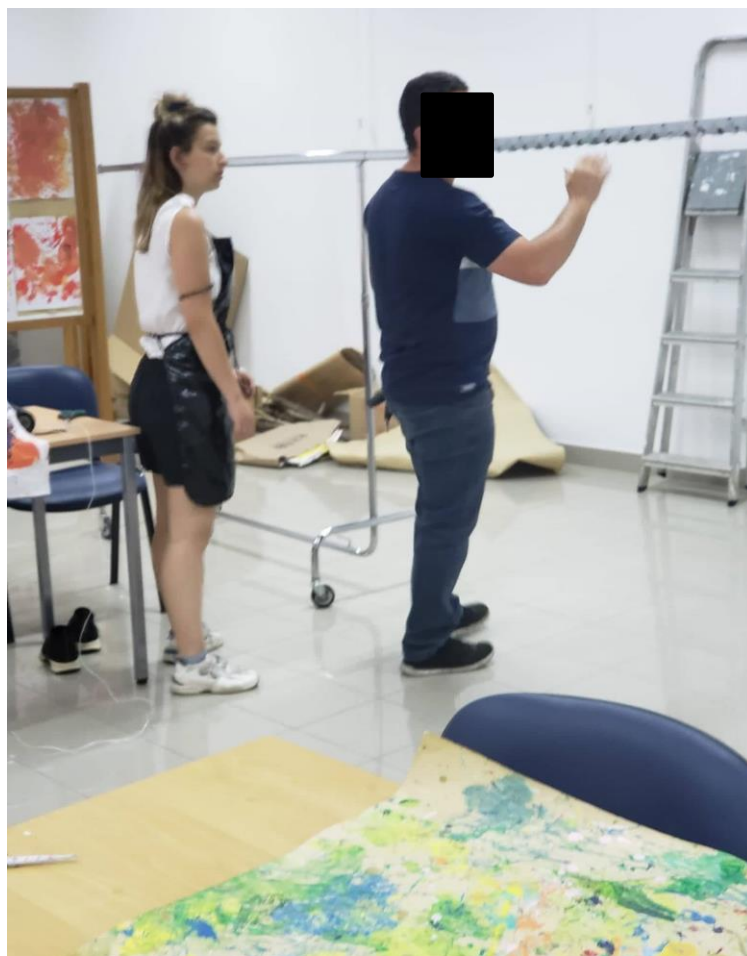
Auditório da Junta de Freguesia antes da exposição



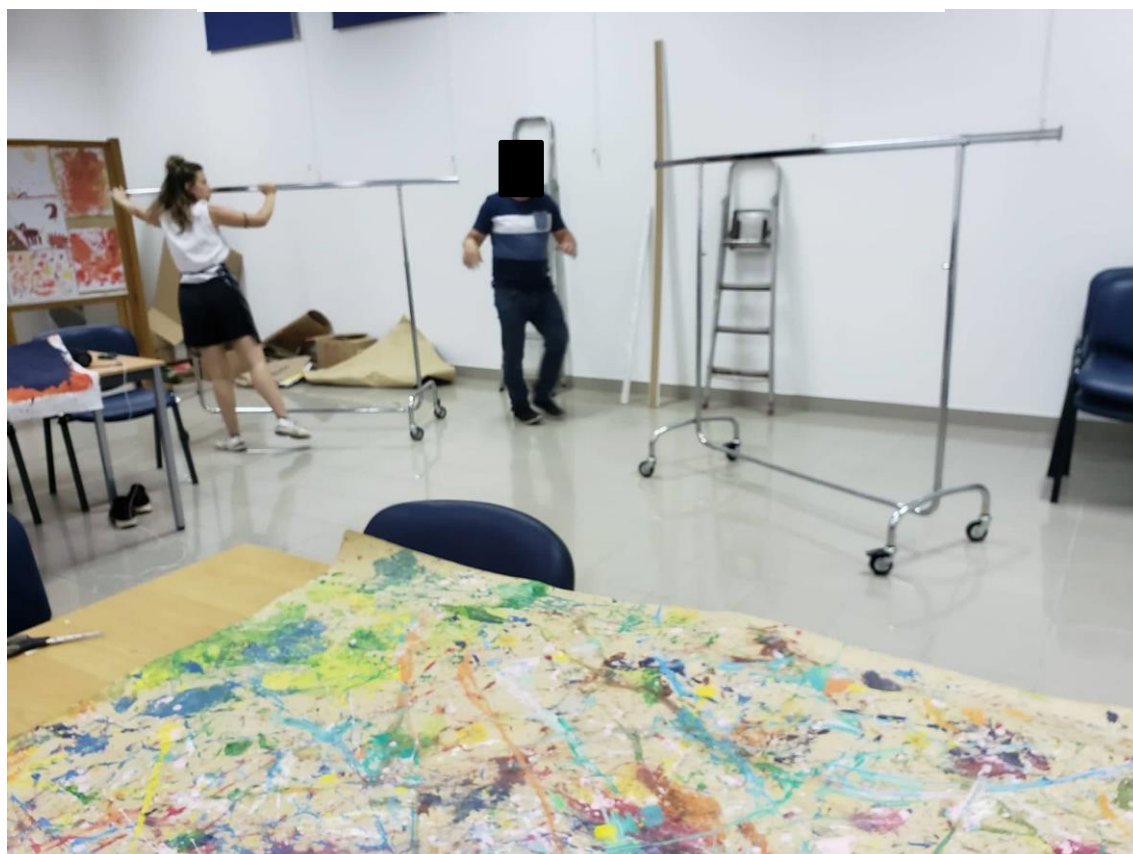


Apoio da colega de mestrado Lara Franco





Ajuda de um pai na montagem da exposição





CARTAZ - ESECS



CARTAZ POSTO MÉDICO SANTA EUFÉmia



CARTAZ CAFÉ SANTA EUFÉmia



CARTAZ JUNTA DE FREGUESIA DE SANTA EUFÉmia

FIGURA 39 – MONTAGEM D EXPOSIÇÃO -IDA AO AUDITÓRIO



FIGURA 40 “A EXPOSIÇÃO DO LAPEDO A SANTA EUFÉmia”



Trabalhos expostos



Trabalhos expostos - Marca da Mão no Mundo - Pinturas Rupestres e Portfólios



Boneco do Lapedo



Brincar na gruta e teatro de sombras





Entrada na exposição através do caminho de ramos, pedras e folhas de árvore

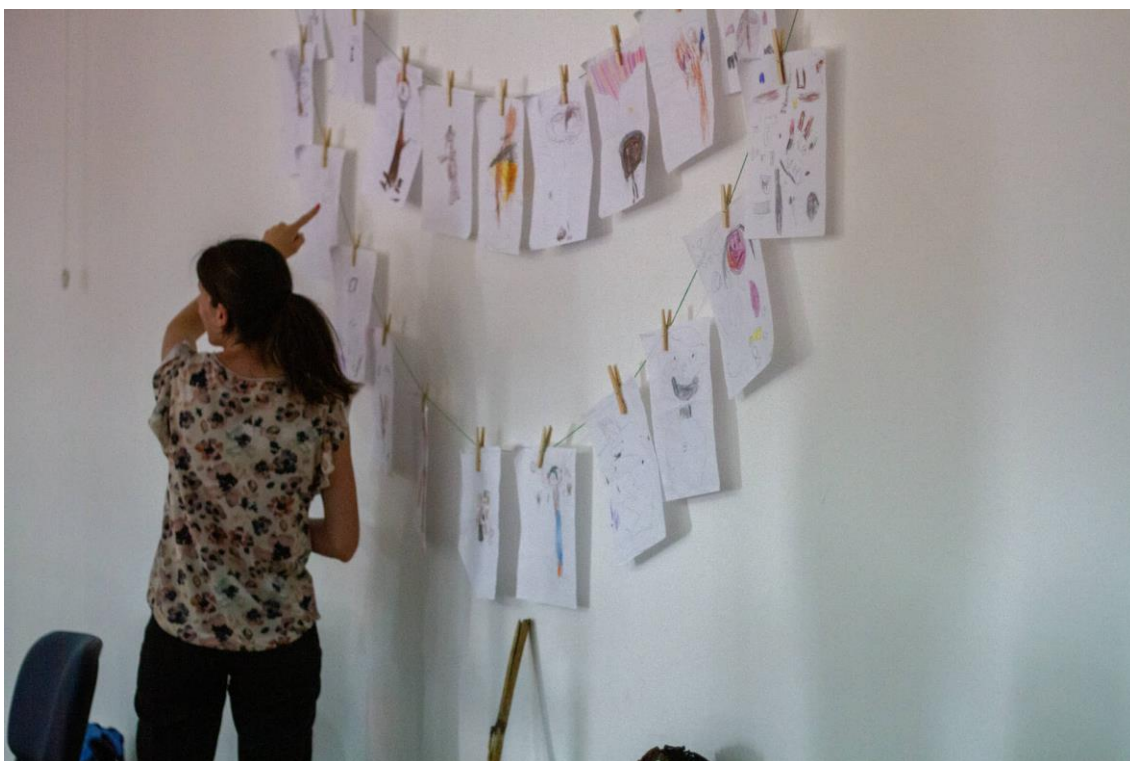


Saco de pano oferecido e criado pelas crianças e educadora



Famílias a ver os portfólios





Mãe a ver os desenhos relativos à montagem do Boneco do Lapedo em esponja





Crianças participantes a apresentar as suas ideias através de desenhos no Mural de Opiniões





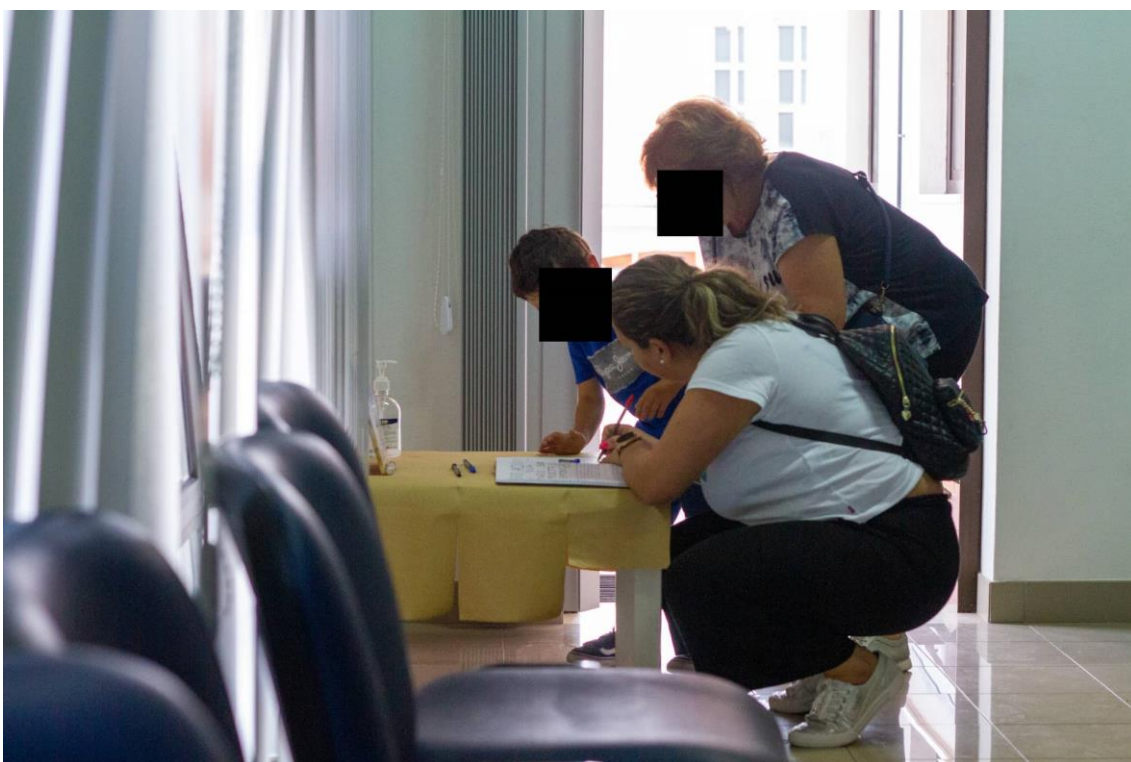
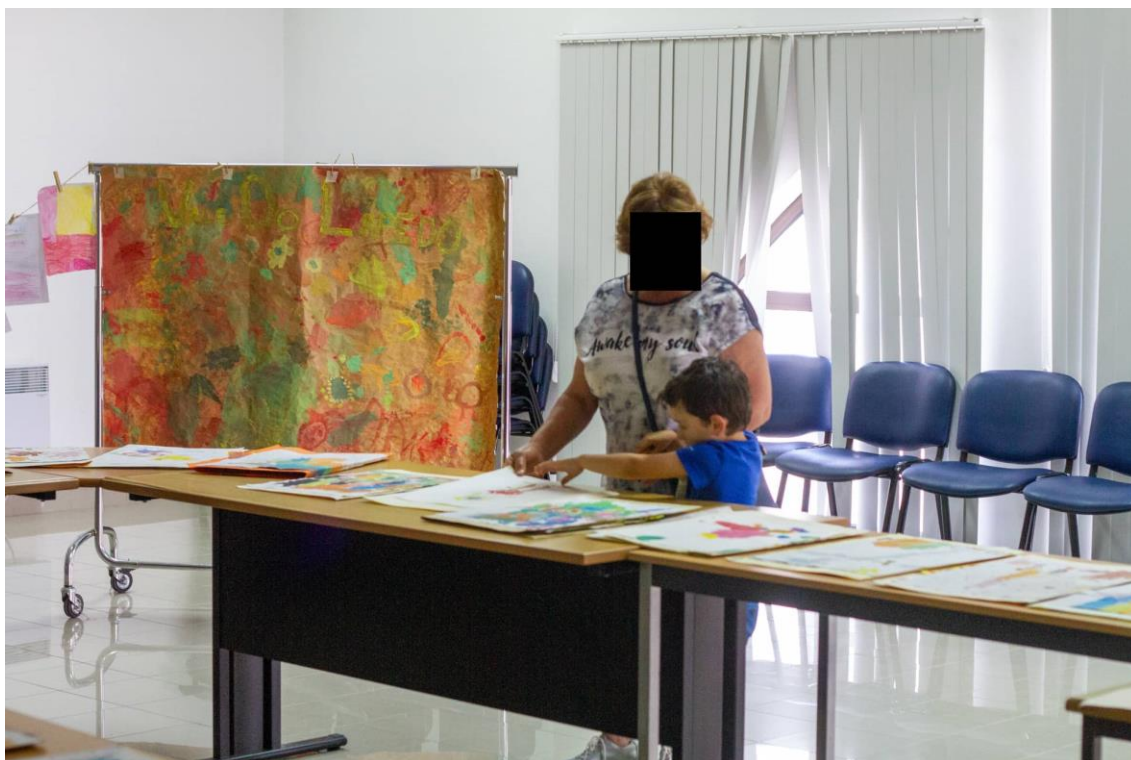
Uma mãe a escrever o seu comentário sobre o projeto e a exposição no Caderno de Opiniões





Mãe com os seus filhos a visualizar a projeção do vídeo de momentos do projeto





Uma mãe e uma avó a escrever um comentário no Caderno de Opiniões



A mãe e a sua filha a verem o cartaz de preparação do encontro com o Lar





Estendal relativos aos desenhos sobre a atividade favorita do projeto. A mãe a observar o trabalho do seu filho.





**FIGURA 41 – VISITA DAS CRIANÇAS DO JI, RESTANTES FAMÍLIAS E LAR
EIRA DA TORRE À EXPOSIÇÃO**



Crianças do JI com as educadoras e auxiliares a visitar a exposição após a inauguração



Mãe a ver a exposição com o seu filho noutro dia após a inauguração





Idosos e trabalhadores do Lar Eira da Torre a visitar a exposição após a inauguração



